



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**LUCAS WAGNER BRÍGIDO FEITOSA**

**A METAPSICOLOGIA FREUDIANA E A TOPOLOGIA LACANIANA:  
FORMALIZAÇÃO E TRANSMISSÃO DO SABER CLÍNICO**

**FORTALEZA**

**2023**

LUCAS WAGNER BRÍGIDO FEITOSA

A METAPSIKOLOGIA FREUDIANA E A TOPOLOGIA LACANIANA:  
FORMALIZAÇÃO E TRANSMISSÃO DO SABER CLÍNICO

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Linha de Pesquisa: Teorias e Práticas da Psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Laéria Bezerra Fontenele

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

F336m Feitosa, Lucas Wagner Brígido.  
A metapsicologia freudiana e a topologia lacaniana : Formalização e transmissão do saber clínico / Lucas  
Wagner Brígido Feitosa. – 2023.  
160 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Profª. Dra. Laéria Bezerra Fontenele.

1. Psicanálise e Ciência. 2. Metapsicologia e Topologia. 3. Sintoma e Sexualidade. 4. Formalização  
teórica e Transmissão. I. Título.

CDD 150

---

LUCAS WAGNER BRÍGIDO FEITOSA

A METAPSICOLOGIA FREUDIANA E A TOPOLOGIA LACANIANA:  
FORMALIZAÇÃO E TRANSMISSÃO DO SABER CLÍNICO

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia.

Linha de Pesquisa: Teorias e Práticas da Psicanálise.

Aprovada em: 26/10/2023

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Laéria Bezerra Fontenele (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Caciana Linhares Pereira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Orlando Soeiro Cruxên  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **Agradecimentos**

À minha professora orientadora, Laéria Fontenele, que não apenas aceitou embarcar nessa aventura comigo, como também me forneceu precioso suporte para conseguir navegar nesse mar nada simples. Sem a escuta dela, essa pesquisa não teria ocorrido. Na minha memória, estarão sempre as aulas, as reuniões, as orientações, as leituras em conjunto, as correções, todo o auxílio diante das inquietações.

Aos professores que aceitaram prontamente participar da banca examinadora – professora Caciana Linhares e professor Orlando Cruxên. Os questionamentos, a leitura atenciosa e as pontuações valiosas dos dois foram de suma importância para esse trajeto.

À minha família pelo apoio material nos piores momentos da pandemia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro.

Ao Laboratório de Psicanálise da UFC, pelo espaço e pela confiança.

Aos colegas interessados pela pesquisa; suas perguntas foram notadas. Tendo em mente a colaboração de vocês, espero que essa pesquisa forneça não apenas um estímulo para cada um diante de suas próprias questões, mas também um solavanco para colocá-las em movimento.

Ao meu analista, Antonio Secundo, por escutar em mim mais do que eu.

Ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Fortaleza. Não se trabalha sozinho.

“Nossa vida é um nó” (Leonídia Brígido, minha avó materna).

## Resumo

A presente dissertação consiste no relato da pesquisa que teve por base a premissa segundo a qual existiria um vínculo que poderia ser estabelecido entre a metapsicologia freudiana e a topologia lacaniana. A metodologia adotada para dar conta do problema levantado procurou conjugar o estudo teórico de textos escolhidos a partir de critérios elaborados em sua vinculação com o objetivo da pesquisa e procurou manter em vinculação indissociável a clínica psicanalítica com a sua formalização teórica. Mais precisamente, o seu encaminhamento consistiu no escrutínio das condições que são supostas de permearem esse enlace, e dois de seus efeitos principais: a formalização e a transmissão do saber clínico psicanalítico. Para tanto, foi examinado primeiramente, o vínculo da psicanálise com a ciência antiga e a ciência moderna, que possibilitou seu surgimento. Realizou-se, em seguida, a delimitação dos invariantes depurados da metodologia topológica freudiana e a demonstração do modo como eles tornaram possíveis as conceituações e esquematizações metapsicológicas. Do tratamento desses invariantes, os quais se encontram na base da articulação metapsicológica, depreendeu-se uma consideração da topologia já em Freud, a qual remete à atemporalidade do inconsciente. Esse momento da pesquisa também foi dedicado à retomada de pontos relacionados aos desenvolvimentos topológicos de Lacan através de aspectos conjuntamente concernidos na metodologia topológica freudiana, sendo eles: linguagem, lógica, tempo-espço e sexo. Além disso, estiveram em pauta as possibilidades do surgimento, da formalização e de transmissão da psicanálise. Os elementos do enlace proposto no estudo – metapsicologia e topologia – apresentaram em comum a questão da formalização e a posterior transmissão, que levam em conta a singularidade clínica e evitam que esta se transmute no inefável místico ou no indizível. O terceiro momento da investigação consistiu no exame da dimensão clínica do enlace entre topologia e metapsicologia, e adotou, para tanto, o sintoma como sua questão de base, tendo colocado em destaque que o *logos* analítico advém do *pathos*. Conclui-se que Freud se distanciou da nosologia e da nosografia de sua época e que Lacan articulou dois modos de pensar a clínica: a estrutural e a borromeana.

**Palavras-chave:** psicanálise e ciência; metapsicologia e topologia; sintoma e sexualidade; formalização teórica e transmissão.

## Abstract

This master's dissertation consists of a report on the research that was based on the premise that there would be a link that could be established between Freudian metapsychology and Lacanian topology. The methodology adopted to address the problem raised sought to combine the theoretical study of texts chosen based on criteria drawn up in connection with the objective of the research and sought to maintain in inseparable connection the psychoanalytic clinic with its theoretical formalization. More precisely, its direction consisted of scrutinizing the conditions that are supposed to permeate this link, and two of its main effects: the formalization and the transmission of the psychoanalytic clinical knowledge. For this purpose, the link between psychoanalysis, ancient science and modern science, which enabled its emergence, was first examined. Next, the delimitation of the invariants refined from the Freudian topological methodology was carried out, and the way in which they made metapsychological conceptualizations and schematizations possible was demonstrated. From the treatment of these invariants, which are at the basis of metapsychological articulation, a consideration of topology was inferred already in Freud, which refers to the timelessness of the unconscious. This moment of research was also dedicated to resuming points related to Lacan's topological developments through aspects jointly concerned with Freud's topological methodology, namely: language, logic, time-space and sex. Furthermore, the possibilities for the emergence, formalization and transmission of psychoanalysis were under discussion. The elements of the link proposed in the study – metapsychology and topology – presented in common the issue of formalization and the subsequent transmission, which take into account the clinical singularity and prevent it from transmuting into the ineffable mystical or the unspeakable. The third moment of the investigation consisted of examining the clinical dimension of the link between topology and metapsychology, and for this purpose it adopted the symptom as its basic question, highlighting that the analytical *logos* comes from *pathos*. It is concluded that Freud distanced himself from the nosology and nosography of his time and that Lacan articulated two ways of thinking about the clinic: structural and Borromean.

**Keywords:** psychoanalysis and science; metapsychology and topology; symptom and sexuality; theoretical formalization and transmission.

## Lista de Figuras

### **Figura 1**

*Acima fita simples, abaixo banda de Moebius com apenas uma semitorção*..... 70

### **Figura 2**

*Uma banda de Moebius*..... 74

### **Figura 3**

*Banda de Moebius após o corte do dizer em sua linha mediana*..... 75

### **Figura 4**

*Começo do grafo do desejo*..... 94

### **Figura 5**

*Do lado esquerdo, representação de Lacan; e, do lado direito, de Soury*..... 98

### **Figura 6**

*Objeto a na banda de Moebius*..... 105

### **Figura 7**

*Esquema da carta 52*..... 106

### **Figura 8**

*Esquema tópico da Traumdeutung, interpretação dos sonhos*..... 106

### **Figura 9**

*Articulação topológica apresentada por Marta Gerez-Ambertín*..... 109

### **Figura 10**

*Toro e voltas da demanda em torno do objeto a*..... 111

### **Figura 11**

*Toro e oito interior*..... 111

### **Figura 12**

*Corte no Cross-cap resultando num disco e na banda de Moebius*..... 113

**Figura 13**

*Garrada de Klein e o  $S^1$* ..... 114

**Figura 14**

*As fórmulas quânticas sem sexuação*..... 124

**Figura 15**

*As fórmulas quânticas com sexuação*..... 124

## Lista de Tabelas

### **Tabela 1**

*Contraponto entre mundo antigo e ciência moderna*..... 29

### **Tabela 2**

*Contraponto significante – letra*..... 53

### **Tabela 3**

*Tabela tropológica*..... 77

### **Tabela 4**

*Tabela metaforonímica*..... 78

### **Tabela 5**

*Termos em alemão do texto a denegação*..... 79

### **Tabela 6**

*Lógicas e proposições*..... 84

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	13
<b>2. A ciência antiga, a ciência moderna e as condições de possibilidade do surgimento da psicanálise</b> .....	22
<b>2.1 A psicanálise é uma ciência?</b> .....	22
<b>2.2 A psicanálise é uma ciência da natureza?</b> .....	31
<b>2.3 Seria a psicanálise uma mundividência?</b> .....	43
<b>2.4 O que é uma ciência que inclua a psicanálise?</b> .....	48
<b>2.5 Pode a psicanálise ser e não ser uma ciência?</b> .....	57
<b>3. O pensamento topológico: de Freud a Lacan</b> .....	64
<b>3.1 A topologia e a linguagem</b> .....	66
<b>3.2 A topologia e a lógica</b> .....	78
<b>3.3 A topologia, o tempo e o espaço</b> .....	90
<b>3.4 A topologia e o sexo</b> .....	118
<b>4. O saber do clínico na transmissão da psicanálise</b> .....	128
<b>5. Conclusão</b> .....	149
<b>Referências</b> .....	153

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa exhibe um esforço de um retorno a Freud e a Lacan. Ela visa a uma apresentação do vínculo, esquecido ou desconhecido, entre a metapsicologia freudiana e a topologia lacaniana. O que aqui será apresentado é um exame dos efeitos de um estudo dessa topologia sem perder de vista as contribuições da metapsicologia freudiana que lhe servem de aporte. Talvez o percurso se mostre excêntrico, principalmente no que concerne à topologia. No entanto, notar-se-á que aquilo que geralmente é tomado como algo puramente matemático, está na base da possibilidade de formalização e de transmissão do saber clínico.

Sobre o termo “metapsicologia”, de acordo com Paul-Laurent Assoun (1996, p. 13), numa carta a Fliess de 10 de março de 1898, carta número 84, foi como Freud chegou a nomear sua “psicologia”. Como esse nome sugere (seu prefixo “meta-”), ela está para além das explicações ligadas aos processos das psicologias clássicas da consciência, mas sem tratar o inconsciente como algo sem lógica, sem lei. Tendo em vista essa lei operativa para além de uma contemplação fenomênica, uma descrição é buscada. Essa, chamada de metapsicológica, diz respeito à apresentação dos processos psíquicos nos pontos de vista (1) tópico, (2) dinâmico e (3) econômico. A primeira possibilidade de descrição concerne aos sistemas, às instâncias, não se tratando de um modelo anatômico; a segunda aos aspectos conflitivos entre as instâncias, conflito pulsional; e a terceira é o fator quantitativo em jogo, são os investimentos, condensações e deslocamentos no aparelho psíquico. Esse último termo evidencia a “ficção metapsicológica por excelência” (Assoun, 1996, p. 59).

A metapsicologia não é um saber explicativo obstruente do psiquismo, pois, longe de uma mundividência, de uma visão de mundo, ela não opera tamponando hiências. Segundo Assoun (1996, p. 13), ela é a superestrutura teórica da psicanálise; sua identidade epistêmica; seu laboratório, construído mediante a experiência clínica, bem como de reflexões daí provenientes. Também chamada de bruxa ou de feiticeira, ela opera na torção que há de um certo universal teórico ao particular da experiência, não deixando de levar em conta o solo epistemológico barroco da psicanálise e o fruto *sui generis* desse solo: uma ciência que considera o singular e o universal em sua construção. Barroco epistemológico, como nomeia Assoun (1983, p. 135), pois longe de negar as origens, no encontro de estilos heterogêneos, Freud adapta a espaços novos os instrumentos científicos desses estilos diversos para dar conta de sua novidade: o inconsciente.

É importante ressaltar que o procedimento metapsicológico não subjuga casos a uma lei, nem a um universal determinante. O que ocorre é “um procedimento reflexivo” (Assoun, 1996, p. 50), o qual desenvolve a singularidade da experiência até um certo ponto de cristalização de um saber; e, nesse ponto de cristalização, um certo universal torna-se visível, lisível. É observável, portanto, uma referência a um universal; no entanto, esse é produto de um nó de singularidades, tratando-se assim de um universal reflexivo. Tendo em vista a (1) singularidade de cada caso; e a (2) construção de um saber elaborado a partir do trabalho compartilhado apenas entre analisante e analista (do qual só eles podem testemunhar), é sensível que se está diante de uma dificuldade da transmissão do tratamento. Aqui o papel da metapsicologia se torna explícito: possibilitar uma formalização não fixa (por ser reflexiva) para transmissão dessa ciência.

A respeito da topologia, ela se refere a uma lógica dos lugares, a um discurso dos lugares. Também chamada de geometria da folha de borracha, segundo Ian Stewart (2014), contemporâneo matemático inglês, o que importa a essa área de estudo é a continuidade, são as transformações permitidas ou não a uma mesma estrutura em momentos diversos, em tempos diferentes. Seus invariantes matemáticos são conectividade, buraco e nó. “Conectividade – quantos pedaços essa coisa tem? Buracos – é tudo uma massa só, ou há túneis que a atravessam? Nós – como é que a coisa está entrelaçada, e é possível desfazer o emaranhado?” (Stewart, 2014, p. 266). Um exemplo matemático é uma rosquinha poder se transformar, por deformação de sua superfície, numa xícara que possui uma alça, e isso, topologicamente falando, tratar-se do mesmo objeto, pois as propriedades qualitativas foram preservadas nesses momentos diversos. Nesse caso, continuou o túnel no objeto, o furo. Na psicanálise, todavia, os invariantes serão outros.

De acordo com Ivan Corrêa (2009, p. 138), invariante é uma noção da topologia introduzida pelo matemático alemão Riemann (1826 – 1866). Na topologia, diferentemente da geometria, medidas e grandezas não contam. O que interessa são as propriedades qualitativas. Essas propriedades são aquelas que, mesmo após deformações, são preservadas. Elas são chamadas de invariantes. Sobre o surgimento da topologia, segundo Ivan Corrêa (2009), no seu seminário “Da topologia à topologia”:

(...) Se vamos procurar quais foram seus fundadores, seus criadores, seus inventores, vamos encontrar variadas referências. Desde Aristóteles, os eleatas, os pré-filósofos gregos – como eram chamados os físicos – já tinham certas formulações que podem ser

consideradas como topológicas, pois envolviam questões de limite, de continuidade e de vizinhança. São essas três noções que estão presentes na topologia.

Conta-se que, um dos que foram considerados seu inventor ou descobridor, foi um russo chamado Pontryagin, o qual era cego. Qual a questão que implica o fato dele ser cego e se atribuir a ele a criação da topologia? É que sendo cego não estava limitado pela visão. Nós que não somos cegos vemos sempre um mundo tridimensional, porque nosso corpo, que é euclidiano, tem três dimensões. Pontryagin sendo cego podia ultrapassar as três dimensões, imaginar e pensar em dimensões superiores a três, num espaço pluridimensional. Ora, um certo número de corpos e superfícies topológicos, como o Plano Projetivo – o *Cross-Cap* – e a garrafa de Klein têm quatro dimensões.

Pontryagin (...) podia realizar aquilo que foi posto como subtítulo deste nosso seminário – “Da linguagem aos espaços do inconsciente”. É esta a condição da escuta psicanalítica: ultrapassar o nível do formalismo da linguagem, para atingir os espaços do inconsciente. (pp. 135-136)

Do que se trata, portanto, não é do nível da realidade, mas do nível do pensamento. Da mesma forma que as formulações topológicas não são necessariamente atreladas aos desenvolvimentos matemáticos – o que vimos na citação acima – não ocorreu uma simples importação da topologia do campo da matemática ao campo da psicanálise. Isso nos remete à atividade freudiana de não trazer modelos de outras ciências à psicanálise sem considerar a singularidade daquilo que ele queria levar ao reconhecimento científico: o inconsciente. Juan-David Nasio (2011, p 10) inclusive chega a chamar a topologia lacaniana de “topologeria”. Ela é “mostrativa e fantasística” (Nasio, 2011, p. 20). Essa palavra-valise lembra um neologismo de Lacan (1972-1973/2012): “linguisteria”, criado “para deixar a Jakobson seu domínio reservado”, ou seja, não se trata de tomar o molde dos linguistas para a psicanálise; logo, por que tomaríamos simplesmente os moldes da matemática para a psicanálise?

Com o uso da topologia efetuado por Lacan, torna-se explícito algo que já se encontrava em Freud: “sem se referir à Topologia, Freud utilizou a metodologia topológica” (Corrêa, 2009, p. 140). Suponho, tendo em mente essa metodologia freudiana, que as coordenadas da elaboração topológica lacaniana estejam mesmo na construção da metapsicologia freudiana. A metodologia topológica freudiana depura os invariantes clínicos para a produção teórica e laboratorial da metapsicologia. Segundo Ivan Corrêa (2009, p. 139), a topologia é o que permite fazer teoria a partir da experiência clínica, com isso, a clínica não cai no indizível, nem no

inefável místico; e, ao mesmo tempo, a singularidade de cada caso é preservada, pois a teoria não resta em universais determinantes.

Essa metodologia topológica freudiana expõe o cuidado da construção metapsicológica. Desde “A interpretação dos sonhos” de Freud (1900/1942), essa discussão se apresenta pontuando que a estratégia de Freud ao escolher os sonhos é que eles desvelariam um caminho que levaria ao conhecimento da estrutura do aparelho psíquico. Freud escolhe os sonhos como a *via regia* para o inconsciente, pois há a consideração por um universal que é ao mesmo tempo necessário e contingente, expondo, assim, o universal e o singular. Um exemplo da metodologia topológica, na obra freudiana, é explicitado no funcionamento regressivo do aparelho psíquico no trabalho dos sonhos: do pólo motor ao perceptivo, através da condensação e do deslocamento, os quais são os invariantes desse trabalho onírico.

A transmissão da psicanálise é um ponto importante a ser considerado no vínculo entre a metapsicologia de Freud e a topologia de Lacan, na medida em que ambas buscam produzir a formalização da experiência a partir da produção de sua esquematização e conceituação – no caso da primeira –, e da sua redução a um mínimo a ser transmitido integralmente – no caso da segunda – com vistas à transmissão de sua singularidade, numa articulação entre o possível e o impossível, entre o transmissível e o intransmissível. Nas duas obras, quanto mais o material se mostrou de difícil acesso, mais a feiticeira e a topologia se apresentaram. Contudo, as convenções teóricas para a formalização são prevenidas: não deixam de ter relação significativa com a matéria empírica da clínica (Assoun, 1996, p. 62). Nota-se que nem tudo é passível de transmissão, pois o objeto é gritante, falante, e resta algo singular inconcluso que leva à arte rigorosa do esboço a metapsicologia. Tendo em conta que a metapsicologia é trabalho de pós-escritura e a quantidade de vezes que a feiticeira foi recolocada na obra, percebe-se que há uma “reescrita indefinida da ‘coisa’ clínica” (Assoun, 1996, p. 17), e, além disso, o desejo adiado de acabamento da obra se torna notável.

No projeto para a escrita da presente dissertação, tínhamos como problema: o esquecimento da feiticeira no devir da psicanálise talvez seja o que permaneça oculto na consideração da topologia lacaniana minorando a transmissão do saber clínico. Com isso, são sensíveis algumas contribuições dessa pesquisa. Uma delas se dá pela proposição em abertura de uma leitura de algo que é tomado como obscuro na obra de Lacan: a topologia. Essa incursão da psicanálise é vista por alguns psicanalistas como “o último Lacan”. Mas não existe um “o último Lacan” solto no espaço, ou uma espécie de Lacan definitivo que daria margens a uma

interpretação de que aquilo que anteriormente foi construído por ele seria questionável, ou de menor valor; o que ocorre é o devir de um trabalho através da insistência desse psicanalista no terreno da psicanálise, trabalho que o leva ao uso do recurso topológico cada vez mais presente nos últimos seminários. Tirar a aura de insondável no uso desse recurso por alguns psicanalistas é uma justificativa para trabalho. Notar que esse artifício possui suas coordenadas já em Freud, através da metodologia topológica, é algo que permite a visualização de um solo fértil: a metapsicologia. Esse solo é aquilo que impede que a psicanálise se torne uma hermética mundividência. Com isso, também temos em mente a consideração da feiticeira nos desenhos topológicos, os quais capturam muitos analistas, não por conta da feitiçaria, mas sim por sua desconsideração, na contraparte científica extremamente rigorosa que acaba por desconsiderar a clínica e suas inovações.

Freud se utilizou de uma metodologia topológica, como diz Ivan Corrêa (2009, p. 140), e é possível também notar que a topologia diz respeito ao lugar da atemporalidade do inconsciente. Isso expõe a possibilidade da reversibilidade do tempo na psicanálise: “uma nova ‘máquina do tempo’” (Corrêa, 1997, p. 19). Opera-se cirurgicamente no passado, não desenlaçável do presente, nem daquilo que virá. Com isso, nunca será possível um simples *hic et nunc*, havendo, de fato, uma ponderação sobre os acontecimentos para além do aqui e do agora. No tratamento do sintoma, isso precisará ser levado em conta. Aqui temos em vista uma consideração do sintoma que se apresentou ao longo da pesquisa. Seguindo o protocolo elaborado através do planejamento do projeto, algo novo surgiu e precisou ser considerado. Considero um sucesso quando algo foge ao planejado da pesquisa – sinal de que houve movimento.

Ao final da obra de Freud, a teoria das construções foi um reposicionamento do estatuto da atividade ficcionante em sua teoria (Assoun, 1996, p. 70). No momento em que o material se esgota, pede-se auxílio à feiticeira. A metodologia topológica expõe que a consideração econômica (aspecto quantitativo dos investimentos com deslocamento e condensação) está mais em evidência ao final da obra freudiana, onde o fantasiar se acentua. Além disso, no final inconcluso da obra de Lacan, no sentido de uma abertura de sua obra, através de uma clínica continuísta, sem deixar de lado a estrutura (vinculada principalmente ao simbólico no nó), há uma insistência notável para lidar com esse momento do intransmissível. Ocorre, em sua teorização, uma abertura “antimatemática” (tendo por base a matemática de Bourbaki, numa perspectiva hiperbourbakista que caiu por terra), como chama Jean-Claude Milner (1996), por

meio dos nós que expõem uma situação: o ideal de transmissão matemático esbarrou num rochedo. Cada um desses momentos será estudado detalhadamente.

Esse inacabamento das obras freudiana e lacaniana remete à reescrita indefinida da coisa; à forma possuir uma complacência para que o conteúdo tenha seu ciclo de vida nos conceitos; à notação do adiado desejo de acabamento; em última instância: à impossibilidade de fechar numa mundividência a psicanálise. Nota-se uma particularidade nos dois casos: muda-se do “não procuro, acho” de Picasso a um, suposição minha, “não acho, crio”. Criação através de artifícios – metapsicologia e topologia – com um fantasiar jamais desvinculado da clínica.

No esforço de retorno a Freud na presente pesquisa, é importante ressaltar que caso se esqueça de sua feiticeira, a psicanálise não será passível de reinvenção. A matéria psicanalítica é viva, não se lida com matéria morta. Em Freud, há uma representação da matéria inteiramente outra, pois ele busca excluir o idealismo (presente no materialismo) ao interpretar os fenômenos brutos (Assoun, 1996, p. 23) do lastro clínico. “É com olhos fixos no material que o operador produz suas ideias” (Assoun, 1996, p. 47-8). Através desses olhos fixos no material clínico, observa-se um materialismo radical tendo em vista que o inconsciente é o acesso a isso que falta, a própria matéria (Assoun, 1996, p. 25). Além do retorno à obra freudiana, a pesquisa também exhibe uma tentativa de retorno à obra de Lacan, a qual não é mero apêndice à freudiana, e apresenta seus próprios desenvolvimentos

Como parte protocolar de construção de projeto, tínhamos como pergunta de partida: como a metapsicologia freudiana e a topologia lacaniana vinculadas podem contribuir para o tema da transmissão da psicanálise? Nesse aspecto, o objetivo geral era trazer à tona o vínculo entre metapsicologia freudiana e topologia lacaniana na sua contribuição para a transmissão da psicanálise. Com relação aos objetivos específicos, eles eram: (1) um retorno à metapsicologia freudiana; (2) esmiuçar como a metapsicologia contribuiu para sustentar o diferencial da psicanálise em seu surgimento no terreno científico; (3) estudar a incursão de Lacan no terreno da topologia e como ela se apresentava já em Freud; (4) averiguar o efeito que a aproximação entre a metapsicologia e a topologia oferece à transmissão do saber clínico psicanalítico. No entanto, notou-se, para além desse protocolo, o papel fundamental do sintoma na teorização da psicanálise através da metapsicologia e da topologia. Com as seções 2 e 3, conseguimos dar conta dos objetivos específicos. Já a quarta seção foi consequência desse achado durante o estudo: o papel do sintoma. Pois foi através do *pathos*, e não de outra coisa, que o *logos*

analítico se deu. E se há saber clínico ele advém justamente da consideração do sintoma não como um objeto de pesquisa, mas como um objeto à pesquisa, isto é, coloca o pesquisador em sua posição, a qual a ciência questiona, por tornar explícito o desejo.

Sobre a metodologia da pesquisa, ela não é simplesmente uma revisão bibliográfica; o método da presente pesquisa leva em conta as particularidades da psicanálise, ou seja, é articulada à clínica. Pesquisar em psicanálise é algo que surpreende por não aparecerem desatadas teoria, prática e clínica. Essas três categorias, Cancina (2008, p. 53) as enlaça borromeamente, isto é, se um elemento se solta da cadeia, os três se soltarão (é disso que se trata a propriedade borromeana – se um sai, acabou-se o “zum-zum-zum”). A experiência em análise pessoal está predominantemente vinculada ao registro real, ao que é singular de cada analisante na prática; a clínica está mais relacionada ao registro simbólico, à transmissão entre pares; e a teoria, ao registro imaginário, barrado pela experiência. Os três registros estão juntos e têm o mesmo valor de importância. Caso a clínica se desenvolva sem referência à teoria, ela poderá cair no indizível ou no inefável das experiências místicas; e caso a teoria se desenvolva sozinha, poderá cair no dogma ortodoxo.

Para aprofundarmos essa questão trazida com Cancina (2008), articulemos com Assoun (1996, p. 24). Ele afirma que a psicanálise é um método de investigação, um modo de tratamento e uma nova disciplina científica, com ambição de uma *scienza nuova*. Ora, se é uma ciência nova, o método traz novas particularidades do próprio trabalho do analista. A própria evidenciação da metapsicologia na presente pesquisa é uma consideração do método de pesquisa na psicanálise. O presente estudo também é pós-escritura da experiência de escuta; e, principalmente, do investimento na análise pessoal. Se não tivesse deixado em aberto a possibilidade de afetação e mudança do trajeto protocolar, não teria escrito sobre o sintoma, isto é, não teria ocorrido, de fato, pesquisa.

O primeiro momento da dissertação será sobre a ciência antiga, a ciência moderna e as condições de possibilidade do surgimento da psicanálise. A partir dele poderá ser averiguado o alcance do primeiro e do segundo objetivo específico. As fontes principais aqui serão as obras de Paul-Laurent Assoun por conta da precisão de sua análise da obra freudiana, e de sua apresentação da epistemologia e da metapsicologia freudiana no caráter inédito que o inconsciente traz para as ciências. Além de Assoun, traremos as contribuições de Jean-Claude Milner, por conta de sua competência de articulação do desenvolvimento de Lacan naquilo que ele chama de doutrinal de ciência. Também serão consideradas as obras de Freud e de Lacan

citadas por esses dois autores. De fato, esta seção será apresentada como um alicerce ao que será desenvolvido diante da extensão do tema. No percurso, esse passo será notado como necessário – não é apenas anterior ao tema da pesquisa (metapsicologia e topologia), ele, na verdade, atravessa tal percurso. Tanto a metapsicologia quanto a topologia dialogam com o que será elaborado nessa seção 2 da dissertação: os fundamentos epistemológicos para a psicanálise. Trata-se de um passo crucial, e não por acaso é a seção após a introdução da presente dissertação. Para tal tarefa, será estabelecida uma via através de questões. Com isso, apesar de apresentar um certo mapeamento, visto às coordenadas para que cada leitor também possa estabelecer livremente seu próprio percurso.

O segundo momento tratará sobre a metodologia topológica freudiana, ou seja, é inicialmente uma escrita sobre as possibilidades de conceituação e de esquematização, de modo que se poderá vislumbrar o encontro com o terceiro e com o quarto objetivos específicos da investigação. No caso, as fontes principais serão as obras de Ivan Corrêa e de MD Magno (Magno Machado Dias). Além deles, situar-nos-emos através de outros autores como Jeanne Granon-Lafont, Juan-David Nasio e Marta Gerez-Ambertín, os quais são importantes para o estudo da topologia. Contudo, principalmente os textos freudianos e lacanianos citados por MD Magno e Ivan Corrêa serão os aprofundados – a escolha por esses autores se deu pelo motivo dos dois utilizarem bastante o artifício topológico na transmissão da psicanálise no solo brasileiro. Esta terceira seção é longa, densa, com muitas informações e desenvolvimentos específicos. Certamente, ele precisa de um aprofundamento em cada ponto que ele abre: a topologia com relação à linguagem, à lógica, ao tempo-espço e ao sexo. Tal articulação se deu em um momento de inquietação sobre como apresentar a topologia elencando pontos em comum de Freud e de Lacan, e seus desenvolvimentos específicos. Vemos nisso, uma abertura para a possibilidade de aprofundar cada noção elencada em pesquisa posterior, de trazer outros detalhes em cada um desses pontos.

Já a quarta seção foi um caminho inesperado a ser trilhado, vislumbrado no decorrer do processo de pesquisa. O tema do sintoma se apresentou nas disciplinas para a orientação da pesquisa. Inicialmente, ele se tornou explícito no estudo da metapsicologia, da linguagem e da lógica; e depois se mostrou também na consideração topológica do tempo-espço e do sexo. Esta última, inclusive, apresenta um diferencial da psicanálise: a realidade sexual do sintoma. Tendo em vista que é de um *pathos* que o *logos* é trazido à tona, o sintoma precisa ser considerado também nos eixos elencados da topologia que diz respeito à psicanálise. Se há uma transmissão do saber do clínico, através de um relato em pós-escritura (metapsicologia), em

desenho de nó (topologia), foi por Freud e Lacan terem considerado a grafia singular em cada relato, as singularidades de cada desenho.

É dessa toada que escutamos o rumo da conclusão da pesquisa: a consideração do estilo, do singular de cada analista, no ofício clínico. Os exercícios de teorização de Freud e de Lacan deixam uma abertura para tanto – não há molde fixo para os desenhos. Afinal a singularidade intransmissível é o coração que anima o que é transmissível desse corpo que relata.

## **2. A CIÊNCIA ANTIGA, A CIÊNCIA MODERNA E AS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DO SURGIMENTO DA PSICANÁLISE**

Sabemos que a descoberta freudiana do inconsciente como um sistema dotado de leis foi orientada por um modo de praticar a clínica das neuroses que se mostrava comprometido com a finalidade terapêutica do tratamento dos sintomas, e que se colocava como aposta aberta tanto aos acertos quanto aos erros como orientadores da sua direção e reflexão. Mas, uma vez formulada a hipótese do inconsciente e a sua comprovação clínica, Freud iniciou sua tarefa de construção de uma teoria acerca da alma humana que se revelava inédita, e abraçou o desafio de promover o seu reconhecimento científico. Para tanto, fez confluir a sua experiência com o tratamento das neuroses com a sua experiência como pesquisador no campo da neurologia a partir de um ponto comum: seu compromisso com o ideal de racionalidade da ciência. Quanto a isso, o seu desafio foi duplo: (1) edificar uma teoria que compreendia um objeto inédito e (2) buscar o seu reconhecimento científico. Dada essa peculiaridade, para os nossos propósitos de pensar as especificidades e as estratégias metodológicas de que se fez valer, tornaram-se necessárias a retomada de elementos que possam nos levar ao discernimento das seguintes questões, que serão norteadoras da presente seção: (1) “A psicanálise é uma ciência?”; (2) “A psicanálise é uma ciência da natureza?”; (3) “Seria a psicanálise uma mundividência?”; (4) “O que é uma ciência que inclua a psicanálise?”; (5) “Pode a psicanálise ser e não ser uma ciência?”.

### **2.1 A psicanálise é uma ciência?**

Seria a psicanálise uma ciência? A amplitude dessa questão esconde detalhes que não são facilmente lisíveis. De antemão, confirmamos que ela perdurará ao longo de todo o percurso da presente seção. Ao ser formulada, parece indicar que a psicanálise seria unívoca – “a psicanálise” – o que merece ser questionado. Mesmo porque merece que antes seja feita a pergunta sobre o que é ciência, que relança, de antemão, o problema de sua necessária ou não necessária univocidade.

Trazendo tal questão, partiremos em direção à argumentação a respeito da relação entre epistemologia e psicanálise. Podemos achar uma definição de epistemologia em Antonio Gomes Penna (2000):

Epistemologia, Gnoseologia, Teoria do Conhecimento, ou mesmo, como prefere Nicolai Hartmann, Metafísica do Conhecimento, constituem expressões equivalentes para efeito de se designar a reflexão sobre a natureza do conhecimento, suas formas, suas características, suas origens, seus limites, seus obstáculos e, sobretudo, sobre o tema da verdade. No caso da expressão preferida por Nicolai Hartmann, ele próprio a justifica ao considerar que o problema que se revela central em sua área é, efetivamente, um problema ontológico, ou, pelo menos, dominado por aspectos que se poderão definir como ontológicos. Como parte integrante da reflexão filosófica, projetou-se a Epistemologia como disciplina dominante, no começo da modernidade, assumindo, a essa altura, o posto que desde Parmênides e por toda a filosofia antiga e medieval pertencera à Ontologia, ou seja, ao estudo do ser. Descartes terá sido um dos pensadores que promoveram essa mudança, ao lado, por exemplo, de Bacon, a quem, por sinal, devemos o primeiro e brilhante estudo sobre os obstáculos epistemológicos a serem devidamente considerados, quando nos entregamos à produção de um conhecimento devidamente psicanalisado, para sempre usarmos a bela expressão utilizada por Bachelard. Vale registrar que Régis Jolivet entende que a epistemologia ou teoria do conhecimento, como ele próprio prefere, não chega a se constituir como disciplina autônoma, preferindo conceituá-la como um aspecto do saber filosófico que se revela através da reflexão pela qual a inteligência toma consciência de si mesma e de seu poder, e verifica, de algum modo, seus métodos e seus processos, na medida em que avança na constituição do próprio saber. De um modo sumário, pode ser definida como a reflexão sobre a natureza e o valor do conhecimento. Tal conceituação, obviamente, pressupõe o fato do conhecimento, pois que a reflexão acerca de sua natureza e valor fora dessa condição é irrealizável. Isso, de resto, é ressaltado por Régis Jolivet, quando escreve que, na realidade, as condições e limites do conhecimento não podem ser descobertos senão por uma volta da inteligência às suas próprias operações, no exercício espontâneo, científico ou filosófico de obtenção do saber. (pp. 17-18)

Dos diversos pontos elencados por Penna, um que muito se destaca é a pluralidade da nomeação. Alguns chegam a nomeá-la de “filosofia da ciência”. No entanto, para não subentender uma verticalidade nos elementos da expressão (como se a filosofia fosse superior à ciência ou o contrário), o termo epistemologia parece mais acurado. Não adentrarei, no entanto, na especificidade de cada termo para nomear essa reflexão sobre a natureza do conhecimento, sobre as bases de determinado saber.

O mesmo não ocorre com a ciência, cuja nomeação é a mesma para designar coisas diversas. Contudo, na exacerbação da polissemia, pode-se, por vezes, notar que se utiliza esse significante numa via de validação. “Validade” e “ciência” são igualadas em alguns casos. Não sendo, no entanto, esse o sentido a ser adotado na orientação teórico-metodológica dessa pesquisa, e menos ainda será corroborado o despropósito, sustentado muito frequentemente na atualidade, que consiste em igualar “evidência” e “ciência”, nem o de achar que só na “universidade” se produz “ciência”. Diante dessa turbamulta das validações, das evidências, é importante a colocação de algumas perguntas: (1) “Apenas o que é científico é válido?”; (2) “O que é uma evidência para esse discurso que se diz científico?”.

Psicanálise e ciência estão muito mais próximas do que parece. Alguns psicanalistas, segundo Gérard Pommier (1992, p. 50), chegam a ler no indizível do afeto, no entanto, o critério de eficácia do tratamento. Nesse aspecto, mesclam a eficácia do tratamento com algo da ordem do indizível. Não seria isso uma negligência para com o raciocínio, um abandono da questão, tentando afastar psicanálise e ciência? Quais os resultados desse tipo de posição para a clínica?

As tentativas de formalização, e sua eficácia, são suficientes para a pretensão à cientificidade. Entretanto, esta perspectiva não agrada à maior parte dos psicanalistas, mais inclinados a se considerarem como artesãos, se não artistas, do que operadores ativos de uma lógica. (Pommier, 1992, p. 50)

Será que realmente aquilo que anima arte e ciência é algo que não permite discussão? Se no inconsciente há uma lógica, se ele não é simplesmente caótico, por que alguns psicanalistas insistem em se apegar somente ao aspecto de indizível do afeto? Poderíamos ler em tais posicionamentos desses analistas citados por Pommier uma resistência?

Além disso, Pommier (1992, p. 50) questiona se não seria melhor que a psicanálise fosse sobretudo uma ciência, desprendendo assim os psicanalistas das alianças pessoais. Porém, nesse ponto parece haver uma certa ingenuidade: há muitas alianças pessoais no “terreno científico”, e ele não deixa de se institucionalizar, sem mencionar o fato de se alicerçarem nas universidades. Isso remete ao histórico das instituições como portadoras daquilo que é científico – equivalendo, claro, previamente, “ciência” e “validade”. Apenas seria científico aquilo que as instituições alegam defender em nome de um fundador?

Reduzirei a ampla questão à psicanálise, mas obviamente essa estrutura não se encontra apenas no terreno dessa disciplina. Há algo estrutural em jogo: a estrutura do eu. Ir de encontro

à estrutura paranoica do eu, impeditiva do trabalho nas instituições, é um dos objetivos principais de uma escola. Busca-se “garantir a primazia do simbólico e a subsistência do analítico na instituição que quer ser freudiana” (Corrêa, 1991/2007, p. 113). Essa questão se torna explícita na psicanálise; porém, sustento que ela é de interesse para qualquer disciplina. Repentinamente terá de lidar com tais questões institucionais, de formações de grupos, as quais também atravessam a ciência. O contexto universitário e o científico são atravessados por aspectos imaginários.

Alguns filósofos tendem a responder o que é ciência; ou posicionam a filosofia como A ciência; ou, até mesmo, constróem sistemas, que chegam a ser operacionais. Nessa configuração de sistema fechado é bastante interessante a apresentação de novas pistas à pesquisa científica. Sobre isso, há uma ponderação importante de Paul-Laurent Assoun (1983, p. 90), mas citarei antes o próprio Freud (1925/1948, pp. 85-86). Na citação a seguir, ele escreve a respeito do desenvolvimento da segunda tópica, sobre a decomposição do aparelho psíquico em eu, isso e supereu, com base em fatos patológicos.

Não se deve despertar a impressão de que, neste último período, eu tenha dado as costas à observação paciente, e tenha me deixado inteiramente à especulação. Pelo contrário, sempre permaneci em íntimo contato com o material analítico e nunca interrompi o tratamento de temas específicos, clínicos ou técnicos. Quando me afastei da observação, também cuidadosamente evitei me aproximar da filosofia propriamente dita. Uma incapacidade constitucional [*Konstitutionelle Unfähigkeit*] muito me facilitou tal abstenção. Sempre fui receptivo às ideias de G. Th. Fechner, e apoiei-me também nesse pensador em pontos importantes. As extensivas concordâncias da psicanálise com a filosofia de Schopenhauer – ele não apenas defendeu o primado da afetividade e a excepcional relevância [*Bedeutung*] da sexualidade, como também ele próprio conhecia o mecanismo do recalque [*Verdrängung*] – não podem ser atribuídas a meu conhecimento de sua doutrina. Li Schopenhauer muito tardiamente na minha vida. Nietzsche, o outro filósofo cujas ideias [*Ahnungen*] e percepções [*Einsichten*] frequentemente condizem de maneira a mais surpreendente com os trabalhosos resultados da psicanálise, evitei, por esse motivo, durante muito tempo; importava-me

menos a prioridade do que a preservação de minha imparcialidade. (Freud, 1925/1948, pp. 85-86)<sup>1</sup>

Freud, além de exibir sua técnica (tentando se deixar imparcial), menciona uma incapacidade constitucional [*Konstitutionelle Unfähigkeit*], a qual Assoun pontua e desenvolve. No momento do texto, este está articulando uma vinculação entre o pensamento freudiano e o de Ernst Mach (1838 – 1916) – físico e filósofo importante para a construção das bases epistemológicas freudianas.

Lá onde diz Mach que o país do transcendente lhe está vedado, Freud falará de “incapacidade constitucional” para a abstração filosófica, que justifica a recusa da viagem especulativa.

Por conseguinte, é a questão da Ciência e da Filosofia que, em primeiro lugar, encontram o metodologista e o psicólogo das ciências.

Levando em conta o que precede, a filosofia é ao mesmo tempo concebida como país do transcendente e tipo de *Spezialwissenschaft*. Do primeiro ponto de vista, ela tende à *Weltanschauung*, na medida em que “o filósofo procura orientar-se, no conjunto dos fatos, de uma maneira universal quase completa quanto possível”; ao passo que o cientista procura “estudar um domínio mais restrito de fatos”. Mas aí intervém a quase-necessidade da olhadela, a que o “cientista especializado” não pode se impedir de lançar acima do fechamento de seu campo: “A imperfeição dos resultados que os cientistas podem obter leva-os, durante o percurso, a tomar do pensamento filosófico empréstimos mais ou menos confessados. O objetivo final de toda pesquisa é, assim, o

---

<sup>1</sup> Tradução autoral. Logo após algumas palavras ou expressões importantes, será colocado o original em alemão entre colchetes. A edição das *Gesammelte Werke* será nossa base assim como foi para vários tradutores. Elas se encontram facilmente na *internet*. Como exigido dos trabalhos na universidade, as citações diretas dos textos em alemão serão colocadas em notas de rodapé. Segue o trecho em alemão:

“*Es soll nicht der Eindruck erweckt werden, als hätte ich in dieser letzten Periode meiner Arbeit der geduldigen Beobachtung den Rücken gewendet und mich durchaus der Spekulation überlassen. Ich bin vielmehr immer in inniger Berührung mit dem analytischen Material geblieben und habe die Bearbeitung spezieller, klinischer oder technischer Themata nie eingestellt. Auch wo ich mich von der Beobachtung entfernte, habe ich die Annäherung an die eigentliche Philosophie sorgfältig vermieden. Konstitutionelle Unfähigkeit hat mir solche Enthaltung sehr erleichtert. Ich war immer für die Ideen G. Th. Fechners zugänglich und habe mich auch in wichtigen Punkten an diesen Denker angelehnt. Die weitgehenden Übereinstimmungen der Psychoanalyse mit der Philosophie Schopenhauers — er hat nicht nur den Primat der Affektivität und die überragende Bedeutung der Sexualität vertreten, sondern selbst den Mechanismus der Verdrängung gekannt — lassen sich nicht auf meine Bekanntschaft mit seiner Lehre zurückführen. Ich habe Schopenhauer sehr spät im Leben gelesen. Nietzsche, den anderen Philosophen, dessen Ahnungen und Einsichten sich oft in der erstaunlichsten Weise mit den mühsamen Ergebnissen der Psychoanalyse decken, habe ich gerade darum lange gemieden; an der Priorität lag mir ja weniger als an der Erhaltung meiner Unbefangenheit.*” (Freud, 1925/1948, pp. 85-86)

mesmo. Os maiores filósofos, Platão, Aristóteles, Descartes, Leibniz, abriram novas pistas à pesquisa científica...”.

Reconhecemos, explicitamente aqui, a função da referência filosófica em Freud. Mostramos alhures que, no momento de introduzir um conceito produzido no seio da prática analítica, Freud toma o cuidado de propor uma autoridade antecipante e legitimante. Estes são os “empréstimos, mais ou menos confessados, do pensamento filosófico” que fazem os práticos da ciência, “no decorrer do percurso” (e sem interromperem esse caminho). Portanto, o saber filosófico é investido desse poder de abrir “novas pistas à pesquisa científica”, por uma *penetração* num domínio inexplorado. Eis a ambigüidade, para o cientista (portanto, para o psicanalista) da filosofia: ameaça de recessividade científica, e promessa prospectiva para o saber científico. Ciência e filosofia tornam *dois momentos inversos* da investigação, aquilo que o filósofo toma por “*um ponto de partida*” sendo, para o cientista, “o objetivo muito distante para o qual tendem seus esforços”. (Assoun, 1983, pp. 90-91)

Olhadela; novas pistas; dois momentos inversos da investigação. Para o cientista, portanto, também para o psicanalista, o saber filosófico tem função de referência. Apesar da ameaça de recessividade científica, há uma promessa prospectiva para o saber, com uma comodidade arbitrária de um ponto de partida convencionalizado.

Aquilo que, no filósofo, deve estar fundado na necessidade de um sistema preconstituído, no cientista, repousa na comodidade arbitrária de um ponto de partida (...)

E esse comodismo que encontramos enunciado em Freud: as idéias iniciais, de que parte o trabalho psicanalítico, “têm, em todo rigor, o caráter de convenções”. (Assoun, 1983, p. 92)

Observa-se a diferença metodológica entre ciência e filosofia, e, novamente, os momentos inversos na investigação. É importante ressaltar que esses movimentos não são excludentes, e que essas convenções não deixam de ter seus fundamentos na clínica.

Como a metodologia do presente trabalho é científica, qual consideração científica, logo, será tomada? Temos por base o corte que Galileu operou trazendo aquilo que se chama de ciência moderna. Para tanto, Milner (1996) será nosso guia. Suas pontuações serão cruciais no que diz respeito à diferença entre o mundo antigo e o desenvolvimento da ciência moderna.

No mundo antigo, “a ciência mais acabada é a ciência do mais eterno e do mais necessário objeto” (Milner, 1996, p. 39). A *episteme* se realiza quando é exposta a razão de um objeto não poder ser diferente daquilo que ele é, no que ele tem de necessário e de eterno. Nesse mundo, a ciência apenas pode se apoiar naquilo que aparenta o homem ao eterno e ao necessário. A alma é eleita como figura dessa aparência, distinguindo-se do corpo – passageiro e contingente. Nesse momento, a matemática, vinda dos gregos, tem um papel que merece ser elucidado.

Daí decorre enfim que a matemática propõe à ciência um paradigma de eleição.

Pois a matemática herdada dos gregos deriva do necessário e do eterno. Figuras e Números não podem ser outra coisa do que são, e ao mesmo tempo não podem nem vir a ser, nem deixar de ser – sendo como são, de toda eternidade. (Milner, 1996, p. 40)

No entanto, a matemática não é a *episteme* suprema. Ela é soberana, por propor o mais puro tipo de demonstração, vindo a ser o paradigma formal da *episteme* como tal, mas o seu objeto não é o objeto supremo. Pode-se depreender disso: O Número dá acesso a Deus, mas ele não é Deus. O que a matemática propõe é um modelo, “pois seu objeto, maximamente despojado de substância sensível, parece maximamente, por suas propriedades de forma, com o objeto supremo” (Milner, 1996, p. 41). Logo, é observável que a matematicidade é apenas uma consequência segunda da *episteme* grega, a qual se baseia nas demonstrações.

Nota-se que “a busca de semelhança no ponto do necessário constitui o motor primeiro do saber” (Milner, 1996, p. 42). Figuras como o Eterno, o Mesmo, o Todo estão para o Universo no qual essa ciência opera de forma que há algo além dele. Essa é a topologia do mundo antigo. De modo diferente, é a topologia do universo na ciência moderna. Mas antes de trazer para nossos estudos essas diferenças, é importante mencionar a peripécia de Galileu.

A peripécia galileana se esclarece por contraste: ela consiste, em primeiro lugar, no fato de que a matemática, na ciência, possa soletrar *todo* o empírico, sem levar em conta nenhuma hierarquia do ser, sem pôr em ordem os objetos numa escala que vai do menos perfeito – intrinsecamente rebelde ao Número – ao mais perfeito – quase integralmente numerável; ela consiste, em segundo lugar, no fato de que a matemática, soletrando todo o empírico, intervém através do que ela tem de literal, isto é, mais através do cálculo do que da demonstração (a emergência da ciência é também o inexorável declínio do *mos geometricus*); ela consiste, em terceiro lugar, no fato de que a

matemática soletra o empírico *como* tal, no que ele tem de passageiro, de não perfeito, de opaco. (Milner, 1996, pp. 42-43)

Tendo em mente essa peripécia de Galileu, evidenciando o não perfeito, há uma distinção do universo no qual a ciência opera. Ele é um universo do contingente. Aqui os números não são mais Números. A topologia do universo na ciência moderna considera que não há algo fora-do-universo. Não é fora do universo que se vai encontrar as marcas da infinitude, num Todo (Tabela 1). “O infinito do universo é a marca de sua contingência radical.” (Milner, 1996, p. 53).

**Tabela 1**

*Contraponto entre mundo antigo e ciência moderna*

<b>Mundo antigo</b>	<b>Ciência moderna</b>
Necessário	Contingente
Número – demonstrações	número – cálculo
Matematicidade segunda	Matemática efetivamente matematizada
Um Todo além do Universo	Não há fora-do-universo
Infinitude fora do Universo (no Todo)	Infinitude no universo

*Nota.* Fonte autoral, com base em Milner (1996).

Com o desaparecimento da ciência antiga, nota-se que, entre *episteme* e psicanálise, há uma “relação íntima de exclusão mútua” (Milner, 1996, p. 44). O inconsciente, da psicanálise (diferente de outras teorias), só é viabilizado por conta do surgimento da ciência moderna.

Se conjecturarmos que, estruturalmente, o eu se apresenta tanto no mundo antigo quanto na ciência moderna, nesse aspecto, a consciência poderá ser lida como um substituto para a alma antiga. Por sua vez, o inconsciente é aquilo que diz não a isso, trazendo a infinitude e o universo da ciência moderna para jogo. Assim, Freud infunde de obsolescência privilégios narcísicos do homem em relação ao Todo antigo. “Que a ciência requeira o universo, que o universo cunhe de impossível todo fora-de-universo, isso pode se estenografar apenas pela palavra inconsciente, mediante a qual são ateizados de uma só vez a alma e Deus” (Milner, 1996, p. 54). O que se depreende é que o inconsciente só pode encontrar sua realização na ciência moderna e no universo fundado por ela.

A ciência criava, com efeito, uma situação *cultural*, sem a qual a análise não teria podido aparecer, pois é o espírito científico o responsável pela eliminação da magia, do animismo, das diferentes mitologias e do irracional em geral, e somente nessa situação histórica podia a psicanálise nascer. (Mannoni, 1992, p. 160)

O infinito diz não à exceção de finitude, o inconsciente diz não à exceção privilegiada de consciência de si, e no que diz respeito à sexualidade, a contingência opera. “A psicanálise é em seu âmago uma doutrina do universo infinito e contingente. Assim se esclarece sua doutrina da morte e da sexualidade.” (Milner, 1996, p. 55).

O inconsciente freudiano enquanto sexual é o inconsciente na medida em que poderia ser outro que é; é também o inconsciente na medida em que ele é como é e cuja letra, a partir do momento em que é como é, enuncia que a partir daí não pode ser outro que é. Mas, por outro lado e pelo mesmo movimento, o inconsciente é o infinito. Nele cruzam-se, portanto, como convém, o infinito e o contingente. Ora, a sexualidade também é parasitada pelo infinito; ela o é em razão da pulsão de morte, em razão do gozo, em razão da contingência também, em razão das chicanas do Todo. De forma que a reversibilidade é total: o inconsciente é o assalto do universo infinito sobre o pensamento do ser falante, mas enquanto tal, ele só pode ser sexual; a sexualidade é o assalto do universo infinito sobre o corpo do ser falante, mas enquanto tal, ela só pode ser inconsciente. Encontramos então a ciência moderna. (Milner, 1996, p. 57)

Depreende-se que a psicanálise não poderia ter surgido sem o advento prévio da ciência moderna. A própria noção de sujeito é um correlato da ciência moderna: “o sujeito do desejo, da verdade, não é um sujeito totalmente, e desde uma suposta sua origem, fora da ciência” (Beividas, 2001, p. 46). Pode-se falar de uma teoria do sujeito (Milner, 1996, p. 53). Se tudo só existe no universo, se não há algo fora dele, mas há algo diferente dele, então estamos diante de um problema: aqui se exhibe a teoria do sujeito. Ela recorre à topologia, trata-se de um problema de interno e externo. Waldir Beividas (2001, p. 48) explicita que a depuração do imaginário do sujeito do desejo (psicanálise) é correlata à depuração dubitativa do sujeito cartesiano (ciência), uma remoção de obstáculos epistemológicos pré-científicos. Através da leitura que Lacan faz da via freudiana, pode-se observar:

Dizemos, ao contrário do que se inventa sobre um pretenso rompimento de Freud com o cientificismo de sua época, que foi esse mesmo cientificismo – se quisermos apontá-lo em sua fidelidade aos ideais de um Brücke, por sua vez transmitidos pelo pacto

através do qual um Helmholtz e um Du Bois-Reymond se haviam comprometido a introduzir a fisiologia e as funções do pensamento, consideradas como incluídas neles, nos termos matematicamente determinados da termodinâmica, quase chegada a seu acabamento em sua época – que conduziu Freud, como nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará seu nome.

Dizemos que essa via nunca se desvinculou dos ideais desse cientificismo, já que ele é assim chamado, e que a marca que traz deste não é contingente, mas lhe é essencial. (Lacan, 1965/1998, p. 871)

Será que Freud realmente nunca se desvinculou dos ideais desse cientificismo? Sustentemos essa questão.

## 2.2 A psicanálise é uma ciência da natureza?

Como esse cientificismo se apresentou para Freud? Quais eram as questões em sua época, sobre as quais ele se posicionou? Partamos da própria definição que Freud faz da psicanálise nos lembrando que também ele precisou partir de algum lugar.

Psicanálise é o nome 1) de um procedimento para investigação [*Untersuchung*] de processos psíquicos, os quais são dificilmente acessíveis de outra forma; 2) de um método de tratamento [*Behandlungsmethode*] de perturbações neuróticas, embasado nessa investigação; 3) de uma série de conhecimentos [*Einsichten*] psicológicos adquiridos dessa maneira, os quais passam progressivamente a integrar uma nova disciplina científica. (Freud, 1923/1940, p. 211)<sup>2</sup>

Logo, psicanálise é investigação, tratamento e ciência. “Não houve a ‘questão da cientificidade’ em Freud porque a cientificidade não foi uma questão para Freud” (Beividas, 2001, p. 32). Com isso, é necessário compreender que não houve falta de posição por parte de Freud.

Um ponto interessante, a ser considerado, é a posição freudiana diante da querela dos métodos [*Methodenstreit*]. Segundo Paul-Laurent Assoun (1983, p. 45), tal querela foi

---

<sup>2</sup> “PSYCHOANALYSE ist der Name 1) eines Verfahrens zur Untersuchung seelischer Vorgänge, welche sonst kaum zugänglich sind; 2) einer Behandlungsmethode neurotischer Störungen, die sich auf diese Untersuchung gründet; 3) einer Reihe von psychologischen, auf solchem Wege gewonnenen Einsichten, die allmählich zu einer neuen wissenschaftlichen Disziplin zusammenwachsen.” (Freud, 1923/1940, p. 211).

provocada pela ascensão das ciências ditas do homem, ou do espírito [*Geisteswissenschaften*], ou morais. Essa nova área precisou se dotar de uma metodologia *sui generis*, diversa da metodologia comprovada pela ciência galileana. Um importante historiador alemão, Johann Gustav Droysen (1808 – 1884), introduziu uma distinção entre “explicar” [*erklären*] e “compreender” [*verstehen*] que foi crucial para essa nova área.

Com efeito, foram os historiadores os primeiros a abordar a questão da *hermenêutica* como especificando um saber próprio. Droysen, aluno do filólogo Boeckh, prolongava uma tradição que se alimentava na hermenêutica teológica que florescera no início do século com Schleiermacher.

De imediato, percebemos o desafio ideológico que sobredetermina a hermenêutica, inclinando-a para o espiritualismo. Todavia, no final do século, sob o efeito de uma espécie de explosão metodológica, a distinção torna-se um verdadeiro *slogan*. Podemos datar essa reviravolta com precisão: foi em 1883, no momento em que Freud esboça sua prática médica, que eclodiu a *Methodenstreit*. O pretexto foi a reedição da obra de um economista, Karl von Knies, *A economia política do ponto de vista histórico*, representante da antiga escola histórica alemã. No mesmo ano aparece a obra do marginalista Karl Menger, *Considerações sobre os métodos das ciências sociais*; aparece, sobretudo, a *Introdução às ciências do espírito* de Wilhelm Dilthey, que, desde então, se impõe como o grande teórico das ciências do espírito, opostas sistematicamente às ciências da natureza. Assim, pelo atalho dos confrontos de escolas no seio da economia política, a oposição se institucionaliza, enquanto Dilthey se dá por missão dotá-la de um estatuto teórico. (Assoun, 1983, pp. 46-47)

Diante dessa querela, Freud tomou uma posição particular. Para estudarmos essa posição, precisamos pensar ainda um termo que ele muito utilizou: “interpretar” [*deuten*]. Além dos dois termos anteriores (explicar e compreender), temos esse terceiro. Interpretar ou sacar – trata-se de uma sacação, como explica Magno (Dias, 2014/2021, p. 60) sobre a sacação do sonho –, assim como compreender, não se dissocia, para Freud, de uma explicação. A interpretação é uma variante da explicação. No que diz respeito a chamar a psicanálise de ciências das profundezas, observa-se que o objetivo é a explicação.

A psicanálise era uma “psicologia abissal” ou uma “psicologia das profundezas” (*Tiefenpsychologie*). Esse termo, carregado por uma metáfora, não remetia aos “aspectos noturnos da alma”: designava uma ambição explicativa. A psicanálise era

uma sonda nas “relações” inexploradas pela psicologia clássica. Ela se confundia com o instrumento da racionalidade psicanalítica, ou seja, a metapsicologia. (Assoun, 1991, p. 46)

O que está em jogo nessa psicologia das profundezas é uma exploração de uma “alteridade íntima” (Assoun, 1991, p. 48), que se trata de restaurar em sua objetividade. Essa alteridade íntima é da ordem do sintoma. Do efeito à causa, do manifesto ao latente, respectivamente, essa ambição explicativa foi um elemento que contribuiu para Freud ter sustentado que a psicanálise é uma ciência da natureza [*Naturwissenschaft*].

Contudo, precisamos observar nessa assertiva freudiana uma sustentação de um monismo radical: não há divisão. A psicanálise, assim como as ciências humanas, é parte das ciências da natureza. *Naturwissenschaft* é praticamente equivalente à *Wissenschaft* para Freud.

Portanto, vamos encontrar, na base da epistemologia freudiana, um *monismo* caracterizado e radical. Este termo “monismo” não é fortuito: remete-nos a uma corrente que, face à tradição rickeartiana, decididamente dualista, sustenta um *monismo epistemológico rigoroso*. Para Haeckel, o monismo tem por efeito recusar a separação de duas substâncias distintas que seriam caracterizadas como “alma” e “corpo”. Ora, somente essa distinção ontológica funda a distinção epistemológica: uma vez recusada a primeira, a segunda se torna, *ipso facto*, caduca. (Assoun, 1983, p. 51)

Rejeita-se, logo, a distinção entre ciências do espírito e ciências da natureza, ela é epistemologicamente fraca para o empreendimento freudiano. Podemos ler essa situação como: as *Geisteswissenschaften* são uma parte das *Naturwissenschaften*; ou, as duas fazem parte de uma só *Wissenschaft*.

Paul-Laurent Assoun (1983) elenca três fundamentos daquilo que se pode chamar de epistemologia freudiana. *Nota bene*: esse autor não está em busca de uma epistemologia da psicanálise, trata-se de trazer à tona a posição freudiana. Os três fundamentos são: monismo, fisicalismo e agnosticismo.

Sobre o primeiro fundamento, o monismo, Ernst Haeckel (1834 – 1919), biólogo naturalista, foi uma figura importante através de sua recusa do dualismo “corpo” e “alma”. Ele também foi o “autor da lei da recapitulação da filogênese pela ontogênese” (Assoun, 1991, p. 50), repetida por Freud. Há relação entre o desenvolvimento da espécie e o desenvolvimento do indivíduo. Contudo, dialeticamente, mesmo havendo uma recusa do dualismo, no que diz

respeito à formação do analista, Freud sustenta uma divisão de competências. “É porque a dualidade é claramente eliminada do plano epistêmico, que pode ser conservada como divisão técnica do trabalho e da formação” (Assoun, 1983, p. 57).

Partilho igualmente da expectativa de que todos os problemas relativos às conexões [*Zusammenhänge*] entre os fenômenos psíquicos e seus fundamentos orgânicos, anatômicos e químicos só podem ser enfrentados por pessoas que estudaram ambos, logo, analistas médicos. Porém, não se deveria esquecer de que isso não é tudo em psicanálise, e de que, por outro lado, nunca [*nie*] podemos prescindir da colaboração de pessoas que são formadas previamente em ciências humanas [*Geisteswissenschaften*]. (Freud, 1927/1948, pp. 294-295)<sup>3</sup>

Outro aspecto importante desse monismo será trazido com o conceito de pulsão [*Trieb*]. Trata-se de um conceito-limite entre o somático e o psíquico. Observemos o primeiro parágrafo do texto “Pulsões e seus destinos” de Freud (1915/1946). Mas vamos de modo paulatino.

Frequentemente ouvimos a exigência de que uma ciência [*Wissenschaft*] deve ser construída sobre conceitos fundamentais [*Grundbegriffen*] claros e bem definidos. Na verdade, nenhuma ciência começa com tais definições, nem mesmo as mais exatas. O começo verdadeiro da atividade científica consiste mais na descrição [*Beschreibung*] de fenômenos [*Erscheinungen*], os quais depois são agrupados, ordenados e inseridos em conexões [*Zusammenhänge*]. (Freud, 1915/1946, p. 210)<sup>4</sup>

Freud explicita o fazer científico nesse artigo. Primeiramente temos a figura importante do *Grundbegriff*, o conceito basal, ou o conceito fundamental, para as ciências. Não se começa por esse tipo de definição. Ocorre antes uma descrição daquilo que aparece, ou seja, dos fenômenos. Tais serão agrupados, organizados e colocados em conexão. Sigamos com o texto.

Já na descrição, não se pode evitar que apliquemos certas ideias abstratas [*gewisse abstrakte Ideen*] ao material, tomadas de algum lugar, certamente não somente da nova

---

<sup>3</sup> “Ebenso teile ich die Erwartung, daß alle die Probleme, die sich auf die Zusammenhänge zwischen psychischen Phänomenen und ihren organischen, anatomischen und chemischen Grundlagen beziehen, nur von Personen, die beides studiert haben, also von ärztlichen Analytikern, in Angriff genommen werden können. Doch sollte man nicht vergessen, daß dies nicht alles an der Psychoanalyse ist, und daß wir für deren andere Seite die Mitarbeit von Personen, die in den Geisteswissenschaften vorgebildet sind, nie entbehren können.” (Freud, 1927/1948, pp. 294-295)

<sup>4</sup> “Wir haben oftmals die Forderung vertreten gehört, daß eine Wissenschaft über klaren und scharf definierten Grundbegriffen aufgebaut sein soll. In Wirklichkeit beginnt keine Wissenschaft mit solchen Definitionen, auch die exaktesten nicht. Der richtige Anfang der wissenschaftlichen Tätigkeit besteht vielmehr in der Beschreibung von Erscheinungen, die dann weiterhin gruppiert, angeordnet und in Zusammenhänge eingetragen werden.” (Freud, 1915/1946, p. 210)

experiência [*Erfahrung*]. Ainda mais indispensáveis são essas ideias – os vindouros conceitos fundamentais [*die späteren Grundbegriffe*] da ciência – no tratamento posterior da matéria. (Freud, 1915/1946, p. 210)<sup>5</sup>

Observemos a posição freudiana diante das preferências do pesquisador. Ele menciona que essas ideias abstratas são ainda mais indispensáveis para a elaboração do que está sendo trazido. Sempre muito honesto com o que está sendo observado, ele não apenas afirma que elas são inevitáveis, como também diz que terão grande importância na criação dos futuros conceitos fundamentais. Sobre essas ideias, ele segue afirmando:

Elas devem [*müssen*] levar consigo certo grau de indeterminação [*ein gewisses Maß von Unbestimmtheit*]; nem se pode falar sobre uma clara delimitação de seu conteúdo. Enquanto se encontram nesse estado, entra-se de acordo quanto ao seu significado [*Bedeutung*] através da referência repetida ao material da experiência [*Erfahrungsmaterial*], de onde parecem tiradas, mas que na realidade são submetidas a ele. Elas têm, portanto, a rigor, o caráter de convenções [*Konventionen*], embora tudo dependa de que não são escolhidas arbitrariamente, mas determinadas por significativas relações com o material empírico [*bedeutsame Beziehungen zum empirischen Stoffe*], as quais se acredita adivinhar [*erraten*], antes mesmo que se possa reconhecer [*erkennen*] e provar [*nachweisen*]. (Freud, 1915/1946, p. 210)<sup>6</sup>

Diante dessas ideias que trazem consigo certo grau de indeterminação, e com relação as quais não se dá para ter uma clara delimitação de seu conteúdo, Freud não deixa de se voltar para o material da experiência [*Erfahrungsmaterial*]. Esse ponto é de extrema relevância, pois, diante dessas ideias que são submetidas a esse material, podemos afirmar que não se trata de uma simples ficção, porque Freud está se voltando constantemente (numa referência repetitiva, numa “fixação”) a esse material da experiência. Há então a afirmação de que essas ideias têm o caráter de convenções embora tenham significativas relações com o material empírico.

---

<sup>5</sup> “*Schon bei der Beschreibung kann man es nicht vermeiden, gewisse abstrakte Ideen auf das Material anzuwenden, die man irgendwoher, gewiß nicht aus der neuen Erfahrung allein, herbeiholt. Noch unentbehrlicher sind solche Ideen — die späteren Grundbegriffe der Wissenschaft — bei der weiteren Verarbeitung des Stoffes.*” (Freud, 1915/1946, p. 210)

<sup>6</sup> “*Sie müssen zunächst ein gewisses Maß von Unbestimmtheit an sich tragen; von einer klaren Umzeichnung ihres Inhaltes kann keine Rede sein. Solange sie sich in diesem Zustande befinden, verständigt man sich über ihre Bedeutung durch den wiederholten Hinweis auf das Erfahrungsmaterial, dem sie entnommen scheinen, das aber in Wirklichkeit ihnen unterworfen wird. Sie haben also streng genommen den Charakter von Konventionen, wobei aber alles darauf ankommt, daß sie doch nicht willkürlich gewählt werden, sondern durch bedeutsame Beziehungen zum empirischen Stoffe bestimmt sind, die man zu erraten vermeint, noch ehe man sie erkennen und nachweisen kann.*” (Freud, 1915/1946, p. 210)

Relações essas que se acredita adivinhar antes mesmo de reconhecer e comprovar. Continuemos o parágrafo inicial do ensaio freudiano.

Somente após exploração mais aprofundada [*gründlicherer Erforschung*] desse âmbito de fenômenos em questão, pode-se também apreender seus conceitos científicos fundamentais de forma mais nítida e progressivamente alterá-los, para que se tornem utilizáveis em larga medida e assim tornarem-se bastante [*durchaus*] livres de contradição. Então talvez seja a hora de encerrá-los em definições. No entanto, o progresso do conhecimento [*Der Fortschritt der Erkenntnis*] não tolera qualquer rigidez [*Starrheit*] das definições. Como o exemplo da física ensina de modo brilhante, também os “conceitos fundamentais” fixados em definições experimentam uma contínua mudança de conteúdo [*einen stetigen Inhaltswandel*]. (Freud, 1915/1946, pp. 210-211)<sup>7</sup>

Só após bastante livres de contradições, por conta do uso em larga medida, os conceitos científicos serão enfim encerrados em definições. Há um longo caminho para se poder falar em definição. No entanto, Freud aponta que o progresso do conhecimento não tolera definições rígidas. Cita o exemplo da física, modelo de ciência, e conclui falando da mudança de conteúdo das definições. Há uma mudança de conteúdo nas definições que será pensada também na psicanálise. O exemplo da física remete-nos ao fisicalismo (em breve, discorrerei sobre esse segundo elemento acima elencado dos fundamentos epistemológicos freudianos). Nesse texto, outro ponto importante dá suporte ao nosso estudo. Ele diz respeito ao uso do termo pulsão [*Trieb*], um elemento fulcral no monismo freudiano. Vejamos:

Passemos agora à consideração do lado biológico da vida psíquica [*Seelenlebens*]<sup>8</sup>, a “pulsão” [„*Trieb*”] nos aparece como um conceito-limite [*Grenzbegriff*] entre o

<sup>7</sup> “*Erst nach gründlicherer Erforschung des betreffenden Erscheinungsgebietes kann man auch dessen wissenschaftliche Grundbegriffe schärfer erfassen und sie fortschreitend so abändern, daß sie in großem Umfange brauchbar und dabei durchaus widerspruchsfrei werden. Dann mag es auch an der Zeit sein, sie in Definitionen zu bannen. Der Fortschritt der Erkenntnis duldet aber auch keine Starrheit der Definitionen. Wie das Beispiel der Physik in glänzender Weise lehrt, erfahren auch die in Definitionen festgelegten „Grundbegriffe“ einen stetigen Inhaltswandel.*” (Freud, 1915/1946, pp. 210-211)

<sup>8</sup> Optei por traduzir “*Seele*” por “psique”, mesmo havendo “*psychischer*” traduzido por “psíquico” logo após. Deixei o original ao lado dos termos. Traduzir trazendo a palavra “alma” ou “anímico” (no caso, “vida anímica”), para distinguir de “*psychischer*” talvez fosse demais. Esse significante já é utilizado de outras formas em outras áreas, inclusive dissidentes, de estudo. Também tal distinção entre esses dois termos não tem operatividade no que tange ao artigo de Freud. Já há uma dificuldade imensa para não separar corpo e psique; separar esses dois outros termos seria um retrocesso no que diz respeito ao monismo freudiano. Freud também traz outro par, porém menos comentado que o anterior, *Körper* e *Somatisch*. Aqui se segue a mesma lógica: ele utiliza os dois sem distinção operativa, suponho, e também por motivos estilísticos. Talvez tradutores com maior formação em ciências da natureza queiram posteriormente diferenciar esses dois termos. Além disso, a tradução jamais será uma relação biunívoca, trata-se mais, como afirma MD Magno (Dias, 2019/2021, p. 110), de uma versão brasileira. É importante se lembrar também do uso que *Seele* tinha naquele contexto, por isso deixei o original ao

psíquico [*Seelischem*] e o somático [*Somatischem*], como representação psíquica [*psychischer Repräsentant*] dos estímulos originados do interior do corpo que alcançam a psique, como uma medida da demanda de trabalho, a qual é imposta à psique devido à sua ligação com o corpo. (Freud, 1915/1946, p. 214)<sup>9</sup>

Corpo e psique (ou alma, nos termos da *Methodenstreit*) não se separam. A pulsão é justamente a “força constante” [*konstante Kraft*] (Freud, 1915/1946, p. 212), uma medida da demanda de trabalho que é imposta à psique por sua ligação com o corpo. Ela é estabelecida como um conceito-limite [*Grenzbegriff*], logo após Freud falar das tentativas nas ciências de se estabelecer um conceito fundamental, um conceito de base [*Grundbegriff*] para trabalho.

Outro fundamento importante para a epistemologia freudiana é o fisicalismo. Segundo Assoun (1983, p. 59), o batismo semântico da psicanálise é uma analogia do modelo físico-químico. Ele propõe que esse fato seja “interpretado ao pé da letra” numa perspectiva epistemológica. Aqui vamos divergir da conclusão desse autor. Talvez essa interpretação “ao pé da letra” seja o que o leve a afirmar que Freud ao final não tenha se desvinculado desses modelos, falando de um “conservadorismo epistemológico” (Assoun, 1983, p. 75) por parte dele.

Em termos vigorosos, isso vem mostrar até que ponto a ambição da *Naturwissenschaft*, desenvolvendo-se segundo a sequência física-fisiologia-psicologia, apoiava-se numa intransigente necessidade determinista. Determinar a causa, reconstituir o processo supõe um encadeamento rigoroso que Freud subscreverá incondicionalmente até o fim. É *dai* que ele se origina. (Assoun, 1983, p. 75)

Será que Freud subscreve incondicionalmente até o fim? Tal afirmação parece inconsistente com os próprios elementos que Paul-Laurent Assoun (1983) mesmo elenca no capítulo, e diverge do objetivo do livro exposto no prefácio: “detectar a identidade freudiana, tomada em sua idiosincrasia histórica, teórica e pragmática, investigando suas origens, seus fundamentos e suas finalidades” (Assoun, 1983, p. 10).

---

lado: a posição freudiana diante da *Methodenstreit* – esse talvez seja o ponto mais importante, o qual não deve ser esquecido.

<sup>9</sup> “Wenden wir uns nun von der biologischen Seite her der Betrachtung des Seelenlebens zu, so erscheint uns der „Trieb“ als ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem Körperinnern stammenden, in die Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperlichen auferlegt ist.” (Freud, 1915/1946, p. 214)

Sigamos paulatinamente. O fisicalismo diz respeito às forças físico-químicas serem a única matéria de saber. Aqui se possibilita uma leitura das formas de saber como *Naturwissenschaft*. Para com a química, trata-se de analogia; para com a física, de esquematização (Assoun, 1983, p. 67). Na química, é importante o próprio nome que irá para a jovem ciência, “psicanálise”. Figura importante é Justus von Liebig (1803 – 1873) que falava sobre levar ao laboratório as palavras da natureza para estudar suas letras. Decompor atualiza uma língua que sem essa decomposição teria permanecido morta (Assoun, 1983, p. 72). Logo, uma redução a essas forças físico-químicas é uma tarefa (não algo previamente obtido) através de uma exaustiva investigação do organismo. Estamos diante do juramento do fisiologista alemão Emil du Bois-Reymond (1818 – 1896) de que “somente as forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo” (Assoun, 1983, p. 54). No entanto, diante de tal redução, Freud encontra algo original: o inconsciente (como o estudar e como o levar ao reconhecimento científico – o duplo desafio mencionado na abertura da presente seção) e suas leis particulares – a originalidade advinda da metapsicologia permitiu uma racionalidade para com essa novidade. Como poderia Freud ter simplesmente admitido com todas as letras essa ideia fisicalista se o material que aparecia na clínica, o qual ele levava ao seu laboratório metapsicológico, remetia a outro tipo de consideração? As pulsões exigiram seu reconhecimento: força constante, medida de trabalho feita à psique por sua ligação com o corpo, demanda monista. Um exemplo de diferença que o próprio Assoun (1983, p. 61) traz é sobre apenas algumas substâncias terem afinidades por outras na química, sendo assim, a afinidade, um caso particular nessa ciência; já, na ciência do psiquismo humano, a psicossíntese acontece, inevitavelmente, sem a intervenção do analista. Observa-se, logo, rapidamente, uma particularidade dessa nova ciência. Freud precisou partir de algum ponto, do que havia de desenvolvimento científico em sua época, mas não se deixou absorver por esses desenvolvimentos, ele deixou a psicanálise trazer sua novidade, o inconsciente, o qual trouxe um novo passo para as considerações científicas. É mencionado, porém, um trecho muito comentado do texto “Para introdução do narcisismo” (Freud, 1914/1946) o qual precisamos observar com cuidado. Freud (1914/1946, p. 143) escreve sobre a falta de uma teoria das pulsões, que será mais bem estabelecida um ano após esse texto, no “Pulsões e seus destinos” (Freud, 1915/1946). O trecho do texto sobre o narcisismo é o seguinte:

(...) é preciso recordar que todas as nossas concepções psicológicas provisórias [*psychologischen Vorläufigkeiten*], um dia, deverão ser estabelecidas no solo dos substratos orgânicos. Torna-se, portanto, provável que sejam substâncias e processos

químicos especiais, os quais produzem os efeitos da sexualidade e mediam a continuação da vida individual naquela da espécie. Levamos essa probabilidade [*Wahrscheinlichkeit*] em consideração substituindo [*substituieren*] as substâncias químicas especiais [*die besonderen chemischen Stoffen*] por forças psíquicas especiais [*besondere psychische Kräfte*]. (Freud, 1914/1946, pp. 143-144)<sup>10</sup>

*N.B.*: é uma probabilidade [*Wahrscheinlichkeit*], uma hipótese. Além disso, ocorre uma substituição. Agora, observemos um pouco antes desse trecho, a preocupação de Freud:

Acredito que essa seja justamente a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência construída sobre a sacação [*Deutung*] da empiria. A última não invejará à especulação o privilégio de uma fundamentação polida, logicamente inviolável, mas se contentará de bom grado com ideias basais vagamente evanescentes, dificilmente imagináveis, as quais espera apreender mais claramente no curso de seu desenvolvimento, e eventualmente também está disposta a trocar por outras. Pois essas ideias não são o fundamento da ciência, sobre o qual tudo repousa; em vez disso, esta é apenas a observação [*Beobachtung*]. Elas não são a parte inferior, mas a parte superior de todo o edifício, e podem, sem danos, ser substituídas [*ersetzt*] e removidas [*abgetragen*]. Em nossos dias, vivenciamos algo semelhante na física, cujas concepções basais [*Grundanschauungen*] sobre a matéria, os centros de força, atração e concepções similares dificilmente seriam menos preocupantes [*bedenklich*] do que as conformes à psicanálise. (Freud, 1914/1946, p. 142)<sup>11</sup>

A sacação empírica permite trocar ideias basais por outras em seu desenvolvimento. Essas visões basais [*Grundanschauungen*], na verdade, são o topo do edifício, e Freud ainda aponta que elas são questionáveis, dúbias, preocupantes não apenas na psicanálise, mas também na física, ou seja, não se está buscando algo logicamente inviolável. Observa-se que

<sup>10</sup> “(...) muß man sich daran erinnern, daß all unsere psychologischen Vorläufigkeiten einmal auf den Boden organischer Träger gestellt werden sollen. Es wird dann wahrscheinlich, daß es besondere Stoffe und chemische Prozesse sind, welche die Wirkungen der Sexualität ausüben und die Fortsetzung des individuellen Lebens in das der Art vermitteln. Dieser Wahrscheinlichkeit tragen wir Rechnung, indem wir die besonderen chemischen Stoffe durch besondere psychische Kräfte substituieren.” (Freud, 1914/1946, pp. 143-144)

<sup>11</sup> “Allein ich meine, das ist eben der Unterschied zwischen einer spekulativen Theorie und einer auf Deutung der Empirie gebauten Wissenschaft. Die letztere wird der Spekulation das Vorrecht einer glatten, logisch unantastbaren Fundamentierung nicht neiden, sondern sich mit nebelhaft verschwindenden, kaum vorstellbaren Grundgedanken gerne begnügen, die sie im Laufe ihrer Entwicklung klarer zu erfassen hofft, eventuell auch gegen andere einzutauschen bereit ist. Diese Ideen sind nämlich nicht das Fundament der Wissenschaft, auf dem alles ruht; dies ist vielmehr allein die Beobachtung. Sie sind nicht das Unterste, sondern das Oberste des ganzen Baues und können ohne Schaden ersetzt und abgetragen werden. Wir erleben dergleichen in unseren Tagen wiederum an der Physik, deren Grundanschauungen über Materie, Kraftzentren, Anziehung und dergleichen kaum weniger bedenklich sind als die entsprechenden der Psychoanalyse.” (Freud, 1914/1946, p. 142)

Freud toma o exemplo da física para partir ao desenvolvimento do que se estuda na psicanálise. O que está por trás desse exemplo que ele traz da física, e posteriormente da química, e que é o mais importante para nos atermos, é a preocupação com a construção de uma teoria das pulsões, e não que a química ou a física responderá questionamentos analíticos, no entanto, essas duas áreas posteriormente responderão a seus próprios questionamentos. Precisamos observar a identidade freudiana. Sua posição é conflitiva, por conta da necessidade da especulação, a qual não deixa de existir nessas outras ciências. Ainda sobre o fundamento physicalista, é importante mencionar a figura de Hermann von Helmholtz (1821 – 1894), o qual era um matemático, médico e físico alemão.

Todo o esforço de Helmholtz, notadamente em sua ótica fisiológica, era o de reconstituir a gênese do espaço, principalmente sob sua forma visual, pela experiência, sem recorrer a uma teoria inéista e nativista. Toda a sua teoria dos sinais e da inervação tem por objetivo encontrar, na experiência, a origem da noção de espaço.

Ainda aqui, Freud herda desafios que perdurarão longo tempo em sua reflexão. Até em suas últimas reflexões sobre o aparelho psíquico, podemos encontrar o traço dessa clivagem inscrita pelo nativismo e pelo empirismo no problema da percepção. (Assoun, 1983, p. 74)

Além dessa querela entre nativismo e empirismo estar atrelada à noção de aparelho psíquico, há o fundamento monista em questão com dentro e fora estão em continuidade. Voltando a uma conclusão do conceito de pulsão: corpo e psique não se separam.

A pulsão é essa força constante, que nos faz observar que o humano “é cio” (Dias, 1979/2009, p. 80), e não que ele tem cio, no caso dos instintos, animais, com objetos fixos. Agora, partamos para o outro fundamento epistemológico freudiano elencado por Paul-Laurent Assoun: o agnosticismo. A questão da ficção será marcante nesse fundamento. A pulsão é um conceito que se encontra nos três fundamentos. Não por acaso, ela é o *Grundbegriff*. Trata-se de corpo e alma (monismo); utiliza-se da química, da física e da fisiologia na sua explicação (fiscalismo); e não é uma simples ficção (agnosticismo).

Figura importante nesse último fundamento é Ernst Mach (1838 – 1916), físico e filósofo. Para Mach (Assoun, 1983, p. 90), o país do transcendente lhe está vedado; isso reflete em Freud com relação à incapacidade constitucional para a abstração filosófica. Também para Mach, as relações significativas ao material fenomenal são o que ponderam a arbitrariedade do conceito inicial; e isso refletirá em Freud com relação às ideias iniciais terem o caráter de

convenções (exemplo: pulsão). No entanto, Freud não para por aí. Ele desloca o eixo epistemológico (Assoun, 1983, p. 96) em direção ao racionalismo. As ideias não são apenas convenções postas sobre o material. Elas são investidas e condicionadas pela objetividade da racionalidade operacional. Além disso, o agnosticismo implicará também em depurar a ciência de um materialismo, não devendo se ocupar da constituição da matéria (é infrutífero pensar sobre o material do aparelho psíquico), e aqui o caráter de "coisa em si" do inconsciente dá lugar a um relacionismo basal. É preciso mencionar a crítica que Freud traz a Hans Vaihinger (1852 – 1933), da filosofia do “como se”, onde tudo seria ficção. Não há um relativismo em Freud como um último aspecto da verdade. Segundo Assoun (1996, p. 68), o ficcionalismo acaba por adiar, *sine die*, a questão da verdade, e autoriza uma espécie de hiperpragmatismo de tonalidade fideísta, um ato de fé. Paul-Laurent Assoun (1983, p. 102) afirma que são os ensaios de metapsicologia que fazem emergir a objetividade racional, indigente no esquema machiano. Portanto, partamos em direção ao conceito de metapsicologia.

Na carta 84, endereçada a Fliess, Freud escreve: “a propósito, vou perguntar-lhe seriamente se eu posso [*darf*] usar o nome metapsicologia para minha psicologia que conduz para atrás da consciência [*hinter das Bewußtsein*]”<sup>12</sup> (Freud, 1898/1950, p. 262). Não estamos diante de explicações ligadas aos processos das psicologias clássicas da consciência. Isso não quer dizer que devemos tratar o inconsciente como sinônimo de irracional e de caos.

Uma descrição metapsicológica diz respeito à apresentação dos processos psíquicos nos pontos de vista tópico, dinâmico e econômico. A tópica diz respeito aos sistemas, às instâncias, não se tratando de um modelo anatômico. O aspecto dinâmico traz a consideração conflitiva entre as instâncias, podemos notar os conflitos pulsionais. Já a economia é o fator quantitativo do aparelho psíquico, ou seja, os investimentos, as condensações, os deslocamentos. O aparelho psíquico é a “ficção metapsicológica por excelência” (Assoun, 1996, p. 59). Tal ficção é prevenida porque é subordinada à lógica de seu objeto.

Segundo Paul-Laurent Assoun (1996, p. 13), a metapsicologia é a superestrutura teórica da psicanálise; é também sua identidade epistêmica; e seu laboratório construído da observação e da escuta clínica. Há um certo ficcionamento – jamais desvinculado do material clínico – da ordem de um fantasiar [*Phantasieren*] em jogo. A teorização é ato de pós-escritura dos

---

<sup>12</sup> “(Ich werde Dich übrigens ernsthaft fragen, ob ich für meine hinter das Bewußtsein führende Psychologie den Namen Metapsychologie gebrauchen darf.)” (Freud, 1898/1950, p. 262). Há esse detalhe da pergunta ser feita entre parênteses, como se fosse *en passant*.

depurados clínicos e das preferências do pesquisador. Ou seja, a metapsicologia é construída. O saber clínico está vinculado, através da metapsicologia, ao universal teórico.

A intervenção da feiticeira (assim como também é chamada a metapsicologia) não é clara. Freud (1937/1950, p. 69), na sua última definição da metapsicologia, segundo Assoun (1983, p. 103), exhibe o nexos entre a racionalidade e o imaginário. “Sem especulação [*Spekulieren*] e teorização [*Theoretisieren*] metapsicológicas – quase diria: fantasiar [*Phantasieren*] – não se pode ir um passo adiante daqui. Infelizmente, as informações da feiticeira também desta vez não são muito claras nem muito detalhadas.” (Freud, 1937/1950, p. 69).<sup>13</sup>

Essa ponta extrema da especulação metapsicológica coincide com um fantasiar. “O trabalho teórico se alimentaria, pois, de uma lógica do inconsciente homóloga, cuja raiz comum seria o *Phantasieren*” (Assoun, 1983, p. 103). No entanto, não se trata de qualquer fantasiar, pois há referência ao empírico. Não é uma simples intuição, mas é uma invenção. É o momento em que a especulação é nutrida de objetividade.

O momento do saber metapsicológico é aquele em que o *Phantasieren* exerce sua coerção. É aquele cujo contrário é impensável, de sorte que somos condenados a conceber. Momento em que o discurso de pensamento cavou seu leito e drena certa necessidade. (Assoun, 1983, p. 107)

A ideia de aparelho psíquico será fundamental para Freud. Não importa o material desse aparelho, o que importa é a espacialidade, a sequência das funções, o que cada instância realiza em cada fenômeno. Por definição, ele é uma ideia auxiliar [*Hilfsvorstellung*], Freud o chama de “uma estranha anatomia da alma” [*eine sonderbare Anatomie der Seele*] (Freud, 1926/1948, p. 221). O aparelho psíquico é o fundamento comum [*gemeinsame Fundament*], algo que falta às psicologias, aberto para revisão. Logo, as preocupações: a busca por esse fundamento comum e o que é próprio à psicologia.

Diante do fruto metapsicológico, é notável que a psicanálise *fara da se*, a psicanálise se fará por si; segundo Assoun (1991, p. 36), esse lema freudiano indica a reivindicação da autonomia da psicanálise. Foi precisamente o trabalho metapsicológico que possibilitou uma

---

<sup>13</sup> “*Ohne metapsychologisches Spekulieren und Theoretisieren — beinahe hätte ich gesagt: Phantasieren — kommt man hier keinen Schritt weiter. Leider sind die Auskünfte der Hexe auch diesmal weder sehr klar noch sehr ausführlich.*” (Freud, 1937/1950, p. 69). É interessante notar que não se trata de qualquer especulação, nem de qualquer teorização; as duas são metapsicológicas, ou seja: a referência é a metapsicologia.

coerência intrínseca. Creio ser possível pensar que não se trata de calcar o imperativo metapsicológico nos modelos das ciências da natureza, como afirmou Assoun (1991, p. 39), mas sim de ter uma referência, no sentido de poder questionar: (1) O que foi que mudou desses modelos?; (2) Quais foram os avanços?; (3) O que se manteve?; (4) Que questões são trazidas para essas outras áreas?; por último: (5) Como o inconsciente se coloca para a ciência? Paul-Laurent Assoun traz as questões de Freud, seu contexto, mas no momento de concluir, ele apresenta uma posição que consideramos ser digna de um exame que coloque em sua pauta as posições assumidas por Freud em seu escrito sobre a mundividência<sup>14</sup> [*Weltanschauung*], onde consideramos que ele precisa a posição singular da Psicanálise em relação à Ciência.

Um último aspecto desse tópico diz respeito ao freudismo. O “drama histórico do freudismo” (Assoun, 1991, p. 35-36) é, aos olhos de Freud, a psicanálise ser vista como uma mundividência [*Weltanschauung*] influente na época, o que dava uma conotação de modismo e de posterior obsolescência, em vez da psicanálise ser avaliada em seu objetivo e em seu conteúdo. Nesse ponto, é perigoso perder o aspecto de objetiva compreensão do mundo [*Weltverständnis*] tão arduamente trazido desde os esforços de Charles Darwin (1809 – 1882), que resultaram no redimensionamento do lugar ocupado pela espécie humana no mundo vivo, descentrando sua posição, e, posteriormente, através dos esforços de Freud, quanto à concepção do psiquismo, que acabaram por resultar em seu afastamento de uma intuição especulativa à qual uma *Weltanschauung* conduz (Assoun, 1991).

### 2.3 Seria a psicanálise uma mundividência?

Uma compreensão objetiva do mundo é diferente de uma mundividência. Na sua 35ª conferência, das novas conferências introdutórias, Freud (1933/1940b) define mundividência como uma construção intelectual que soluciona de forma unitária todos os nossos problemas. Essa construção parte de uma hipótese geral e não deixa nenhuma questão em aberto. A psicanálise lembra constantemente à ciência que esse desejo, de tamponar toda falta, é impossível, atuando assim como um “supereu da ciência” (Assoun, 1996, p. 29), para que os cientistas não operem simplesmente pelo princípio do prazer, proibindo também para a ciência a ideia da qual é constitucionalmente incapaz – de uma *Weltanschauung* própria. A ciência

---

<sup>14</sup> Também temos na nossa língua uma só palavra acurada para traduzir essa palavra em alemão.

pelo seu gosto pelo unilateral [*Einseitigkeit*] acaba por também se revelar incompatível com essa noção.

Quero dizer que a psicanálise é incapaz de criar uma mundividência [*Weltanschauung*] particular sua. Ela não necessita de uma, ela é uma parte da ciência [*ein Stück Wissenschaft*] e pode se associar à mundividência científica. Mas esta dificilmente mereceria esse grandioso nome, pois não contempla tudo, é por demais incompleta, levanta nenhuma pretensão de unidade coesa, nem de construção de sistema. O pensamento científico é ainda muito jovem entre as pessoas, não pôde ainda enfrentar uma quantia demasiada dos grandes problemas. Uma mundividência baseada na ciência tem, excetuando a ênfase no mundo externo real, traços essencialmente negativos, como a modéstia para com a verdade, a rejeição das ilusões. (Freud, 1933/1940b, p. 197)<sup>15</sup>

Além dessas observações, Freud (1933/1940b, p. 194), falando da sociologia [*Soziologie*], afirma que ela não pode ser senão psicologia aplicada [*ausgewandte Psychologie*]. Então, tomando estritamente a questão, ele afirma que há apenas duas ciências [*Wissenschaften*]: a psicologia [*Psychologie*], pura [*reine*] e aplicada [*angewandte*], e o estudo da natureza [*Naturkunde*]. Diante dessas observações, nota-se que a psicanálise é uma parte da ciência, e que ambas não necessitam de uma mundividência. Caso se tente uma *Weltanschauung* com base na ciência, Freud fala de traços negativos, e não tem pretensão de uma unidade coesa. Após esses questionamentos freudianos, é ainda possível sustentar que há ideal de ciência em Freud? Desses traços, um é de grande relevância operacional: a modéstia para com a verdade. Sobre a verdade, Freud afirma algumas páginas antes:

Acontece que a verdade [*die Wahrheit*] não pode ser tolerante, não permite compromissos e restrições [*Einschränkungen*], que a pesquisa [*Forschung*] deve considerar todos os âmbitos da atividade humana como seus e deve se tornar

---

<sup>15</sup> “Die Psychoanalyse, meine ich, ist unfähig, eine ihr besondere Weltanschauung zu erschaffen. Sie braucht es nicht, sie ist ein Stück Wissenschaft und kann sich der wissenschaftlichen Weltanschauung anschließen. Diese verdient aber kaum den großtönenden Namen, denn sie schaut nicht alles an, sie ist zu unvollendet, erhebt keinen Anspruch auf Geschlossenheit und Systembildung. Das wissenschaftliche Denken ist noch sehr jung unter den Menschen, hat zu viele der großen Probleme noch nicht bewältigen können. Eine auf die Wissenschaft aufgebaute Weltanschauung hat außer der Betonung der realen Außenwelt wesentlich negative Züge, wie die Bescheidung zur Wahrheit, die Ablehnung der Illusionen.” (Freud, 1933/1940b, p. 197)

implacavelmente crítica, quando um outro poder quiser confiscar um pedaço dela para si. (Freud, 1933/1940b, p. 173)<sup>16</sup>

O aspecto do relativismo para com a verdade cai por terra (fruto do agnosticismo dos fundamentos que vimos). Na análise, não se opera de outro modo, é preciso recordar que o próprio móvel para a análise é o “amor à verdade” (Assoun, 1996, p. 34). O que o saber analítico desvela é a relação, a qual sempre se colocou de forma problemática, do homem com a verdade. Segundo Assoun (1996, p. 13), é justamente por não existir uma *via regia* para a verdade que é necessário, na “ciência do inconsciente” também, um trabalho metapsicológico. Para Freud, a exigência de verdade e de dizer o real está acima de dizer o “vantajoso” (Assoun, 1996, p. 37). No trecho acima, é sensível o fato dele explicitar que a verdade não pode ser tolerante e que a mesma não permite restrições. Há uma honestidade científica em jogo. O evento freudiano, a emergência do saber inconsciente, é trazido à tona. Tal acontecimento é transformado em ousar saber (*sapere aude*, *Aufklärung*, querer saber). Esse acesso à matéria faltante, expõe o inconsciente, o qual não é um fato psicológico nos moldes das psicologias da consciência. A metapsicologia é criada como um dispositivo inédito para dar forma de racionalidade *ad hoc* ao imperativo de não esquecer o inconsciente.

Esse não esquecimento tem uma ressonância com o uso da topologia por Lacan (1972/2003, p. 485). O dizer, que ficaria esquecido por trás do dito, é não mais esquecido através do uso da topologia. O corte instaurado pela topologia é o dito da linguagem, mas não mais esquecendo seu dizer.

Neste ponto, observa-se que metapsicologia e topologia possuem vínculos estreitos com a consideração da verdade na psicanálise. Com relação à verdade, não adianta se fechar a mão sobre ela, ela falará. Lacan (1965/1998) operando sobre o sujeito, afirma que ele está dividido entre saber e verdade. Através da topologia da banda de Moebius, por ela juntar direito e avesso, ele afirma que essa topologia pode captar o analista. Ora, o analista está na via da verdade como causa, é interessante que o analista assuma essa sua questão (Lacan, 1965/1998, p. 883). Não se trata da causa como categoria da lógica, mas como ela causando todo efeito. A subversão aqui é haver, entre efeito e causa, claudicação. Ao renunciar que a cada verdade corresponda seu saber, trata-se de um passo científico importante, e se está diante do sujeito da

---

<sup>16</sup> “*Es ist nun einmal so, daß die Wahrheit nicht tolerant sein kann, keine Kompromisse und Einschränkungen zuläßt, daß die Forschung alle Gebiete menschlicher Tätigkeit als ihr eigen betrachtet und unerbittlich kritisch werden muß, wenn eine andere Macht ein Stück davon für sich beschlagnahmen will.*” (Freud, 1933/1940b, p. 173)

ciência. A epistemologia não consegue operar aquilo que se espera da psicanálise: o corte do objeto. Além disso, a conjugação do sujeito da ciência com o da psicanálise é de que os dois são apenas um com o sujeito do significante (Milner, 1996, p. 116).

Para nosso estudo, um outro ponto importante, que se encontra no texto supracitado de Lacan (1965/1998, p. 873), é atrelado ao estruturalismo francês. Tal ponto é a noção de homem. Ora, se a psicanálise não é uma mundividência, muito menos ela teria uma antropovidência. Não há ciência do homem pelo motivo de não haver homem da ciência, de só existir seu sujeito. Lacan pontua sua repugnância ao uso do termo ciência do homem, e afirma que soa como a própria voz da servidão.

Até porque o termo também é falso, excetuada a psicologia que descobriu meios de se perpetuar nos préstimos que oferece à tecnocracia, e até, como concluiu com humor realmente swiftiano um artigo sensacional de Canguilhem, numa deslizada de tobogã do Panteão à Chefatura de Polícia. Aliás, é no nível da seleção do criador na ciência, do recrutamento da pesquisa e de sua manutenção, que a psicologia deparará com seu fracasso. (Lacan, 1965/1998, pp. 873-874)

O texto de Canguilhem a que Lacan se refere é “O que é psicologia?”, que foi estabelecido após uma conferência pronunciada em 18 de dezembro de 1956 no colégio filosófico de Paris. Sobre ele, Sônia Alberti e Luciano Elia explicam:

Por um lado identificado com aquele que Canguilhem associa à subida da rue Saint-Jacques em Paris, a Psicologia pode colocar grandes questões, à imagem dos grandes homens imortalizados no Panteão, por outro, porém, a Psicologia já se mostrava, em 1958 – data da publicação do texto de Canguilhem –, gravemente associada ao discurso capitalista que introduzia parâmetros no afazer científico, que desde então só se cronificaram e que a perpetuaram “nos préstimos que oferece à tecnocracia”, como diz Lacan, fazendo dela (a Psicologia) um instrumento de Polícia. (Alberti & Elia, 2008)

A psicologia desconhece que o homem da ciência não existe, que é necessário que se opere com o sujeito. É para esse ponto que Lacan também está chamando atenção. Diferente do movimento humanista (não é uma filosofia de fato, diferentemente da fenomenologia), a psicanálise desconstrói o conceito de homem, de natureza humana. O que a psicanálise não cessa de evidenciar é que esse homem é um ser “des-naturado” (Corrêa, 2001, p. 22), que seu sintoma é um paradoxo.

Foucault (1966/2000, p. 525) chega a dizer que, em relação às ciências humanas, a psicanálise é uma “contraciência”. Assim como a etnologia, ela permite que se saiba algo do que se dá ou escapa à consciência do dito homem, ou seja, “desfaz” o homem nas ciências humanas. Em comentário do texto supracitado de Lacan (1965/1998), sobre a diferença entre sujeito e homem, o professor Hilton Japiassu (1998), tradutor do texto de Assoun (1983) que utilizamos em nosso estudo, opera uma esclarecedora conclusão:

Esta análise permite a Lacan declarar que “não há ciência do homem, porque o homem da ciência não existe, mas somente seu sujeito” (*Écrits*, p. 859). Para ele, a distinção entre *sujeito* e *homem* é determinante: o *sujeito* é aquele que fala, o lugar de toda enunciação, não podendo ser concebido como uma entidade única, titular de uma essência, mas como o objeto de uma divisão que o constitui, entre o inconsciente que o determina antes de qualquer discurso e as produções conscientes das quais faz parte a idéia de homem. Sendo assim, tanto no plano da linguagem em geral quanto de suas determinantes particulares, a única ciência possível é a *ciência do sujeito* produtor de linguagem. Em contrapartida, a noção de *homem* é relativa à determinada cultura e a determinado método. Por conseguinte, depende, não da *universalidade*, mas da *generalidade*. Somente o sujeito, como termo lógico, é universal e, portanto, universalizável: “Tenho necessidade de dizer que, na ciência, contrariamente à magia e à religião, o saber se comunica? Mas devemos insistir (...) que a forma lógica dada a esse saber inclui o modo da comunicação como saturando o sujeito que ele implica” (*ibid.*, p. 877). Assim, a comunicabilidade do saber do sujeito sobre o sujeito depende de uma lógica que o pensa, antes, como separado da causa de seu discurso. Esta lógica é a mesma que implica a psicanálise, ciência das “miragens” do sujeito e ciência do inconsciente: ela inclui os efeitos e a causa. É em função dessa especificidade que não pode situar-se entre as ciências do homem, a não ser para criticá-las. (Japiassu, 1998, p. 118)

É interessante notar que não há uma crítica às ciências da natureza. Na verdade, Japiassu (1998) reafirma a posição de Freud e ainda indica o desenvolvimento de Lacan com relação ao conceito de sujeito na psicanálise. Enquanto o homem é uma generalidade, relativo à cultura e ao método, o sujeito, em contrapartida, é universalizável – incluindo os efeitos e a causa. Seria o sujeito uma maneira de Lacan sustentar o que Freud explicitou a respeito da psicanálise ser uma ciência da natureza?

Outro enrosco que há é sobre a noção de evolução psicológica e os riscos de reduzir a psicanálise a uma psicologia do desenvolvimento. Lacan (1965/1998, p. 890), ao diferenciar o sujeito do significante do indivíduo biológico, contribuiu para eliminar esse desvio. Ele vai além, ao afirmar a função da linguagem na teoria. Não se tratando do homem, mas sim da linguagem, ele expõe o corte maior (o que marca uma diferença radical entre um antes e um depois) de seu doutrinal de ciência.

A psicanálise está distante de uma antropovidência e de uma mundividência. Nota-se que ela questiona a própria Ciência para que ela não incorra em mais uma mundividência. De forma também questionadora será o passo que Lacan dará com uma re colocação de pergunta: “Permanente, portanto, manteve-se a pergunta que torna nosso projeto radical: aquela que vai de ‘é a psicanálise uma ciência?’ até ‘o que é uma ciência que inclua a psicanálise?’” (Lacan, 1965/2003, p. 195).

#### **2.4 O que é uma ciência que inclua a psicanálise?**

Nesse questionamento que a psicanálise faz para a ciência, é importante situar o posicionamento de Lacan. Segundo Waldir Beividas (2001), Lacan sustenta a questão, num equilíbrio entre ciência e não-ciência. Há uma posição de reserva nos sentidos de (1) não responder prematuramente, e de (2) ter algo reservado para o futuro.

Mas não haverá outra razão para a atitude de “reserva” do analista frente à ciência? Cabe-me aqui uma explicação sobre a expressão escolhida. Penso já ter ficado demonstrado o sentido cauteloso do termo. Mas o termo recobre também a semântica de um outro sentido. “Reserva” também quer dizer algo que se “guarda para um futuro”. É possível notar em várias passagens dos mesmos textos que vimos examinando alguns indícios de um lugar para onde Lacan solicita a psicanálise. Por trás da suspeição frente à ciência parece se desenhar não só um receio de romper o diálogo com o discurso científico – a magia e a religião parecendo-lhe ainda mais suspeitos como procedimentos de conceptualização do inconsciente, desde Freud. Do mesmo modo como quando nos expressamos por exemplo sobre uma “reserva ecológica” que nos cumpre criar para uma etapa futura da vida, assim também vejo a intuição de Lacan apontar para o programa de uma *reserva epistemológica* que a psicanálise poderia criar e com ela influir numa possível etapa futura da ciência. Vale a pena tentarmos localizar os indícios e assim justificar a interpretação. (Beividas, 2001, p. 49)

Um aspecto importante é a leitura que Lacan faz do que ele chama de sujeito cartesiano. É interessante observar um desenvolvimento específico que Lacan opera da pulsão, força constante a qual não é um tiro ao alvo, até o sujeito:

A razão de sua constância, a chamada topologia da *borda*, que explica o privilégio dos orifícios, o estatuto da ação retroativa, a dissociação entre o alvo e o objeto, todos apareceram aqui pela primeira vez.

Este périplo não diz os contornos necessários para garantir esse nó, nem tampouco o que ele cinge.

Nele marcamos mais uma vez a preempção do sujeito cartesiano, na medida em que ele se distingue do sujeito do conhecimento como sujeito da certeza – e como, revalorizado pelo inconsciente, ele passa à categoria de precondição da ação psicanalítica. (Lacan, 1965/2003, p. 196)

Essa preempção de Descartes, de uma questão que Lacan trará é de grande relevância para a psicanálise, no entanto, uma ressalva precisa ser feita quanto ao conceito de sujeito. Segundo Paul-Laurent Assoun (1996), as emergências metapsicológicas do sujeito são o narcisismo e a *Spaltung* (clivagem). Esse conceito não é uma categoria metapsicológica. Em Freud, ele aparece de forma pontual para eludir e introduzir uma estratificação tópica. Logo o sujeito lacaniano (entre significantes) não deve ser confundido com o freudiano. Porém, já em Freud é observável que o sujeito organiza a experiência do inconsciente como um *a priori* induzido pela experiência, ou seja, não haver ainda um conceito de sujeito não quer dizer que já não exista sua noção. Assoun (1996) chega a afirmar que o sujeito pode ser lido como “uma verdadeira pequena teoria do conhecimento encarnada” (p. 34).

O sujeito – o da cena primitiva (*Urszene*) do encontro impossível com o Outro – é realmente pressuposto necessário da experiência analítica, mas Freud o situa numa série de emergências metapsicológicas: é no ponto onde a explicação objetal toca seus limites que se deve introduzir, através do narcisismo, uma teoria renovada do Eu. É descobrindo uma outra lógica que não a do recalque que se deve introduzir a noção de “clivagem” (*Spaltung*) e a instância do “sujeito” que lhe corresponde.

Portanto, se o “sujeito” não é uma categoria metapsicológica, ele organiza efetivamente a experiência do inconsciente, à maneira de um *a priori* induzido por essa experiência. Toca-se, aí, a versão do mesmo círculo elaborado pelo saber

metapsicológico. A Spaltung – processo pelo qual o sujeito se cinde (*Einriss*) sob o efeito da representação da “castração” – obriga a pensar uma versão inédita que constitui um desafio essencial à racionalidade do sujeito elaborada pela tradição filosófica. Eis, com efeito, uma “experiência” que torna precária toda forma de subjetividade transcendental, algo como um entravamento da “função de síntese do Eu”.

O sujeito do sintoma instaura-se, portanto, nessa hiância estrutural do *saber* – que ele pode, ainda que virtualmente, tomar de si mesmo – e da *verdade* que o produz. Formulação que dá a medida da noção de inconsciente e que é imposta pela própria noção de castração.

Não é exagero dizer que o próprio sujeito se apresenta como uma verdadeira pequena teoria do conhecimento encarnada, já que, no trabalho do inconsciente, é esta cisão que ele reproduz como sua “história”, a de sua *divisão*. (Assoun, 1996, p. 34)

Freud constrói um *logos* a partir de um *pathos* (Assoun, 1996, p. 35). Lá onde o isso estava, o eu só advirá enfrentando sua divisão e através de um reposicionamento de suas modalidades de idealização. Após notarmos essa consideração para com o sujeito em Freud, voltemos para Lacan com o passo que ele dá através de Descartes. Segundo Jean-Claude Milner (1996, p. 33), há um cartesianismo radical em Lacan.

É possível uma leitura de Descartes como tendo sido o primeiro filósofo moderno por conta de sua proposição conhecida como *cogito*, da qual decorreria sua invenção do sujeito moderno, o sujeito da ciência, sendo condição da fundação freudiana da psicanálise e da invenção do inconsciente. A psicanálise, sendo intrinsecamente moderna, despoja o sujeito de toda qualidade e de sua reflexividade para com o pensamento, como queria Descartes. Tal leitura permite ainda que se diga que Descartes não duvidou o suficiente. Para ele, uma coisa que pensa é uma coisa que duvida; que concebe; que afirma, ou seja, que tem qualidades. Lacan, diversamente, suspende a passagem do primeiro para o segundo tempo, o tempo de qualificação do pensamento. Ele assegura a insistência do pensamento sem qualidades, interrompida antes de se polimerizar em dúvida, em qualidades. Esse pensamento sem qualidade é apropriado à ciência moderna, e Lacan afirma que também é necessário para fundar o inconsciente freudiano, pois existe pensamento no sonho. O freudismo, segundo Lacan, consistiria em a existência do inconsciente não ser estranha ao pensar, nem ao sujeito de um pensar. Se ele fosse estranho ao pensar, a psicanálise seria impossível como prática. Ora, nem

o sujeito, nem o pensamento exigem a consciência. Segundo Milner (1996, p. 59), Freud cumpriu o programa de Hermann von Helmholtz, o qual falava de um pensamento sem consciência de si [*ein Denken ohne Selbstbewusstsein*]. Trata-se de uma introdução, antes de Freud, da aproximação entre inconsciente e cientificismo. É interessante observar que assim como Freud tentou introduzir o inconsciente na ciência, Lacan também tentará trazer o sujeito para a articulação psicanálise-ciência. Dizer que o sujeito não tem a consciência de si como propriedade constitutiva corresponde a uma retificação da tradição filosófica; Descartes é colocado em questão. Para Freud, a consciência de si é somente uma marca da individualidade empírica que a filosofia introduziu indevidamente no sujeito. Logo, o sujeito da ciência traz essa noção da consciência de si poder ser suposta não ser essencial, e isso não ser uma contradição. Diferentemente do eu, onde a consciência de si não pode ser suposta não ser essencial sem contradição. De acordo com Milner (1996, pp. 35-36), a articulação do conjunto (1) sujeito da ciência, (2) equação dos sujeitos (cartesiano, freudiano e do significante) e (3) a interpretação de Freud que ela implica, essa articulação é específica de Lacan, por isso não é apropriado falar simplesmente de uma teoria da ciência, nem de epistemologia, em Lacan, mas de um verdadeiro “doutrinal de ciência”. Logo, diferentemente de Freud, onde falamos de uma epistemologia freudiana para destacar o que é inédito e inaugural no campo que ele funda, com Lacan falamos de um doutrinal, um conjunto de ensinamentos que desemboca numa orientação em que a psicanálise pode tomar a posição de um ponto ideal organizador do campo epistemológico, permitindo nele se orientar. É importante pontuar: na estranheza do conceito de sujeito em Lacan, é preciso se lembrar da estranheza do pensamento para Freud.

Lembrando da já mencionada peripécia galileana, é importante trazer para nossa articulação o galileísmo ampliado de Lacan. Segundo Milner (1996), tal diz respeito à extensão da noção de matematização e à extensão do universo a objetos não propriamente naturais. Observa-se esse galileísmo ampliado na psicanálise através da conjectura de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Isso requer uma conjectura hiperestrutural, uma teoria da estrutura qualquer. O galileísmo ampliado (Milner, 1996, p. 77) tem por base uma matemática ampliada, uma matematização estendida. Dos objetos inéditos, pode-se conceber a linguagem. Diferentemente do galileísmo antigo, as letras não são as da medida, são as de um cálculo. A matemática não cede de sua essência (Milner, 1996, p. 79), ela é levada a seu literalismo absoluto, isso acaba por trazer maior rigor à matemática. O Lacan dito linguista é, na verdade, um Lacan matemático, o que conta para ele na linguística é a matematicidade. A conjuntura resultante hiper estrutural pode ser lida como uma estrutura qualquer tendo propriedades não

quaisquer. A elaboração de uma teoria da estrutura qualquer é o caroço da doutrina lacaniana (Milner, 1996, p. 85). O significante é o elemento mínimo da estrutura qualquer, e ele deve incluir a emergência do sujeito, ou seja, a própria definição do significante inclui a questão do sujeito. Pode-se depreender quatro teses do significante para Lacan (Milner, 1996, p. 86): (1) o significante só representa para; (2) aquilo para que representa só pode ser um significante; (3) um significante só pode representar o sujeito; (4) o sujeito é apenas o que um significante representa para outro significante. Dessa cadeia (estrutura mínima), o sujeito é uma propriedade intrínseca. Estamos diante do primeiro classicismo lacaniano (Milner, 1996), com essa noção de significante.

No entanto, esse classicismo é instável.<sup>17</sup> Tendo por base os motivos que Milner (1996) expõe, as instabilidades mais importantes são: (1) a noção de matematização na evolução da própria matemática; (2) a noção de letra insuficientemente precisada ainda; (3) e instabilidade devida à evolução da linguística. No que diz respeito ao primeiro ponto, temos a figura de Bourbaki em contraposição à figura de Koyré. Para o bourbakismo, a matemática é autônoma em relação à ciência galileana, sua essência não é a quantidade e existe uma lógica matemática. Já para Koyré, a matemática é serva da matematização, deve ser entendida no sentido da quantidade e não existe uma lógica matemática. O primeiro classicismo não pode sustentar Koyré por conta do galileísmo ampliado, pois importa que a matemática seja literal e não quantitativa, e isso só o trabalho da axiomatização permite. O primeiro classicismo necessita da lógica matemática (por exemplo: o teorema de Gödel) e necessita também do doutrinal de ciência. No que diz respeito ao segundo ponto, a letra é constitutiva do galileísmo ampliado, mas ela não constitui o objeto de uma teoria autônoma em relação à teoria do significante. Apenas a letra permite passar da matemática às ciências da cultura, e delas à psicanálise. Já sobre o terceiro ponto, os anagramas de Saussure e a poética de Jakobson trouxeram questões ao galileísmo ampliado, e Chomsky retorna a uma renaturalização da linguagem.

Na medida exata em que o doutrinal é a um só tempo depurado do historicismo e despojado do galileísmo ampliado, ele não tem mais senão um único fundamento: a literalização. Uma teoria autônoma da letra torna-se portanto não só desejável, mas também indispensável. Ela não deixará de afetar a teoria da matemática. Bourbaki estabeleceu a sinonímia da literalização com a matematização; isso permitia num

---

<sup>17</sup> Esse classicismo ser instável, e ter vindo outro logo após, não significa que ele não seja fundamental. Trata-se de tentativa de construção de um percurso para a transmissão da psicanálise.

primeiro tempo esclarecer a primeira pela segunda; ficará evidente que a segunda pode, por sua vez, ser esclarecida pela primeira. (Milner, 1996, p. 98)

O segundo classicismo pode se permitir desenvolvimento em relação à filosofia, mais ainda que o primeiro que já utilizava Descartes, mas com devidas alterações. Antifilosofia é um nome possível para matema. Ele é o pivô do segundo classicismo. Segundo Milner (1996, p. 102), o matema traz a doutrina do mestre como pura determinação posicional. Porém, pensando um pouco mais, também a posição do analista está em jogo nisso. O mestre moderno é substituível (isso também diz respeito à universidade). O matema assegura a transmissibilidade integral de um saber e conforma-se ao paradigma matemático. A escola (Milner, 1996, p. 103) é o correlato institucional do matema, e a função maior da escola é assegurar uma transmissão integral. A matemática é paradigmática aqui por conta da transmissibilidade da letra. Das diferenças que Milner (1996, pp. 104-105) traz entre *significante* e *letra*, estabelecemos um quadro esquemático (Tabela 2) para tentar organizar.

**Tabela 2**

*Contraponto significante – letra*

<b>Significante</b>	<b>Letra</b>
1. É apenas a relação.	1. Não consiste em relações.
2. É sem positividade.	2. É positiva em sua ordem.
3. Diferença sendo anterior a toda qualidade, o significante é sem qualidades.	3. É qualificada.
4. Não é idêntico a si.	4. É idêntica a si mesma.
5. Impossível deslocá-lo.	5. É possível deslocar, permutar.
6. Não pode ser destruído, no máximo falta em seu lugar.	6. Pode ser rasurada, apagada, abolida.
7. Não se fecha a mão sobre ele, ele é apenas por outro significante.	7. É manipulável.
8. Não se transmite, nada transmite.	8. É transmissível, transmite aquilo de que ela é o suporte no meio de um discurso.
9. Não pode ser instituído, não tem si.	9. É o que é, tem si.

10. Não há mestre dos significantes.	10. Há mestre do jogo de letras.
11. Significante deriva apenas da instância S.	11. Letra vincula R, S e I, que são mutuamente heterogêneos.
12. Vocabulário de cadeia e de alteridade.	12. Vocabulário de encontro, de cunhagem, de contato, de entre-dois, o matema é seu derivado.

*Nota.* Fonte autoral, com base nos estudos de Milner (1996, pp. 104-105).

O matema, esse mínimo possível de ser transmitido, evidencia através de sua costura de heterogêneos em conjunto que eles não se vinculam entre si. Isso explica porque não há cálculo de um matema por manejo de outro. Eles não se somam num corpo de ciência. Ele retém apenas a literalidade da matemática. É uma matemática disjunta da dedução e do apagógico, reduzida a suas simples letras (Milner, 1996, p. 108). No entanto, é importante observar que o segundo classicismo não renuncia a Galileu. Ele reafirma o doutrinal de ciência mas com uma matemática depurada do que restava de Euclides. Há uma reivindicação da matematização já reivindicada desde Galileu. Essa doutrina do matema só se sustenta, no entanto, se se admite uma interpretação bourbakista da matemática. Mas Lacan vai além. É possível notar um hiperbourbakismo (Milner, 1996, p. 110), porque os bourbakistas ainda afirmavam a existência de continuidade sem falha desde os gregos da demonstração matemática, mas Lacan a recusa; não há essa continuidade. O hiperbourbakismo traz consigo que a literalidade não é da ordem da consistência, toda consistência é sempre variante do vínculo. O matema evidencia uma teoria do pensamento não imaginário. Aqui é recuperada a tentativa freudiana de construir uma teoria do pensamento disjunto das regulações imaginárias, transmitindo o pensamento não mais tributário do consciente, mas do inconsciente. Com a metapsicologia, é notável essa tentativa de construção de um saber de alteridade que inclua a lógica do inconsciente. O avanço de Lacan é, aos poucos, seguir na produção de um tipo de teoria que inclua o pensamento inconsciente, a lógica inconsciente, e isso desde o primeiro classicismo (o inconsciente ser observado como estruturado como uma linguagem já é algo positivo) até o segundo classicismo. Há uma teoria positiva e tentativa de transmissão integral. Segundo Milner (1996, p. 112), a lógica matemática se torna o *schibboleth* da ciência, ela evidencia a essência autêntica da matematicidade. É possível notar também que há uma preocupação com a deturpação do pensamento que está sendo trazido tanto por Freud como por Lacan, deturpação do método, da própria prática psicanalítica. Freud, pela via da

metapsicologia, decantou universais. Lacan tenta uma formalização teórica. O cientificismo da IPA tenta tamponar o que foi trazido por Freud, Lacan precisou incorrer, durante o primeiro classicismo, nas filosofias para ir de encontro a esse cientificismo, mas no segundo, ele se afasta. Tento agora trazer, em tentativa de esboço, o que mudou e o que se manteve entre o primeiro e o segundo classicismos. No primeiro, *cogito* é emergência; no segundo, ele é imersão do sujeito. No primeiro, isso pensa onde não existo; no segundo, onde isso fala, isso goza e isso nada sabe. De acordo com Milner (1996, p. 118), o galileísmo ampliado torna-se inútil, e está absorvida a teoria da estrutura qualquer para estudo, que é doravante a teoria regional apenas da rodela S, ou seja, a teoria da estrutura não foi destruída, ela foi absorvida. Logo, os desenvolvimentos do segundo classicismo jamais invalidaram os do primeiro.

Um terceiro movimento do desenvolvimento lacaniano pode ser observado no seu movimento de desconstrução. O nó será trazido. O problema central é: algo não totalmente literalizável (o nó) serve de sustentação às letras, principalmente naquilo que ele é antinômico à matemática (a que se propunha na época com sua devida matematicidade literal bourbakista). No segundo classicismo, o ensino na universidade pôde se dar (transmissão sustentada pelo paradigma da letra); já nesse movimento de desconstrução, até a dissolução da escola foi um fato. Teria o ideal de transmissão esbarrado em seu ideal?

A doutrina do matema estava ligada a um correlato institucional: a Escola Freudiana; esta escola era chamada de escola e freudiana, porque estava baseada na tríplice hipótese de que algo se transmite integralmente a partir de Freud, de que o lugar de uma transmissão integral é uma escola e de que o meio de uma transmissão integral é o matema num tal lugar; ela agia para o exterior através de uma revista intitulada *Scilicet* (“podes saber o que disso pensa a Escola Freudiana”, esta era a sua epígrafe; para completar, dissemos: “graças ao matema”); essa revista era modelada em cima de Bourbaki, porque a matemática é o modelo da transmissão literal e porque Bourbaki é o modelo da matemática literal. Ora, a escola foi dissolvida, em um instante. Apesar de uma escola ter ressurgido no instante imediatamente ulterior, não podemos fazer como se o instante de dissolução não tivesse ocorrido. A revista *Scilicet* desapareceu. Por seu nome e forma (artigos assinados), as revistas que a sucederam comprovam que elas se ordenam por outras regras, mais clássicas. Paralelamente, o bourbakismo é doravante em matemática uma figura fechada e isso a um ponto que Lacan não podia ignorar. (Milner, 1996, p. 129)

A doutrina do matema era o suporte doutrinal da Escola Freudiana. Segundo Milner (1996, p. 130), a referência matemática encontra-se absorvida pela teoria do nó borromeano. O nó é refratário à matematização integral.

O nó é outra coisa; ele é antinômico à letra e, por essa razão, antinômico ao matema. Pois uma falha maior abriu-se: o nó pode suportar letras (por exemplo, R, S, I), seu borromeianismo mostra o que é o literal, mas ele próprio não está integralmente literalizado: “aos nós não se aplica até hoje nenhuma formalização matemática”. Em consequência, é a um objeto não literal que cabe a tarefa de mostrar como fica o literal em sua essência. A letra não encontra em si mesma de que se literalizar suficientemente. (Milner, 1996, p. 132)

No entanto, é notável que uma questão que se coloca é que, mesmo havendo uma posterior matematização, aquilo que foi encontrado prévio à matematização expôs e impôs sua importância (lembremo-nos da fixação metapsicológica). Ora, a coisa já se transmite antes da formalização; na verdade, ela não espera pela formalização. A partir da década de 70, o poema prolifera, os trocadilhos não são chistes, cada um é “um átomo de cálculo poemático” (Milner, 1996, p. 134). O que há são nós silenciosos e poemas que se proliferam. O nó mesmo não sustenta letra, ele só sustenta quando projetado no plano. O nó em seu desvio de letra exhibe uma antimatemática lacaniana.

Ao fim do percurso, o nó tornou-se desvio da letra, mesmo com o risco de que, através desse desvio, a letra chegue a seu endereço. Ele se tornou, propriamente, uma antimatemática. Após a antilinguística contida na doutrina do significante e exibida pela doutrina da homofonia, após a antipolítica induzida pela teoria dos discursos, após a antifilosofia contida no primeiro classicismo e exibida pelo segundo. Em suma, a anacorese discursiva está consumada. (Milner, 1996, p. 135)

O que se conclui é que a obra de Lacan, assim como a de Freud, é inacabada. A sua conclusão é uma abertura. É interessante lembrar que a ciência também é incompleta – é nesse aspecto que discordo dos autores Jean-Claude Milner e Paul-Laurent Assoun quando dizem que Freud acreditava em um ideal da ciência. Ele mais pontua isso (psicanálise como supereu da ciência) do que se deixa tomar por alguma fé ou por alguma ilusão – ao pensar numa cientificidade, ele não incorre mesmo em um cientificismo. Não esboçarei um pequeno quadro sobre esses movimentos lacanianos estudados de forma tão acurada por Milner (1996), porque

o fundamental parece ser o seguinte: os questionamentos de um período não solaparam os do outro.

Interessante nesse momento da desconstrução é a figura de Pierre Soury, matemático que trabalhou com Lacan, ele apontava que havia um enriquecimento quando se trabalhava com o aspecto dos desenhos dos nós: entre definição e designação, entre demonstração e mostração. Enquanto se estuda pela via da definição, os universais estão em foco; enquanto se opera pela via de cada desenho específico, da designação, a singularidade é reconhecida. Através da topologia, tenta-se uma macro-teoria, ideia tirada do que Soury chamava de grande teoria, segundo Magno (Dias, 1979/2009, p. 41), uma teoria englobante. Os objetos topológicos, embora matemizáveis, apresentam uma resistência à representação. O matemático fica entre esse objeto e a ordem lógica que o equaciona. Naquilo que a ciência sonha com as macro-teorias, exhibe-se a desconfiança que ela tem diante da teoria psicanalítica, por causa do mosaico de teorias que há nela (Dias, 1979/2009, pp. 39-40). Tal resistência é semelhante à resistência do analista à escuta, de sustentar o não é isso, nem aquilo; “a psicanálise é a arte de fazer nem-nem” (Dias, 1979/2009, p. 42).

## 2.5 Pode a psicanálise ser e não ser uma ciência?

Segundo MD Magno (Dias, 1982/2010, p. 373), “quanto mais a epistemologia tenta agarrar o que seja a ciência, mais ela vira A mulher: não existe.”. Não há A ciência, sem falhas ou que incorra num saber absoluto – esse aspecto abre para uma pluralização através do discurso científico (fundador das ciências). Ao invés de operarmos pensando em um axioma fundador, será observado que o que se encontra é paradoxo.

A ausência de um axioma fundador, segundo Pommier (1992, p. 50) não tira à psicanálise sua ambição de cientificidade trazida pelas tentativas de formalização e pela sua eficácia. Há uma transmissibilidade no que diz respeito a um corpo de enunciados da psicanálise. Porém, essa transmissão não permite compreender uma experiência singular de análise. Uma coisa é a transmissão do saber, outra é a experiência e a formação do analista.

Assim, a psicanálise parece poder pretender a cientificidade, do ponto de vista do *sujeito* que a interessa, mas ela não poderia fazê-lo do ponto de vista do saber que ela descobre. *Ela é e não é uma ciência*. Num sentido, seu fato a torna a única ciência do sujeito, deste sujeito dividido por seu gozo. Mas de outro lado, tudo o que terá permitido

a este sujeito apreender-se em sua divisão é, por definição, contraditório, e consequentemente intransmissível, no sentido em que uma ciência deve pretender a inteligibilidade. (Pommier, 1992, pp. 64-65)

A psicanálise é e não é uma, e nem a, ciência. Pelo lado do inconsciente, de suas formações, há a possibilidade de estudar aquilo que responde por um determinismo; porém, pelo lado do sujeito, há o que foge ao determinismo. Do cálculo do inconsciente, os sintomas são os resultados. Eles são paradoxais e têm um sentido singular para cada analisante. No entanto, há algo de universal, determinado, tendo em vista que as formações do inconsciente não são indeterminadas.

É este resultado contraditório que faz pensar que, apesar da rigidez das operações que conduz, o trabalho do inconsciente não repousa sobre nenhuma axiomática. Esta ausência de fundamento não permite nem mesmo apoiar-se sobre hipóteses, das quais se poderia esperar que algum dia demonstrassem ser verdadeiras. De fato, o sujeito não deixa de fazer planos para agir, mas a particularidade última dessas conjecturas é se revelarem falsas, no sentido da queda do sintoma. O que é verdadeiro para o sujeito passa a sê-lo para a práxis analítica, que o revela ao seu desejo. Nesse sentido, os procedimentos psicanalíticos não podem se apoiar sobre nenhum axioma, ou pelo menos uma certa regra será verificada em razão do erro por ela produzido.

Assim, podemos nos assegurar de que a psicanálise nunca terá nada de científico, e que ela se destaca apenas de uma certa prática de discurso justificada por sua eficácia? Isso seria, mais uma vez, uma precipitação, pois, como observa Joël Dor, a contradição, longe de contradizer a cientificidade, pode estar na origem daquilo a que chamamos a “paradoxalidade instauradora”. (Pommier, 1992, pp. 61-62)

O paradoxal não é oposto ao desenvolvimento científico, mas é, ao contrário, fundador, instaurador de um novo campo. Notemos que esse ponto mais aproxima que afasta psicanálise e ciência. Segundo Octave Mannoni (1992, pp. 169-170), de fato, elas não se contradizem, elas, de certa forma, completam-se. A psicanálise é como a sombra alongada da ciência (Mannoni, 1992, p. 168), ou seja, há uma semelhança entre as duas, pois cada sombra tem características de cada objeto.

Ao pensarmos sobre o fazer do psicanalista temos, logo, uma questão metodológica. De acordo com Pura Haydée Cancina (2008, p. 53), a teorização encontra seu limite na prática. A teoria e o fazer do psicanalista estão enlaçados. Através de uma operação no nó, ou, para ser

mais acurado, na cadeia<sup>18</sup>, a autora enlaça: ciência, prática e clínica. No entanto, não é de qualquer cadeia que se trata, é de uma com a propriedade borromeana, isso quer dizer: se um elemento dessa cadeia se subtrai, os outros acabam por ser desenlaçados também ao mesmo tempo. Essa propriedade traz para a cena a impossibilidade de tirar apenas um dos elementos da cadeia borromeana. A análise pessoal está predominantemente vinculada ao registro real (R), à prática, ao que é singular de cada analisante; já a clínica é o que o analista teoriza voltando-se para uma tentativa de transmissão, predominantemente vinculada ao simbólico (S); já a teoria vincula-se ao registro imaginário (I), o qual é barrado pela experiência. Caso a clínica se desenvolva sem referência à teoria, ela pode cair no indizível ou no inefável místico; e caso a teoria se desenvolva sozinha, ela pode se tornar dogma. Então prática (R), clínica (S) e teoria (I) estão enlaçadas.

É oportuno notar como Freud trazia isso. A metapsicologia, como rememora Assoun (1996, p. 15), é uma tarefa de *Nacherzählung*, pós-escritura. É fundamentalmente *Nacherzählung* de algo que se escutou na clínica. Estamos diante de um ficcionamento cujo exemplo é o lastro clínico. Restando para além do desejo de obra acabada, é uma obra inacabada, *sine die*. Se pensarmos com Alain Didier-Weill (1988, p. 13), notaremos que o que se trata de elaborar é uma relação não superegoica com a teoria<sup>19</sup>, pois a teoria psicanalítica opera em abertura ao infinito não-saber. A transferência do analista a Freud deve ser averiguada.

É por existir uma transferência com o impossível que o analista não é *inteiramente* capturado pela transferência com o nome de Freud, e que, nesse sentido, uma parte dele, comparável àquela do artista, comemora o fato de que ele permanece um pioneiro que sabe que a teoria analítica, por mais consistente que ela seja, é atravessada por um não-saber que, uma vez encontrado, deixa-o radicalmente só. (Didier-Weill, 2006, p. 118)

Para além do princípio do prazer do cientista, a pulsão de morte é evocada – o impossível ressoa. Uma parte do analista apresenta uma transferência com um real, nisso a instituição não pode se responsabilizar. Essa transferência topológica com um lugar de insistência traz para jogo a “insistência”, expressão de Alain Didier-Weill (2006, p.119) que explicita a insistência na instituição. Essa insistência responde à resistência do próprio analista.

---

<sup>18</sup> Sobre o uso do termo “nó borromeano” por Lacan, é interessante observar, no mínimo, duas coisas: (1) há uma questão conceitual em jogo; (2) através de cada nó (um elemento apenas), podemos pensar a sua respectiva cadeia.

<sup>19</sup> Mas como trabalhar com o superego não é assim uma tarefa tão simples, creio que uma forma de lidar com o mesmo seja o direcionamento para a questão do superego da ciência, para que a mesma não se torne dogma, e, da mesma forma, para que a psicanálise sustente sua questão de não ser uma mundividência.

Esperar demais de Sigmund Freud, de Jacques Lacan, de Magno Machado Dias, dessas pessoas que conseguiram de alguma forma teorizar (e isso não é tarefa fácil, não é tarefa que qualquer um consiga fazer, nem é lugar que qualquer pessoa consiga suportar) não seria uma resistência à análise? Segundo Marco Antonio Coutinho Jorge (2017, p. 50), a insistência opera a uma associação dita livre; a resistência seria o que trava, o que interrompe, essa associação. Ora, trata-se da regra técnica da análise. Aqui, o poder da palavra não é o poder da palavra daquele que é tomado como mestre, mas das próprias palavras do analisante. E elas não deixam de ter vinculação com o Real. Da mesma forma que é interessante analisar a transferência ao mestre teórico, é importante analisar o que se espera de uma instituição. Certamente, as demandas feitas aos mestres irão ser colocadas também em direção às escolas, aos colégios, aos centros de estudo e de formação analítica.

Tomaremos a expressão de Alain Didier-Weill (2006), transferência topológica, diante das articulações que já fizemos. Ora, se a transferência também tem esse aspecto de ser atravessada pelo infinito não-saber, há algo já disso em Freud: a psicanálise não é uma mundividência. Esse aspecto exhibe sua importância também no que a topologia não deve ser vista como uma mundividência. Ela explicita outra coisa: a impossibilidade de construção de A mundividência. Cada analisante precisará se confrontar com seus próprios significantes. Logicamente, advindos do Outro – mas a teoria e a clínica não cansam de indicar que esse é barrado. Se a topologia abre para desenhos singulares é pelo motivo do um a um. Há aspectos que se repetem nesses desenhos (universal teórico), mas eles não deixam de ser também singulares.

Lacan (1972-1973/2012)<sup>20</sup>, ao final da sessão de 8 de maio de 1973 de seu seminário *Encore*, fala sobre um *truc* preciso que não é matemático, e diz que isso evidencia que o discurso do analista se distingue do discurso científico (*N.B.*: a posição da matemática do segundo classicismo já indo em direção a uma antimatemática do movimento de desconstrução). Magno Machado Dias (2019/2021) opera uma interessante versão brasileira dessa passagem: “a transa psicanalítica não será matemática” (pp. 107-108). Trata-se justo disso. É Bourbaki caindo por terra. O ideal de ensino matemático, de transmissão sem perdas,

---

<sup>20</sup> Retirada da edição *Staferla* (conferir nas referências), a melhor para estudar os seminários em francês, através do *website* de Patrick Valas, no qual também se acha os registros de áudio de vários seminários. *Encore*, pode ser traduzido por “mais, ainda”, mas também se escuta “*en corps*”, “no corpo”. A versão brasileira de MD Magno que ele estava fazendo enquanto trabalhava no seu próprio seminário A Música de 1982 é riquíssima. Não se trata de um simples tradutor, ele opera com significantes que movem.

revela-se justamente ser aquilo que sempre foi: um ideal. Ora, bem sabemos o que ocorre com os nossos ideais em análise.

Outro ponto elencado na seção foi a respeito do sintoma. Ele apresenta uma estrutura paradoxal, contraditória. Re coloquemos a expressão de Joël Dor (1993): a paradoxalidade instauradora. Joël Dor (1993, p. 24) fala que a análise tem um *status* único, exclusivo, no que não parece encontrar nenhuma solução de integração epistemológica nos diversos campos de conhecimento familiares até então. No entanto, afirmar que a psicanálise não é uma ciência levanta uma questão que é a do conhecimento em seu conjunto.

Se “a psicanálise não é uma ciência”, isto implica *ipso facto* que se sabe através do que e como se define a Ciência. Essa asserção, por sua vez, só é válida na medida em que supõe que o *conhecimento* através do qual se define a Ciência é, nele mesmo, tão válido quanto o *conhecimento científico* do qual fala. Eis então introduzida toda a questão da legitimidade da metalinguagem e, com ela, a questão subsidiária da *verdade* que está inevitavelmente ligada a isso. Em outras palavras, a asserção pela qual se formula a “não-cientificidade” da psicanálise – e o mesmo se daria com sua cientificidade – torna-se o ponto de origem de uma interrogação princeps sobre a rede do discurso epistemológico que se autoriza dessa enunciação e, mais particularmente, sobre o que fundamenta sua validade. Esta última proposição ressoando ela mesma por sua vez em um nível de generalidade mais elevado, levantando a questão da legitimidade de uma *teoria do conhecimento*. Tal questão, bem entendida, interroga em último caso a validade do discurso pelo qual todas as interrogações encontram-se enunciadas. (Dor, 1993, pp. 25-26)

Posição de reserva em jogo, guardemo-nos de bem entender. A questão principal que o autor coloca é que não se sabe realmente como se define essa Ciência. O que se aprende na teoria psicanalítica é que não é possível falar o verdadeiro sobre o verdadeiro. O autor segue:

Devemos a Aristóteles ter, por seu lado e de sua maneira, compreendido bem o que uma tal regressão indefinida de interrogação do *verdadeiro* sobre o *verdadeiro* tinha de estéril e fixar os limites “sadios” desse incansável questionamento interrompendo as condições epistemológicas capazes de fundar a possibilidade de um *conhecimento*. (Dor, 1993, p. 27)

Ao invés de querer infinitizar querendo saber o verdadeiro sobre o verdadeiro, percebe-se que algo inédito ocorre. Além disso, o sujeito, clivado (entre saber e verdade), não pode simplesmente ocupar o lugar do conhecimento.

Por sua dimensão de experiência inaugural, a divisão do sujeito desmascara o que haveria de radicalmente imaginário em pensar o universo científico como lugar exclusivo da *verdade* para um *sujeito-cognoscente* e, em consequência, em conceber a *ciência* como a única modalidade de expressão possível, ao mesmo tempo teórica e transmissível de um *conhecimento* verdadeiro. Certamente, o que é inteiramente formalizado na linguagem lógico-matemática é integralmente transmissível. Mas isto não significa que o que é exclusivamente formulável nos enunciados lógico-matemáticos proceda de um engano sobre o que constitui a verdade do *sujeito*. (Dor, 1993, p. 32)

O sujeito é foracluído pela ciência numa tentativa de lidar com a verdade e com o saber. No entanto, ele retorna. Não seria o seu retorno expressão de que a ciência não pode ser uma mundividência? Joël Dor (1993, p. 35), propôs, diante da questão da cientificidade da psicanálise, um ato epistemológico de valor dialético, tal ato é a “paradoxalidade instauradora”.

Ato epistemológico que enuncio como “*paradoxalidade instauradora*”, ou seja, uma estratégia que considera a autoridade epistêmica enfraquecida do *sujeito-cognoscente* para resolver a questão, mas que ultrapassa também a *un-puissance* desse *sujeito-não-dividido*, induzindo a nova medida de inteligibilidade que virá circunscrever adequadamente o problema, promovendo-o mais adiante. (Dor, 1993, p. 35)

Essa estratégia é interessante na medida em que é o paradoxo que instaura um novo campo. A paradoxalidade instauradora aproxima psicanálise e ciência. Esse enfraquecimento do saber lemos em Freud através do que ele fala de saber fragmentário. O discurso científico não quer saber da divisão, nesse caso é similar à histeria. No que diz respeito ao conhecimento, assemelha-se à paranoia através da foraclusão dessa divisão, a qual retorna quanto mais mundividente a teoria se torna, pois A ciência não existe. Essa potência é bastante impotente (*un-puissance*). É isso que a análise ultrapassa admitindo a divisão do sujeito. Deixando que a verdade falasse, Freud recolocou o inconsciente na cena histórica científica. No caso pequeno Hans (Freud, 1909/1941, p. 335), através de sua ânsia de saber, que não deixa de estar atrelada à curiosidade sexual, esse jovem pesquisador mostra que todo saber é fragmentário [*Stückwerk*]. Um resíduo não solucionado permanece em cada estágio. Esses resíduos de erros

teóricos da sexualidade infantil não serão simplesmente descartados (a ciência se lembra de seus resíduos?); eles serão recalçados e tornar-se-ão inconscientes. Pensando na posição da psicanálise diante da verdade e diante da ciência, segundo Garcia-Roza (2001, p. 98), “a via da verdade psicanalítica não é percorrida obedecendo-se ao princípio da não contradição”.

A transmissão também tem seus limites; o horror diante da cena primária está em pauta; não há Outro do Outro; A ciência não existe. Além disso, sempre haverá coisas que apenas o analisante e o analista poderão testemunhar. Isso, porém, não invalida a conexão psicanálise-ciência. Resistência não é apenas se apegar à ciência, mas também rechaçá-la. Como observaríamos a coerência interna da psicanálise se rechaçássemos a ciência?

### 3. O PENSAMENTO TOPOLÓGICO: DE FREUD A LACAN

Ao adentrarmos os desenvolvimentos do pensamento topológico na psicanálise, precisamos pontuar que tais são incapazes de uma construção mundividente. Esse ponto será nossa baliza durante o presente estudo; ele é limite exposto, o qual parece trazer à tona a falta da consideração da sexualidade – essa ideia será defendida à frente – na topologia que diz respeito à psicanálise. Será que a psicanálise não precisa operar como supereu não apenas diante das ciências que buscam mundividência, mas também diante de doutos analistas, os quais, longe das transferências de trabalho nas Escolas, buscam uma construção dessa ordem em universidades, pela via do conhecimento? Parece haver uma propensão: quem muito caminha pelas veredas epistemológicas, metapsicológicas e topológicas acaba, por vezes, incorrendo em forte resistência para com a análise. Os doutos (não-leigos) parecem abrir mão do que caracteriza a psicanálise para a vivência na universidade, obliterando, assim, o não-saber através da perspectiva do acúmulo de capital de conhecimento.

Não é ciência, muito menos psicanálise, quando o aspecto da mundividência invade uma construção teórica. Se a incursão topológica rechaçar a sexualidade, no que diz respeito a todo saber ser fragmentário (castração em jogo), mais distante ela estará não apenas da ciência, mas também da psicanálise. Na psicanálise, a incompletude está em jogo, com representações auxiliares abertas à revisão – “*Open to revision*” (Freud, 1926/1948, p. 221). Ao se mostrar constitucionalmente incapaz de uma mundividência, a psicanálise exhibe à ciência que o desejo de tamponar toda falta com uma explicação mundividente é impossível (desejo de impossível que ronda a teorização), é uma manifestação patética (*παθεῖν*, sofrer) do “desejo de acabamento” (Assoun, 1996, p. 17). Uma hipótese do presente trabalho: a reescrita indefinida da coisa clínica – a qual leva a uma arte rigorosa do esboço as construções metapsicológicas – também está presente no que diz respeito à topologia. Essa incompletude de obra adia *sine die* a realização do desejo de acabamento. Não estaríamos aí diante do ato analítico, naquilo que ele sustenta, de horror da cena primária, de que não há Outro do Outro – articulação de Lacan trazendo palavras para uma angústia muito comum na clínica –, de que não é possível dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro?

A topologia é um artifício auxiliar. Ela é um auxílio operante na transmissão da teoria – a qual é incapaz de uma mundividência – por conta da passagem da clínica para o fazer teórico que ela permite. Por fracassarem, os ideais de ensino sem perdas e de transmissão

integral abrem para uma pluralização de possibilidades: singulares ensinamentos e estilos dão a tônica. Esse fracasso explicita que a inquietação diante da clínica jamais será tamponada pela topologia, assim como não será pela metapsicologia. O *πάθος* está em jogo – um pato lógico. Essa inquietação clínica não diz respeito apenas ao ofício do analista, mas principalmente à própria análise pessoal, experiência singular. Os artifícios metapsicológicos e topológicos precisam ser abertos e em construção por não lidarmos com matéria morta na escuta analítica; ora, também não estamos mortos deitados no divã; o luto (nossa constituição metapsicológica) pontua a todo tempo que a coisa está viva, que a palavra não matou, de fato, a coisa; ou melhor, em expressão popular, “matou a cobra e mostrou o pau”. No cerne da presente seção, logo, está a defesa de que a topologia, para a psicanálise, não é uma mundividência.

Sobre nosso trajeto nesta seção, ele talvez pareça inusitado, à primeira vista, pela forma como serão averiguadas essas construções topológicas na teoria psicanalítica.<sup>21</sup> Tendo em vista que são construções, elas, logo, não apresentam nada previamente, têm mesmo a característica de *Nacherzählung*, de pós-escritura, como vimos anteriormente com relação às construções metapsicológicas. Os pensamentos topológicos também possuem esse traço de só-depois, e assim como a episteme corre o perigo de se transformar em dogma, esses pensamentos correm um risco semelhante. Será através desse prisma que questionaremos os limites de uma construção teórica. Talvez esse estilo de apresentação não agrade quem estuda a topologia levando em conta apenas os objetos topológicos, como se eles tivessem pura e simplesmente caído do céu, e o tema também talvez já não agrade inicialmente quem acha topologia um estudo enfadonho. Porém, esse segundo grupo, quiçá, não se contraponha tanto quanto o primeiro à assimilação de tais ideias aqui apresentadas. Mais importa, para nossa pesquisa, o pensamento que levou Lacan a determinadas articulações em desenhos, e observar como isso já se apresentava em Freud pela originalidade do que ele tentou levar ao reconhecimento científico: o inconsciente. Para tanto, o nosso percurso, o qual será na esteira do pensamento topológico nas obras abertas de Freud e de Lacan, será exposto em quatro pontos cruciais em torno dos quais orbitam a consideração da topologia na psicanálise: (1) linguagem; (2) lógica; (3) tempo-espaço; (4) sexo. Esses pontos foram elencados após longo esforço de estudo<sup>22</sup>; os mesmos explicitarão uma articulação entre os desenvolvimentos lacanianos e os freudianos. É

---

<sup>21</sup> Para uma apresentação mais paulatina do tema, sugerimos a leitura de um artigo nosso já publicado sobre o pensamento topológico em Freud – “a metodologia topológica freudiana: elementos introdutórios” (Feitosa & Fontenele, 2023) – pela revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana, volume 18, número 35.

<sup>22</sup> E o presente trabalho é um esboço dessa ideia inicial; ainda há muito o que se aprofundar em cada eixo para defendê-la de forma mais contundente.

preciso lembrar que trabalhamos com palavras – diante de um imaginário que, por vezes, é colocado de forma tão intensa na clínica, o simbólico desempenha um papel importante; trazer, portanto, primeiro esse aspecto da linguagem na topologia é uma preocupação da presente pesquisa.

Neste momento, Ivan Corrêa será nosso guia. Através de seu trabalho, conseguiremos pontuar que mesmo Freud não tendo falado de topologia explicitamente, ele se utilizou, segundo Ivan Corrêa (2009), de uma metodologia topológica, a qual é operação de depuração de invariantes: deslocamento e condensação. Seguiremos, contudo, de modo paulatino.

Para além de pensar a topologia apenas relacionada ao espaço, estudaremos como ela se relaciona com esses quatro pontos cruciais elencados. Eles serão as divisões da seção; no entanto, tais divisões são apenas balizas para os temas apresentados, pois, na verdade, essas discussões estão extremamente imbricadas. O caminho de mão dupla da linguagem aos espaços do inconsciente traz luz ao fato de que aquilo que une psicanálise e lógica é justamente a linguagem, essa operação metafórica, impossibilitada de falar a verdade sobre a verdade (tendo em vista que, impossível de fechar a mão sobre ela, a verdade, ela fala); não que não se a diga, mas impossível é de toda a dizer. Isso traz à tona a seção do falante; a operação do dizer evidencia aquilo que as ciências das evidências querem excluir a todo custo: o sujeito. No que diz respeito à sexualidade na topologia, será apresentada principalmente uma contribuição importante de Magno Machado Dias (1982/2010), a qual também irá nos ajudar no que se refere a um distanciamento da matemática, confusão muito comum de quem se perde pelas veredas topológicas esquecendo-se do material clínico que a psicanálise apresenta e de sua via: da clínica ao fazer teórico.

### **3.1 A topologia e a linguagem**

Segundo Ivan Corrêa (2009), o homem é um erro da natureza, um erro preciso, um ser des-naturado porque fala. Em sua fala, é exibida uma topologia. Esse termo, não desvinculável da consideração topológica, diz respeito aos desvios que a linguagem faz. “O que os gregos chamavam de Tropos é o desvio que se faz na linguagem para produzir uma figura retórica. É um erro preciso para se realizar a arte do bem-dizer, da estética, da beleza.” (Corrêa, 2009, p. 23). O ser des-naturado, por sua arte e por seu ofício, traz essa dimensão do erro preciso – um exemplo é o ato falho (falho para a consciência) exibir seu sucesso no que diz respeito ao inconsciente. Rememorando Fernando Pessoa, Ivan Corrêa (2009) parte às veredas topológicas

levando em conta o navegar, o qual é preciso. Ora, uma canoinha também navega na terceira margem do rio, se pensarmos com Guimarães Rosa (1962/2016); o ser des-naturado é, em última instância, o rio: “e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio adentro - o rio” (Rosa, 1962/2016, p. 72). O sujeito, no Real, é o próprio corte. Por sua apresentação moebiano-efêmera, a qual, fugazmente, exhibe a pulsação temporal do inconsciente, da “abertura-fechamento” [*l’ouverture-fermeture*] de sua hiância (Lacan, 1964/2012, p. 318), precisamos ter algo em mente: assim como não é objeto da matemática a formiguinha andando pela banda de Moebius, o objeto da psicanálise não é o sujeito. O que está em causa é a noção de espaço (e consequentemente a de tempo). O pirilampo de Clarice Lispector (1973/2019), de seu texto “Água Viva”, o qual, no instante-já, acende e apaga, ele acaba por expor que esse instante-já, no *it* de seu texto, é o que está em causa: rítmico, musical tempo-espaço em sua sístole e diástole – pulsações, em menção ao seu derradeiro corajoso sopro. Da linguagem aos espaços do inconsciente, esse será nosso itinerário de ida e vinda: da tropologia à topologia tanto em Freud quanto em Lacan. No que diz respeito à lógica dos lugares (*topos-logia*), é preciso pontuar que a linguagem é um elo comum entre psicanálise e lógica, a qual, para o inconsciente, é outra. “A lógica está presente, tanto na linguagem como na Psicanálise, pois a lógica, como a Psicanálise, põe em ação uma prática da linguagem.” (Corrêa, 2009, p. 21).

Nessa ação da linguagem, precisamos ter em vista o papel fundamental da denegação<sup>23</sup>, *Verneinung*, no inconsciente. Fazendo-se notar o discurso analítico, Ivan Corrêa (2009, p. 27), menciona algumas expressões: “eu não vou não”; “eu não quero não”. Duas negações gramaticalmente, levando em conta o latim, fazem uma afirmativa. Mas não é o caso nesses exemplos, isto é: gramaticalmente se diz uma coisa, mas se significa outra. Um exemplo, articulação minha, que pode trazer mal-entendidos para outras pessoas que não são cearenses é, ao perguntarem se não se quer algo, surgir uma resposta afirmativa desta forma: “ora se não”.

---

<sup>23</sup> Talvez pareça peculiar trazer uma consideração freudiana começando pela segunda tópica, ao invés da primeira, mas julgamos interessante ler considerações iniciais tendo em vista também esses desenvolvimentos posteriores (os quais já estavam nesse antes-ainda, em germen). Algumas pessoas também traduzem *Verneinung* por “negação” ou por “negativa”. Porém, como a mesma não tem um valor simplesmente negativo de fato, e que há vários outros tipos de negações, então sustento o termo “denegação”, assim como Ivan Corrêa apresenta para diferenciá-la de outras negações. No entanto, o que não se pode, de fato, é confundi-la com a “renegação”, pois aí estaríamos falando de *Verleugnung*, também traduzido por “desmentido”. Infelizmente esse é um erro muito comum. Mais à frente, notar-se-á que sustento uma tradução que Ivan Corrêa propõe para outro termo, o qual aparece conjuntamente à articulação da *Verneinung*. Trata-se de “sim-cidade” para verter *Bejahung* (a afirmação primordial, substituta da *Vereinigung*, a unificação, ou união). Julgo essa escolha interessante, porque indica onde e quando tudo era sim, a sim-cidade, nessa *Vereinigung*, pressuposta antes de nossa projeção constituinte para realizar a expulsão (*Ausstoßung*), a qual cria o fora que antes não existia. A *Verneinung*, denegação, é sucessora dessa *Ausstoßung*, expulsão. Isso será detalhadamente abordado na seção sobre topologia e lógica (3.2). Aqui tivemos que indicar já um pouco essa lógica para falar da linguagem na topologia.

É uma afirmação com uma negativa. Voltando à denegação, o que causa enrosco, pelo que se pode escutar, parece não ser tanto a negativa, mas a afirmação que ela pode trazer. É através de incongruências de construções lógicas que o desejo inconsciente surge. Ivan Corrêa (2009, p. 28) cita o exemplo de uma pessoa que vela um enfermo da família, e quando essa pessoa chega à sessão de análise, diz que esteve a noite toda com a pessoa enferma, que ela estava muito doente, e que teve medo de que “não” morresse. Ora, Freud apresenta que esse desejo de morte pode existir mesmo em relação às pessoas amadas, e é nesse ponto que ele evoca o mito da humanidade, como ele chamou o mito de Édipo.

A denegação é por onde se opera a introdução da diferença. Isso, logo, apresenta-se na linguagem. É onde cai por terra que exista simplesmente o Um pleno, o Um total. Ora, se só existisse o Um, não haveria nem possibilidade de nomeação, da alteridade do des-naturado. No entanto, o analista opera do lado do nomeável e do inominável. Essa função (analista como função) opera naquilo que Caetano Veloso (1977) bem canta: “(...) gente quer saber o um, gente é o lugar de se perguntar o um”. Lugar,  $f(x)$ .

Não se poderia propor que o discurso do analista estivesse do lado do que daria as condições do nomeável, sem deixar de ter por ofício que se referir continuamente, ao inominável. O analista está sempre entre esses dois polos: o polo das nomeações, de ter que nomear, de poder nomear, e ao mesmo tempo o impossível do inominável. Inominável que surge no discurso do analista, inominável que surge no discurso do analisante.

O discurso do analista seria então o discurso da alteridade por excelência? Para Platão o que não existe não tem nome e por isso não pode entrar no discurso a não ser pela introdução da negação. É a negação que pode fazer com que algo entre no discurso, e é exatamente pela negação que pode ser introduzida a diferença. E assim constituir a marca da diferença na linguagem. São as mesmas reflexões de Freud em seu texto sobre a Denegação que veremos depois. (Corrêa, 2009, p. 31)

A denegação é o que introduz a diferença. Essa alteridade em jogo precisará ser levada em conta também nas instituições, nos grupos de analistas, como evidência de que não há retorno, de jeito nenhum, a esse Um pressuposto. O dito ser des-naturado é, pois, alteritário: carrega a marca de outra cena. Ivan Corrêa (2009, p. 101), após um longo percurso com lógicas recaindo no ôntico (no ser), cita o princípio de identidade lógica dos estóicos: “se o primeiro, então o primeiro”. Há uma ausência do verbo “ser” nesse princípio. Na clínica, isso indica um

esforço para ficar no nível das representações e de seus representantes (com Lacan: para ficar no nível dos significantes), e não recair no nível da realidade. Em Freud, essa outra lógica está principalmente naquilo que ele articula sobre a gênese do pensamento humano. Isso será apresentado com maior detalhamento ao longo da presente seção. Retornemos ao que ela se propõe: a linguagem.

Em Freud não há uma topologia explicitamente como ela se apresenta em Lacan. O que há é uma metodologia topológica freudiana: depuração de invariantes para teorização.

A Topologia nos dá esta possibilidade de poder fazer a teoria da clínica. De ver que há estruturas que podem se repetir em sujeitos diferentes, mesmo que cada um subjetivamente seja inteiramente diferente do outro. Isso porque há os invariantes. Freud nunca falou de Topologia, mas usou uma metodologia topológica. Ao analisar as “formações do inconsciente” deixou claro que todas essas “figuras”, sonhos, atos falhos, chistes ou sintomas tinham seus invariantes, a saber, a metáfora e a metonímia, ou a condensação e o deslocamento, figuras de retórica. Em breve, a estrutura da linguagem. A Topologia.

Seguia assim, rigorosamente, a metodologia topológica, operando transformações nas “apresentações” do inconsciente, revelando o permanente de suas leis. “O sonho é o caminho real do inconsciente”, dizia, para concluir: “O sonho tem a estrutura de uma frase”. São estes mesmos invariantes que irá identificar em Signorelli, ou no familionario, por exemplo. E os sintomas dos histéricos passaram a ser chamados de *Bildschrift* – escrita figurativa, como os hieróglifos – sujeitos, portanto, às leis da linguagem.

Quando falou destas formações procurava em todas essas figuras os invariantes, isto é, as leis que regem o inconsciente a partir dessas formações. Logo, pode-se deduzir – não obstante não se poder ter acesso direto e imediato ao inconsciente – a partir de suas manifestações pode-se saber quais são as leis que regem o inconsciente. Sem se referir à Topologia, Freud utilizou a metodologia topológica. (Corrêa, 2009, pp. 139-140)

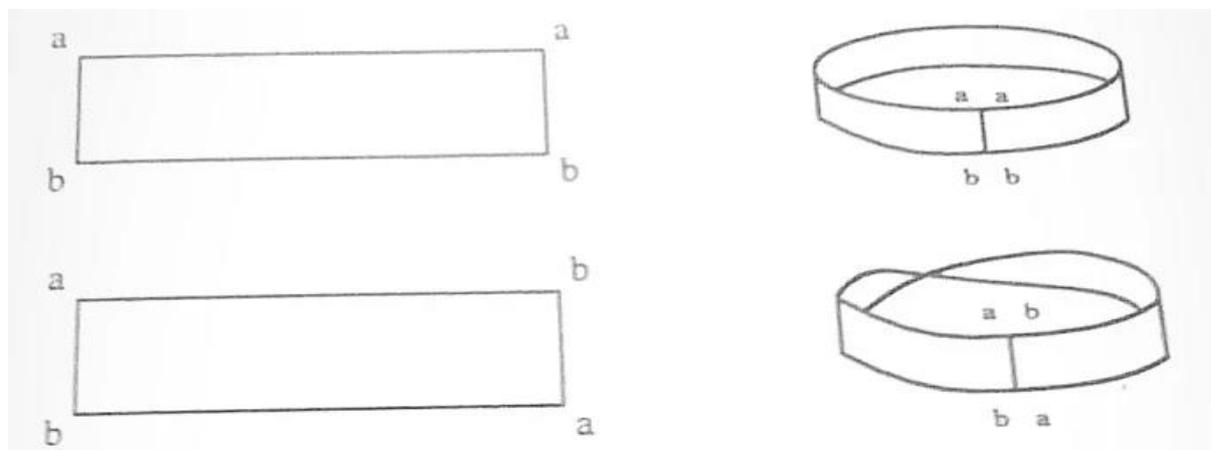
E qual seria a definição de invariante? Para falarmos sobre a definição de invariante, precisamos ter em vista a própria história da topologia na matemática. Segundo Ivan Corrêa (2009), quem realmente é considerado o fundador da topologia é um matemático alemão

chamado Riemann (1826-1866), o qual “definiu não somente o que era um espaço topológico, mas ao mesmo tempo introduziu a noção de invariante” (p. 138).

Enquanto a geometria distingue figuras como triângulos, quadrados, círculos, ocupando-se de uma medição, de grandeza; na topologia, isso não conta. O que conta são as propriedades qualitativas, independente de medida e de grandeza. Há figuras, como as citadas acima, que dividem o espaço em duas regiões (interior e exterior) – isso é uma propriedade intrínseca, não dependendo de forma, nem de tamanho. Tal propriedade é, logo, um invariante. Ela não varia em qualquer uma dessas figuras. Com isso, pode-se notar que triângulo, quadrado, círculo é tudo uma figura só, são as curvas fechadas de Jordan. Deformando uma figura na outra, nota-se que as propriedades qualitativas (os invariantes) são preservadas. No entanto, há figuras que não dividem o espaço em duas regiões (em um dentro e um fora). Um bom exemplo é uma banda de Moebius (Figura 1). Essa faixa unilátera não divide o espaço, ela é nem dentro, nem fora.

**Figura 1**

*Acima fita simples, abaixo banda de Moebius com apenas uma semitorção*



Fonte: Stewart, I., 2014, p. 223.

Esse invariante unilateral será extremamente importante para nosso estudo. Ele exhibe que o outro lado é o mesmo, traz uma repetição obsessiva do um: um lado, uma borda, uma margem.

Para introduzir melhor a questão dos invariantes, e como eles irão se articular à linguagem, recorreremos à seguinte consideração de Ivan Corrêa (2001), feita no contexto de seus seminários clínicos sobre a relação entre psicanálise e física quântica:

O físico alemão Max Planck (1858-1947) é o criador da teoria dos “*Quanta*”. Ele propôs em 1900 a ideia revolucionária da transmissão de energia em “pacotes” pré-definidos chamados os “*quanta*”. Os últimos cem anos mudaram a face da vida prática, como resultado da ideia de “*quantum*”.

Pensamos que o campo da Física Quântica traz, realmente, um modelo que pode servir para pensar a clínica. Do ponto de vista consciente achamos que podemos ter sempre certezas bem estabelecidas, sem falhas, dentro de uma lógica implacável, de forma a podermos dar conta do que está acontecendo em nós.

Na Física Quântica, o fato de que não se possa pontuar o elétron, isto é, que não se possa saber ao mesmo tempo em que ponto ele está e qual sua velocidade neste momento, que não se possa saber estas duas coordenadas simultaneamente, e que esta impossibilidade seja considerada como definitiva, até nova ordem, isso nos lembra algo do estatuto do inconsciente freudiano que só pode ser apreendido indiretamente, isto é, a partir de suas formações: sonhos, atos falhos, chistes e sintomas. (p. 17)

O citado autor, diz ainda, sobre isso, que só se pode encontrar o “fantasma” quando se quer pontuar o elétron. E é nesse ponto que ele pode servir de referência para se pensar o estatuto do inconsciente. De que tipo de existência se fala quando se fala de existência do elétron e do inconsciente?

Quer dizer, no caso da Física Quântica só podemos saber da existência de um ser a partir de seus efeitos, isto é, a existência do elétron só é constatada a partir dos seus efeitos. Mas, a partir de seus efeitos – aí está a grande discussão dos físicos quânticos – pode-se inclusive estabelecer leis e a partir dessas leis saber como é que vai funcionar esse corpo do qual não se sabe muito bem como é sua existência. Essas leis são comprovadas? Então, nesse momento, trata-se de outro tipo de existência.

Quando fala-se, então, do inconsciente, se o inconsciente existe ou se o inconsciente não existe, é como no campo da Física Quântica – acho que se coloca de uma maneira análoga a questão da existência do inconsciente – não se pode apreendê-lo, não se pode segurá-lo, não se pode experimentá-lo nem submetê-lo a práticas

experimentais, como nos diz a ciência. Segundo o conceito tradicional de ciência, para que se possa comprovar que algo é científico, tem-se que submeter o fenômeno estudado a certas leis e essas leis têm que ser comprovadas. (Corrêa, 2001, pp. 18-19)

Retornemos à estrada freudiana: ora, se o sonho é o caminho real do inconsciente, e se sua estrutura é de uma frase pode-se chegar ao inconsciente através dos sonhos. No entanto, a produção deles apresenta uma deformação.

Só que os sonhos se produzem de uma forma deformada. Não posso apreender o inconsciente no sonho de uma maneira direta porque os sonhos se constituem através de deformações, de metáforas (*Verdichtung*), de metonímias (*Verschiebung*), de “desfigurações” ou meios de representação (*Entstellung*) e assim por diante. Só que essas metáforas e essas metonímias são as leis que podemos constatar, são as leis pelas quais os sonhos se constituíram. E essas metáforas e metonímias são as leis da retórica, as leis da linguagem que podemos comprovar e analisar.

São os tropos literários. Os desvios aos quais está sujeita toda fala. Se o sonho tem a estrutura de uma frase, quer dizer que tem a estrutura da linguagem – como Lacan vai dizer de outra maneira posteriormente. E se o sonho é o caminho do inconsciente, quer dizer que eu posso de fato saber quais são as leis do inconsciente, não diretamente através do inconsciente, mas indiretamente, através de suas formações, isto é, através dos seus efeitos, das suas produções. Então, não somente os sonhos mas os atos falhos, os chistes, os delírios, as alucinações, os sintomas, tudo isso são formações do inconsciente ou efeitos do inconsciente, se quiserem, produções do inconsciente a partir das quais eu posso de fato ter um acesso a essas leis que estruturam e que regem o inconsciente. (Corrêa, 2001, pp. 19-20)

O que se observa aqui é a tropologia na base da lei que essas deformações do inconsciente exibem. Esses tropos, desvios literários, são implicados, logo, por conta de seus desvios, numa cinética. Não por acaso, quando Lacan trabalha na construção de seu famoso grafo do desejo, ele opera através, no seminário 5, do texto importantíssimo de Freud sobre os chistes, e, no seminário 6, do texto sobre os sonhos. Vejamos, contudo, o último parágrafo da interpretação dos sonhos:

E o valor do sonho para o conhecimento do futuro? Naturalmente isso está fora de questão. Deveríamos, em vez disso, utilizá-lo para o conhecimento do passado. Pois é do passado que provém o sonho em todos os sentidos. Embora seja certo também que

a antiga crença de que o sonho nos mostra o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. No entanto, ao imaginar [*vorstellt*] um desejo como realizado, o sonho nos leva ao futuro; mas esse futuro, tomado pelo sonhador como presente, é, através do desejo indestrutível, moldado à semelhança [*Ebenbild*] do passado.<sup>24</sup> (Freud, 1900/1942, p. 626)

É nesse entrelaçado temporal – de presente, passado e futuro – que o desejo operará cineticamente subvertendo o tempo cronológico. Essa cinética está próxima daquilo que Freud apresenta como deslocamento [*Verschiebung*]; no entanto, tal não é desençada da condensação [*Verdichtung*].

Anteriormente, nas citações de Ivan Corrêa (2001), ele falava de lei, isto é, que o inconsciente não opera de forma caótica. Há uma lei, assim como há lei na Física Quântica, a qual pode ser estudada a partir das (de)formações. Com outro analista também, podemos avançar no que seria essa lei do inconsciente. Magno Machado Dias (1982/2010) apresenta aquilo que ele chama de “*sexus, plexus, nexus: lexics*”. Não se tratando dos livros de Henry Miller que apresentam como título cada um desses termos antes dos dois pontos, Magno opera uma apresentação dessa lei do inconsciente (*lex ics*). Dos três termos, dois serão tomados no presente momento: *plexus* e *nexus*. O *sexus* (o interesse fundamental da psicanálise, no entanto esquecido pela topologia psicanalítica) será melhor averiguado na consideração do sexo na topologia (subtópico 3.4), mas, de antemão, ele é a fragmentação, a partição, que apresenta a diferença.

Com *plexus*, fala-se de “nada mais nada menos que as conjunções, as aglutinações” (Dias, 1982/2010, p. 34). Já com *nexus*, estamos falando de “pura passagem ou pura junção – juntar uma coisa com outra é fazer nexo” (Dias, 1982/2010, p. 34).

Conjugar uma coisa com outra, sobrepor uma coisa a outra, empacotar uma coisa com outra é fazer plexo. Dividir inapelavelmente é fazer sexo. Por isso é que a relação sexual é impossível, ela divide inapelavelmente. Relação sexual não é um complexo. Complexo é o Édipo, por exemplo.

---

<sup>24</sup> „Und der Wert des Traums für die Kenntnis der Zukunft? Daran ist natürlich nicht zu denken. Man möchte dafür einsetzen: für die Kenntnis der Vergangenheit. Denn aus der Vergangenheit stammt der Traum in jedem Sinne. Zwar entbehrt auch der alte Glaube, daß der Traum uns die Zukunft zeigt, nicht völlig des Gehalts an Wahrheit. Indem uns der Traum einen Wunsch als erfüllt vorstellt, führt er uns allerdings in die Zukunft; aber diese vom Träumer für gegenwärtig genommene Zukunft ist durch den unzerstörbaren Wunsch zum Ebenbild jener Vergangenheit gestaltet.“ (Freud, 1900/1942, p. 626)

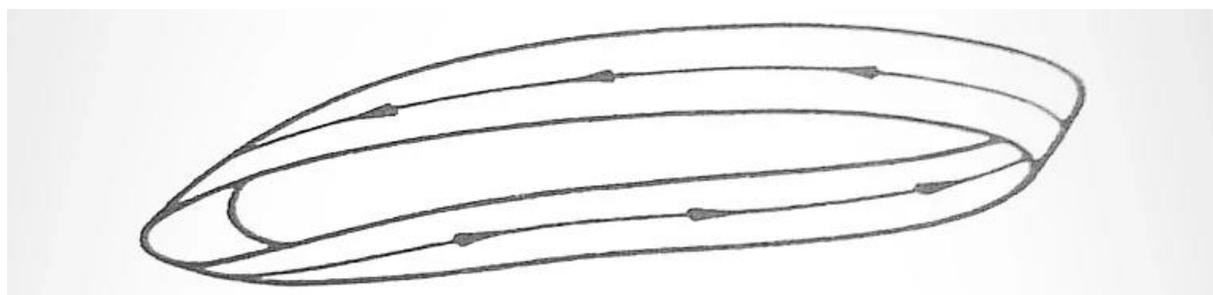
E por que eu escrevo – dois pontos *Lexics*? É para fazer aí uma ambiguidade com o termo *lexis*, que significa simplesmente o ato de tomar a palavra, o ato da fala. O ato da fala depende, portanto, como veremos, como já sabemos, aliás, de *sexus*, *plexus* e *nexus*. Mas escrevo *lexics* para lembrar que também posso pensar aqui no inconsciente – o ICS que está metido com essa *lex*. Assim como posso partir ao meio a palavra no lugar da *lex-legis* (do latim e do inconsciente). A lei do inconsciente. Existe isto. É pura e simplesmente aquilo que em psicanálise chamamos A Lei, ou seja, a “outra” face da mesma superfície unilátera, superfície que é a do desejo.

Em suma, a psicanálise se desenvolveu a partir da descoberta de Freud de que não se tratava senão disto: de sexo com nexo e com plexo, dando nessa Lei do inconsciente. (Dias, 1982/2010, p.34)

Novamente, o desejo aparece naquilo que ele é superfície e opera na cinética dessa Lei. Essa outra face é a mesma, pois estamos lidando com a propriedade da unilateralidade moebiana. Interessante é o fato desse ato da fala, de tomar a palavra, tomando o significante de Clarice Lispector (1973/2019) acima no texto, operar tal qual pirilampo, na abertura-fechamento do inconsciente. Esse acende-apaga ritmado soa naquilo que, a partir do momento que se diz, essa propriedade unilátera é perdida, ou seja, mostra-se algo intervalar evanescente. Estamos falando do sujeito lacaniano, tal não é a banda de Moebius, ele se apresentou e desapareceu ali no momento do corte do dizer (Figuras 2 e 3).

## Figura 2

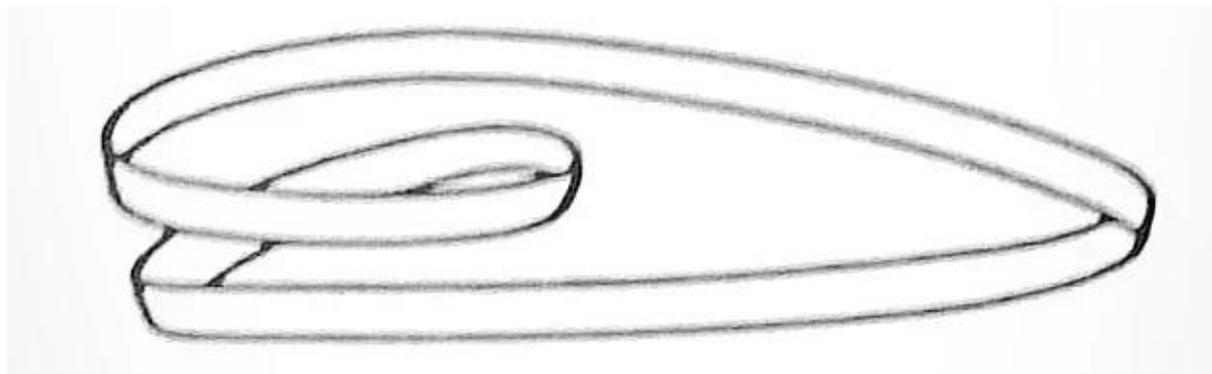
*Uma banda de Moebius*



Fonte: Nasio, J.-D., 2011, p. 15.

**Figura 3**

*Banda de Moebius após o corte do dizer em sua linha mediana*



Fonte: Nasio, J.-D., 2011, p. 16.

Em vez de definir o sujeito, a banda de Moebius nos irá mostrá-lo. Mas seria errado identificar diretamente o sujeito com a banda e dizer, apontando para ela: aqui está o sujeito. Não, o que nos interessa na banda de Moebius é o fato de que sua propriedade de ter apenas uma borda muda se realizarmos nela um corte mediano (é o que ocorre, ao menos no caso de uma fita com uma semitorção apenas). (...)

Portanto, não basta representar o sujeito no espaço, faz-se necessário também o ato de cortar, de traçar uma curva fechada. O ato de dizer é da mesma ordem, pois o significante determina, fende o sujeito em dois: ele o representa e, representando-o, o faz desaparecer. É cortando a banda que se poderá dizer: aqui está o sujeito. (Nasio, 2011, pp.15-16)

Ou melhor, aqui esteve o sujeito. Esse fato do dizer é importante ser trazido também para lembrar que não se fala fora do domínio da metáfora, naquilo que a verdade é impossível de ser toda dita. Há uma lei que atravessa o falante: ela é composta de metáfora e metonímia.

Quando Lacan (1972-1973/2012), em seu seminário 20, *Encore*, fala, na sessão de 19 de dezembro de 1972, de “linguisteria” [*linguisterie*], para se desvencilhar daquilo que poderia ser confundido com uma linguística, ele não trata, porém, o linguista com ironia. É importante notar aqui que a metáfora e a metonímia como operações que Jakobson destaca operando no código linguístico não são privativas desse código, “não é um artefato puramente linguístico” (Dias, 1982/2010, p. 43). Se há, de fato, uma aproximação entre Jakobson e Freud, Magno Machado Dias (1982/2010) pontua que isso ocorre naquilo que se chama de processo primário.

O que é o tal do processo primário para Freud? É aquilo que caracteriza o inconsciente. Ou seja, se ele é feito de alíngua, se é como uma linguagem, o que importa é que sua maquininha funcione nexoplexamente, metafórica e metonimicamente. Condensação e deslocamento é que são o arcabouço desse processo primário.

Digamos, resumidamente, o que é o pensamento de Freud a respeito desse processo primário: a energia psíquica escoar-se livremente passando sem barreiras de uma representação para outra (no nosso caso, de um significante para outro) segundo os mecanismos de deslocamento e condensação. É isto que Freud chama de processo primário, acrescentando: essa tal “energia psíquica” tende a reinvestir plenamente as representações ligadas às vivências de satisfação constitutivas do desejo – aquilo que ele chamou de alucinação primitiva, que vai induzir essas ligações para cada sujeito. (Dias, 1982/2010, p. 43)

Essas vivências de satisfação constitutivas do desejo operam nos trilhamentos do aparelho psíquico. O processo primário “é uma maquininha feita de nexos e plexos que, no que localiza, no que é ocupada por determinados elementos em certa formação, indica esses pontos distintivos de cada sujeito na sua história, em torno da vivência de satisfação” (Dias, 1982/2010, p. 44). Isso expõe que a *Besetzung* de Freud, segundo Dias (1982/2010), aquilo que traduzem por catexia, por energia que flui, por investimento, isso é apenas ocupação: há algo localizado. Não por acaso a metodologia topológica aqui se exhibe nos seus dois invariantes: condensação e deslocamento, os quais são a base do processo primário. Vejamos respectivamente uma definição desses dois termos segundo Laplanche e Pontalis (1991):

Um dos modos essenciais do funcionamento dos processos inconscientes. Uma representação única representa por si só várias cadeias associativas, em cuja interseção ela se encontra. Do ponto de vista econômico, é então investida das energias que, ligadas a estas diferentes cadeias, se adicionam nela. (p. 87)

Fato de a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de se destacar dela para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa. (...) A teoria psicanalítica do deslocamento apela para a hipótese econômica de uma energia de investimento suscetível de se desligar das representações e de deslizar por caminhos associativos. (p. 116)

Aqui se expõe a tropologia de Freud na base de sua metodologia topológica e a importância de se considerar a linguagem no pensamento topológico da psicanálise. Recapitulemos os termos através de uma tabela (Tabela 3):

**Tabela 3**

*Tabela tropológica*

<b>Freud</b>	<b>Jakobson e Lacan</b>	<b>Magno</b>
Condensação	Metáfora	<i>Plexus</i>
Deslocamento	Metonímia	<i>Nexus</i>

*Nota.* Fonte autoral, com base em Magno Machado Dias (1982/2010).

Além disso, Magno Machado Dias (1982/2010, p. 49) cita o exemplo de uma estatueta para apresentar a leitura que Lacan faz do sintoma como metafórico e do desejo como metonímico. Se essa estatueta se espatifar em vários fragmentos no chão, teremos aí o domínio da metonímia.

A metonímia é, então, nossa relação para com esses cacos – mais do que a intencionalidade, é a reconstituição da estatueta, quer a conheçamos ou não. Por isso é que a chamada “parte pelo todo” (ainda que o todo jamais se tenha, se consiga) pode servir para definir a metonímia, como acontece quando guardamos uma peça, um fragmento, um caco, um mero pedaço de algo como “lembrança” de um objeto, supostamente inteiro, que já perdemos, ou que perdemos desde sempre.

Daí a metonímia ser, para Lacan, a operação desejo – desejo de repetição da e na metonímia, mas que visa um fim, ainda que impossível, de restauração, senão de re-instauração da imagem-metáfora. Daí ele ser, para Freud, deslocamento, pois a passagem de fragmento a fragmento, ainda que aparentemente absurda ou abusiva (quando vou recolando, posso colar um caco errado, não saber para onde estou indo), como no caso de fragmentos que parecem desconexos, ou pertencentes a objetos excludentes, essa passagem visa constituir uma metáfora nova, isto é, antiga mas ausente. É daí que a regra de ouro da criação surrealista não se afasta inteiramente da dupla função da articulação dita “livre” (associação dita “livre” por Freud), pois,

mesmo desconhecida, a metáfora conduz à metonimização que está em jogo aí nesse caso. (Dias, 1982/2010, p. 50)

Já a metáfora é a substituição que pode ocorrer de uma estatueta por outra. Desejo, logo, é desejo de metáfora, de sintoma. É aqui que ele facilmente se confunde com a demanda, suposição de conhecer a estatueta original. Agora podemos estabelecer mais uma tabela (Tabela 4), no entanto, sem esquecer que esses termos se cruzam.

**Tabela 4**

*Tabela metaforonímica*

<i>Nexus</i>	<i>Plexus</i>
Similaridade	Contiguidade
Sincronia	Diacronia
Metáfora	Metonímia
Condensação	Deslocamento
Sintoma	Desejo
Complexo	Conexo
Harmonia	Melodia

*Nota.* Fonte autoral, com base em Magno Machado Dias (1982/2010).

Como não se pode partir o processo primário ao meio, esses termos, de cada lado, são interconectados. Os dois últimos explicitam aquilo que Magno chama de A Música – é o processo primário. Notamos que os desvios topológicos são musicais<sup>25</sup>. Quando fazemos nossas metáforas e metonímias, vinculamos a sim-cidade, *Bejahung*, e a denegação, *Verneinung*. É sobre isso que estudaremos no próximo trecho da presente seção.

### 3.2 A topologia e a lógica

A lógica presente nas considerações topológicas é notável no que podemos chamar, através da leitura de Ivan Corrêa (2009), de gênese do pensamento humano. Nossa base, além

<sup>25</sup> Aqui está a minha suposição inicial do projeto de mestrado de que o sujeito é músico-topológico. No entanto, observei que não é simplesmente do sujeito que se trata, mas do próprio processo primário.

de Ivan Corrêa, é o texto “A Denegação” de Freud (1925/1948). Alguns apontamentos de outras obras freudianas e lacanianas serão feitas, mas esse é o texto principal, onde Freud apresenta essa outra lógica – a lógica operante no inconsciente. De antemão, precisamos ter em mente uma escolha de tradução dos termos principais que lá aparecem para nosso estudo (Tabela 5). Após uma breve retomada desse texto freudiano, avançaremos com as contribuições de Ivan Corrêa.

**Tabela 5**

*Termos em alemão do texto a denegação*

<b>Original</b>	<b>Versão brasileira escolhida</b>
<i>Verneinung</i>	Denegação
<i>Lust-Ich</i>	Eu-prazer
<i>Real-Ich</i>	Eu-realidade
<i>Realitätsprüfung</i>	Exame de realidade
<i>Ausstoßung</i>	Expulsão
<i>Urteil</i>	Juízo
<i>Verurteilung</i>	Julgamento
<i>Verdrängung</i>	Recalque
<i>Bejahung</i>	Sim-cidade
<i>Aufhebung</i>	Soerguimento
<i>Vereinigung</i>	Unificação

*Nota.* Fonte autoral.

A denegação é um desenvolvimento freudiano além do recalque, a pedra angular<sup>26</sup> da teoria psicanalítica. Sob a condição de se deixarem negar, o conteúdo da representação recalçada ou o conteúdo do pensamento recalçado podem ser levados à consciência, ou seja, a denegação é uma forma de tomar conhecimento do recalçado, ela é um soerguimento do

<sup>26</sup> Não podemos, no entanto, pensar que essa introdução da denegação na racionalidade da teoria psicanalítica esquece o recalque. De forma interessante, Magno Machado Dias (1992/2010) apresenta o recalque também nas psicoses. Não é o foco de nosso estudo, porém, deixamos aqui a possibilidade de averiguar principalmente nas sessões de 2 e de 24 de abril de 1992 do seminário “Pedagogia freudiana”, onde ele fala de um hiper-recalque nas psicoses. É uma tentativa de sustentar a pedra angular da teoria analítica, talvez mais próximo de Freud do que de Lacan.

recalque, mas não uma aceitação, nem um cancelamento, do recalçado. Ao soerguer o recalque, mas não o cancelar, é sensível uma distinção entre função intelectual e processo afetivo. Negar algo num juízo (uma função intelectual) acaba evidenciando esse aspecto afetivo: alguma coisa é desgostosa, e o analisante gostaria de recalca-la, repeli-la, afastá-la, deixá-la de lado. O julgamento é o substituto intelectual do recalque. O juízo, Freud (1925/1948) prossegue, tem duas decisões: (1) decide se acusa ou recusa uma característica a uma coisa (o objeto da satisfação) – juízo atributivo; (2) e deve admitir ou contestar a existência na realidade a uma representação – juízo de existência. O movimento do eu-prazer original é introjetar tudo o que é bom e lançar fora de si tudo o que é mau. Para o eu, o que é mau e o que vem de fora são idênticos inicialmente. Em relação à existência real de uma coisa representada, isso é do interesse do eu-realidade definitivo. Tal é desenvolvido a partir do eu-prazer original no exame de realidade: partimos do eu-prazer com o juízo atributivo, passamos pelo exame de realidade e chegamos ao juízo de existência com o eu-realidade. A questão já não é se uma coisa percebida deve ou não ser acolhida no eu, mas se algo que se acha no eu como uma representação pode ser reencontrado também na percepção (isso caracteriza o exame de realidade). Aqui se observa um desenvolvimento topológico freudiano essencial. Para Freud (1925/1948, p. 13) o não-real [*das Nichtreale*] é apenas dentro; o real [*Reale*] é dentro e fora. Ele diz que o não-real é o “meramente representado” [*bloß Vorgestellte*] (Freud, 1925/1948, p. 13), subjetivo. Então temos: (1) dentro – real e não-real; (2) fora – real.

É importante mencionar que o estranhamento entre subjetivo e objetivo não estava desde o princípio, não havia essa distinção. Ela se instaura apenas por conta da capacidade do pensamento de tornar presente novamente algo percebido sem a necessidade de existência do objeto no exterior. Disso, depreende-se que a meta do exame de realidade não é encontrar na percepção real um objeto correspondente ao imaginado, mas reencontrá-lo. O exame de realidade também verifica o distanciamento das deformações em relação aos objetos perdidos. Estamos diante, logo, da necessidade de admissão freudiana da perda de objetos que um dia proporcionaram uma real satisfação para que esse exame da realidade se instaure. Freud (1925/1948) também diz que a percepção não é um processo passivo, pois o eu realiza o investimento do sistema perceptivo, levando do aprendizado tateante da extremidade sensorial do aparelho psíquico, perceptivo, à função de julgar, pondo fim assim à postergação do pensamento. Um aspecto importantíssimo do estudo desse juízo é poder sacar a gênese de uma função intelectual a partir do jogo das moções pulsionais primárias. Segundo Freud (1925/1948), julgar é o avanço oportuno da inclusão no eu ou expulsão para fora do eu, que se

dava originariamente conforme o princípio de prazer. Essa polaridade inclusão-expulsão parece corresponder à oposição dos dois grupos pulsionais (Eros e Tânatos). Pertence ao Eros (pulsão de vida): a sim-cidade como substituta da unificação. E pertence à pulsão de destruição (aqui estamos falando da pulsão de morte): a denegação, a qual é sucessora da expulsão. Além disso, Freud (1925/1948) afirma que: (1) o negativismo de alguns paranoicos é entendido como sendo provavelmente um sinal de uma desmescla pulsional através da retirada dos componentes libidinais (é preciso ter em mente que o que ocorre é uma mescla pulsional no psiquismo); (2) o desempenho da função do juízo só é possibilitado pela criação do símbolo da denegação, o qual permite ao pensamento um primeiro grau de independência dos resultados do recalque, com isso, da coerção [*Zwang*] do princípio de prazer; e (3) que no inconsciente não há “não”, é o eu que o reconhece na negativa. Percebemos, logo, o aspecto conflitivo que recai sobre a instância do eu, na segunda tópica freudiana, tendo em vista que para o Isso nada disso é conflitivo. O que fica como um par de operações no juízo é sim-cidade e denegação. Paradoxalmente, para o eu (o paradoxo), as duas são sim. Importante ressaltar: nenhum dos processos anteriores são cancelados pelos posteriores.

Esse par de operações é dissimétrico: as duas são, na verdade, afirmativas. De fato, no inconsciente não há “não” – isso está na base da lógica no pensamento topológico. Na gênese do pensamento humano, segundo Ivan Corrêa (2009), no início tudo era sim, tudo era dentro, isto é, não havia não, nem havia fora. 30 anos antes do artigo “A Denegação”, Freud (1895/1950), em seu “Projeto para uma psicologia”, já questiona a origem do pensamento humano. Quando há a Coisa, não pode haver representação (pensamento). É quando ela não está presente que pode haver representação, é quando há inibição do núcleo neurônico do eu, segundo Ivan Corrêa (2009), que surge o pensamento. O núcleo primordial do eu seria a Coisa. Nessa obra, já é atribuído ao eu o papel de examinar se algo é recordado ou percebido; além disso, é demonstrado que ele, o eu, precisa ser investido para que o processo secundário ocorra, uma inibição através de quantidade de ocupação. Assim, no Projeto, essa economia (quantidade) já exhibe a topologia (ocupação, localização).

Antes de se pensar a existência, só existia o pensamento de atribuição, tal qual a lógica clássica (Sócrates é mortal). A criança pequena, um exemplo que Ivan Corrêa (2009) traz, não quer saber se o Papai Noel existe ou não; é só a propriedade, a qualidade, os atributos que importam (quais as características dele). Nosso pensamento, segundo Ivan Corrêa (2009), surge desse jeito, apenas de prerrogativas, atributivo, só sim-cidade, não existe “não”. Após ter tido a capacidade de ter um julgamento de não-existência é que surge o pensamento da existência.

Só se pode pensar na mesma pensando na possibilidade de ela não haver. Quando se pode dizer não, abre-se o vazio, e isso vai marcar o pensamento humano e fazer com que surja a diferença. Antes era tudo igual (subjetivo e objetivo imbricados; dentro é real e não-real), não havia diferença alguma; só depois é que o sujeito descobre algo estranho ao eu, o qual é jogado para fora. Essa projeção faz com que haja o mundo exterior. Ivan Corrêa (2009, p.116) articula, através da leitura de Parmênides de Platão, que se é só o Um, não se pode nem nomear, não se pode ver que há diferença, não pode, no fim das contas, haver alteridade.

Para se operar na retórica, é necessário afirmar e denegar, ou seja, a sim-cidade e a denegação estão na base da metáfora e da metonímia, da condensação e do deslocamento respectivamente. Ivan Corrêa (2009, p. 118) inclusive pontua que descolar sim-cidade e denegação é uma das maneiras pela qual opera uma piada, um chiste: “você não está vendo?” – ao se falar isso durante um telefonema, isso pode causar um certo riso, ora, por um telefonema, não se vê. Quando se pergunta a uma pessoa a respeito do prato favorito, não se espera que ela responda com a marca do prato, mas sim com relação à comida, a qual é a mais saborosa para o gosto dela. Há, logo, a afirmação a respeito do prato favorito, mas há também a negação: não é o prato de fato, mas a comida. Essa afirmação-negação simultânea está na base da lógica e da linguagem. O sujeito entra assim no simbólico podendo utilizar os tropos porque teve acesso ao símbolo da denegação. O chiste apresenta algo importante para o estudo dessa lógica, porque é quando se descolam esses dois processos (sim-cidade e denegação) que notamos que não se trata de apenas de um. Essa formação do inconsciente explicita o desvio de nossa retórica.

Com esses depurados em mente – sim-cidade e denegação –, partamos ao que Ivan Corrêa (2012) considera a a-lógica do inconsciente<sup>27</sup>:

Neste título, “A-Lógica do Inconsciente”, o “A” separado e ligado à lógica por um hífen, não é o “a” artigo, nem o “a” privativo da negação de privação que indicaria algo “sem lógica”, isto é, ilógico. Ele está aí como um excesso e/ou como uma queda, a queda do objeto *a*. Mas, também, como o número de ouro, resultado da divisão áurea, incomensurável, inapreensível, inextinguível e indomável, como o próprio inconsciente.

---

<sup>27</sup> Escolhi Ivan Corrêa para nos guiar nesse procedimento, mas há outras pessoas que também falam das lógicas, e que trazem outras questões para o que diz respeito ao inconsciente: Newton da Costa com as lógicas paraconsistentes e Luiz Sérgio Coelho de Sampaio com a lógica da diferença.

É um artifício para indicar a aberração que representa o inconsciente ao que comumente se chama de lógica. Sua lógica, de fato, é de outra ordem.

Pôr “lógica inconsciente” como título, faria supor que haveria uma lógica consciente e outra que é inconsciente. E não me parece que seja nestes termos que a questão deva ser colocada.

A lógica, como a “ciência da prova” (Stuart Mill), na qual o que é lógico concerne à técnica do discurso correto, da expressão formal do pensamento, e por isso, distingue-se do racional, que implica a ordem inteligível – não somente das palavras, mas também das coisas – não comporta esses predicados de Consciente/Inconsciente.

Por outro lado, se digo “lógica do inconsciente”, com este genitivo, sou conduzido a um impasse, fazendo do inconsciente uma substância, da qual se pudesse predicar alguma coisa, um atributo.

Permaneço então na lógica da proposição atributiva clássica cujo esquema é S é P (sujeito-cópula-predicado) como se todo julgamento consistisse em afirmar ou negar a inerência de um atributo a uma substância (pp. 15-16)

O mais importante nesse trecho, suponho, é não haver uma lógica inconsciente como um simples predicativo. Há algo indomável nessa lógica de outra ordem. Começamos com um impasse e tanto! Mas vamos aos poucos.

*Mutatis mutandis*, seria incorrer no erro de Boécio, chamado por Grabmann “o último Romano e o primeiro Escolástico”. Com ele, de fato, se passa da lógica antiga para a lógica medieval. Mas Boécio, ao retomar a lógica dos Estóicos que fora moldada purificada de toda substância pela enunciação da implicação “se o primeiro, então o primeiro”, “re-ontologizou” esta enunciação pela introdução do é da substância, do é do ser: “se o primeiro é, então o primeiro é”.

Equívoco apontado por Lacan ao denunciar a redução que se faz atribuindo um ser ou uma substância ao analista, esquecendo sua função.

Foi preciso esperar Wittgenstein para que de novo a lógica fosse esvaziada de toda substância e reduzida a uma pura forma.

Mas voltemos ao inconsciente. É bem conhecido o paradoxo de B. Russell. “O conjunto de todos os conjuntos que não contém a eles mesmos, deve ou não se conter

a ele mesmo? Se ele não se contém, está em contradição com sua definição, pois contém um conjunto que não se contém a ele mesmo”. Na teoria dos conjuntos a relação  $x \notin x$  ( $x$  não pertence a  $x$ ) não corresponde a nenhum conjunto.

Russell criou a noção de impredicável para mostrar a inconsistência lógica de seu paradoxo. Esta noção é útil ao nosso propósito, pois a noção de impredicável pode se aplicar ao inconsciente.

O impredicável é uma propriedade que não pode ser predicada dela mesma. Assim, a propriedade de ser inconsciente é impredicável porque é uma ideia inconsciente. (Corrêa, 2012, p. 16)

Sem predicados, sem caráter. Antes de seguirmos a citação, precisamos fazer um apanhado (Tabela 6) de algumas lógicas citadas para melhor apreensão do que Ivan Corrêa resgatou com base também em outro livro dele já trabalhado aqui, “Da tropologia à topologia” (Corrêa, 2009).

**Tabela 6**

*Lógicas e proposições*

<b>Lógicas</b>	<b>Proposição</b>
Clássica	S é P – o que é, é.
Estóicos	Se o primeiro, então o primeiro.
Boécio	Se o primeiro é, então o primeiro é.

*Nota.* Fonte autoral com base nos estudos de Ivan Corrêa (2009).

O texto do Freud (1925/1948) a respeito da denegação expõe que estamos longe da lógica clássica (aristotélica, das substâncias) no que diz respeito ao inconsciente. Como explica Ivan Corrêa (2009), nesse texto, Freud apresenta que o “ser se manifesta sob a forma do não ser”, e o “não ser se manifesta sob a forma do ser”, trata-se, portanto, de uma “inversão do princípio de identidade” (p. 111).

Sobre os estóicos, um exemplo de proposição é: “se chover, molha”. Das três lógicas apresentadas na tabela acima, ela é a única em que não há o verbo “ser” na construção. A lógica apresentada por eles é importante para a nossa área no que se refere a não pensar em “ser” do

analista, tendo em vista que analista é uma função. Obviamente há uma questão social em jogo ao se dizer analista (autorizando-se por no mínimo três: por si, pelos pares tão ímpares e pelo analisante claramente), mas ele se coloca num lugar, numa posição, escutando na ordem do significante e não na ordem da realidade. Aqui vislumbramos também uma lógica funcional. Nessa lógica, há lugar para que se opere com um vazio.  $F(x)$ , como foi especificado por Frege (1848-1925). Quando se fala de função paterna, de função materna, por exemplo, não se trata do que seria um pai ou uma mãe na realidade, não há substância em jogo. Trata-se de lugares vazios operativos da clínica psicanalítica. Para além dessas lógicas, há a lógica de relação:  $x R y$ . Aqui também não há predicado, substância, um exemplo:  $10 > 1$ . O que há em comum em todas essas lógicas é o quão fácil é cair no nível da realidade e não operar mais no nível do significante, e, também, notar que nenhuma delas dão conta completamente da fala.

Nenhuma dessas lógicas dão conta da gramática. Quer dizer, da fala. As lógicas procuram isso, ver o que é que a gente diz. O que é que se está dizendo com as proposições, é isso a função da lógica, de analisar exatamente a proposição e saber o que se está dizendo. Como é que as coisas estão construídas, como é que a gente sabe se aquilo ali corresponde ou não à verdade. (Corrêa, 2009, pp. 105-106)

Há uma tentativa de saber exatamente o que se está dizendo. É nesse nível de corresponder à verdade que há uma introdução oportuna daquilo que Freud chama de verdade psicológica.

Ele forja o termo de “verdade psicológica” – *psychologische Wahrheit*. E isso ocorre exatamente em suas “Considerações atuais sobre a guerra e sobre a morte” (1915). No momento em que assiste, estarrecido, o desmoronamento dos ideais da *Kultur*. (...)

Falar de “verdade psicológica” é tirar a “psicologia do inconsciente” de seu estatuto “factual” para endereçá-la ao próprio sujeito como ideal. Isto, mesmo que o homem esteja sempre recuando diante da revelação de seu ser, isto é, de sua “verdade psicológica”. A psicanálise chama “verdade psicológica” sua própria obstinação em colocá-lo diante de sua contingência. Isto desestabiliza virtualmente a relação do sujeito com a cultura. (Corrêa, 2012, p. 18)

Sujeito como ideal, e não o homem, nem sua cultura, como ideal. Há “uma exclusão do sujeito fora do saber que ele enuncia” (Corrêa, 2012, p. 18). Não há como saber exatamente o que se está dizendo. Estamos diante da impredicabilidade do inconsciente.

Quando um analisante diz em sua sessão: “Perdi o pedaço que me faltava...” revela através deste paradoxo (como se pode perder o que não se tinha, já que faltava?) algo desta impredicabilidade nesta sua formação. O sujeito do inconsciente não está de fato incluído nas proposições que o analisante comunica ao analista.

O ato do analista torna-se então impredicável, pois seu discurso não pode ser portador dos valores “verdadeiro” ou “falso” para as proposições ouvidas de seus analisantes.

O inconsciente e o que significa sua abertura situa-se no campo da impredicabilidade, pois esta abertura se processa em moldes de um paradoxo lógico semelhante ao problema do conjunto de todos os conjuntos.

A questão levantada por Russell é apenas a colocação em termos formais de uma série de paradoxos já identificados por muitos lógicos, desde a antiguidade.

Quando repetimos o versículo do Salmo 115: *Omnis homo mendax* – todo homem é mentiroso – esta proposição se refere também a ela mesma, ou apenas ao conjunto dos enunciados que diferem dela? Se a mentira concerne também à proposição, isto é ao homem que a enuncia, é impossível separar a verdade da mentira. É o mesmo que acontece quando Platão diz que ele mente, mas Sócrates diz a verdade. Ou o cretense que diz que todo cretense é mentiroso.

Sob este aspecto podemos dizer que todo enunciado é de uma certa forma paradoxal, pois sua verdade diz respeito ao mesmo tempo ao conteúdo e à sua enunciação. Toda frase envolve o predicável e o impredicável, o saber e o sujeito que enuncia este saber. (Corrêa, 2012, pp. 16-17)

O saber e o sujeito que o enuncia são duas coisas diferentes. Nesse ponto, observa-se o buraco da “douta ignorância”, como elabora Ivan Corrêa (2012, p. 18), através de Nicolau de Cusa (1401-1464). O não-saber é a forma mais elaborada da ignorância. Sigamos com a citação de Ivan Corrêa (2012):

Diz Lacan na *Cure Type*: “o fruto positivo da revelação da ignorância é o não-saber, que não é uma negação do saber, mas a sua forma mais elaborada” (Écrits p. 357).

Esta “douta ignorância” está já no caminho de sua elaboração topológica. O analista, de fato, se encontra como na borda de um vulcão, onde é surpreendido pela

irrupção da verdade. Verdade que vai emergir de um buraco. O buraco do recalçado. Buraco que o vulcão evoca. A função do analista é permitir que este buraco exista e indicá-lo pelo seu silêncio. Silêncio que é sua posição em relação ao saber. Sua “douta ignorância”. (p. 19)

No que o analista é suposto-saber, a irrupção virá do lado do não-saber. Essa elaboração topológica da douta ignorância indica que “a topologia não é um saber a mais que se deposita, numa série de conceitos ou de textos fundamentais, mas uma prática do buraco e de sua borda” (Corrêa, 2012, p. 19). Neste ponto, Ivan Corrêa (2012) cita o seminário RSI de Lacan trazendo que “a topologia é a estrutura” (p. 19). É preciso levar também em conta que a topologia de que Lacan está falando neste seminário já é a que faz uso do nó borromeano, essa cadeia (pois tem mais de uma rodinha de barbante) com a propriedade borromeana, a qual diz respeito à necessidade de todas as rodinhas se soltarem simultaneamente da cadeia independentemente de qual se desate – essa ainda será averiguada no nosso estudo (no próximo tópico, 3.3). Como ele indica no seminário anterior, “*Les non-dupes errent*”, na sessão de 19 de fevereiro de 1974: “minha querida estrutura – minha estrutura de meia tigela! – revela-se borromeana”<sup>28</sup> (Lacan, 1973-1974/2012, p. 138). Após ele falar isso no seminário, ele diz que não descobre a verdade, mas a inventa, e isto é o saber: a invenção da verdade. Nesse momento, não há como não se lembrar do poeta Manoel de Barros (2010), na abertura de seu livro “Memórias inventadas”: “Tudo o que não invento é falso” (p. 7), aqui sentimos em cheio algo que Magno Machado Dias (1983/2009, p. 121) aponta: “o poeta não fala esta língua, o poeta repete a fundação da língua”. É o bem dizer do poeta, como Ivan Corrêa (2009) pontua: “a boa poesia (...) é aquela que erra, isto é, é aquela que faz tropos, desvios” (p. 23). Esse aspecto do bem dizer é atrelado ao sintoma, o qual tem um peso importantíssimo na a-lógica do inconsciente.

O sintoma se repete, e eu repito ele. O sintoma se repete, e eu não digo nada senão por meio dele. Isto é o que chamo bem-dizer. O sintoma pinta, devo dizê-lo. Agora, quando o sintoma pinta, e não tenho o que dizer, sou tomado pelo solavanco do sintoma. (Dias, 1983/2009, p. 121)

Sobre o sintoma e seu papel na a-lógica do inconsciente, segundo Ivan Corrêa (2001):

Esse tipo de lógica, de contradição, de paradoxo, que encontramos em qualquer sintoma, desde que nos debruçemos sobre ele, é uma estrutura que é universal, que é

---

<sup>28</sup> Em francês: “*Ma chère structure – ma structure à la noix ! - s'avère nœud borroméen.*” (Lacan, 1973/1974/2012, p. 138).

geral, que vocês vão encontrar em qualquer sintoma por menor que seja. Há sempre algo da ordem do paradoxo que está na base da constituição do sintoma. É exatamente o paradoxo que o sustenta. É a estrutura mínima que permite ao sintoma existir. No momento em que esse paradoxo não se sustenta mais, desaparece o sintoma.

Freud já dizia que o sintoma é uma solução de compromisso. A solução de compromisso é exatamente o paradoxo lógico que se cria. Pode ser uma coisa ou pode ser outra. (p. 118).

*N.B.:* esse “ou” ali na última frase da citação pode ser um “ou” inclusivo. Pode ser uma coisa e outra, ou, como se diz: “um olho no peixe e outro no gato”.

Retomando a equiparação feita por Lacan entre a topologia e a estrutura, é preciso mencionar que a topologia formaliza as operações através das construções a partir do buraco e de seu bordo. De acordo com Ivan Corrêa (2012), a topologia apresenta uma novidade irreduzível: “a faixa de Moebius revela que apenas com uma dimensão, com um fio, com uma borda, pode-se gerar simultaneamente um buraco e uma superfície” (p. 19). O buraco não se cria furando ou rasgando superfície, mas simplesmente por se ter uma borda: trata-se da “borda da palavra”, a qual “se move no espaço de uma dimensão e que gera o buraco que nos separa dos outros e do mundo” (Corrêa, 2012, p. 19). A fita de Moebius não tem avesso, só tem face; ou não tem face, só avesso. Se articularmos logicamente: “O avesso da lógica não é a lógica do avesso, mesmo que o avesso tenha uma lógica, o que nos permite falar em lógica do avesso” (Corrêa, 2012, p. 21). Aqui, nesse paradoxo, é importante recordar que a psicanálise é “a arte de fazer nem-nem”, como diz Magno Machado Dias (1979/2009, p. 42). A banda de Moebius não é nem dentro, nem fora. É com essa consideração que partiremos à articulação mais conhecida da topologia, ou seja, a sua relação com o espaço, na próxima seção (3.3); no entanto, não deixaremos de levar em conta o tempo.

Ainda a respeito da lógica no pensamento topológico, é importante mencionar como a questão do pensamento para Freud dá base ao que Lacan traz com o significante e sua articulação com o sujeito por ele representado. A exposição freudiana da pressuposição segundo a qual se pensa se excluindo de seu próprio pensamento é um “paradoxo entre a lógica e a descoberta freudiana” (Corrêa, 2009, p. 161) – não ser o que é, e ser o que não é está na base da denegação. Não há simetria entre percepção (nos processos primários) e o pensamento (lido como secundário). O que ocorre é uma busca de identidade de percepção, a qual tenta restituir uma equivalência entre satisfação e representação. A alucinação primitiva, neste ponto,

aparece como o caminho mais curto para obter a identidade de percepção. No entanto, o idêntico não é jamais reencontrado – aqui se percebe uma base para o mecanismo da compulsão à repetição. Repete-se, mas jamais produzirá, entretanto, o idêntico – há uma dissimetria em jogo. É neste exato momento que podemos estabelecer um paralelo de leitura com a essência do significante: diferença pura. A repetição do traço introduz uma diferença que acaba os tornando idênticos, sem, no entanto, nada tirar de sua mesmidade para com o real. Essa repetição do aparentemente idêntico, segundo Ivan Corrêa (2009), é o fundamento da identificação. Não são as diferenças qualitativas, as propriedades específicas, os predicados, que fazem esses traços funcionarem como diferentes, eles são diferentes porque se repetem. Além disso, há uma diferença irreduzível, a qual a repetição do mesmo não esgota completamente. Quando Lacan (1961-1962/2012, p. 73) fala do significante no seminário “A identificação”, na sessão de 6 de dezembro de 1961, ele estabelece que a diferença do significante é diferente de tudo aquilo que diz respeito a uma diferença qualitativa. O significante pode conotar a diferença em estado puro, o um em sua primeira aparição. A primeira coisa que o significante implica é o apagamento da relação do signo com a coisa (aqui está o vínculo com o que Freud fala a respeito da compulsão à repetição, da vivência de satisfação e da diferença do mundo do vivo para o mundo do falante). Enquanto o signo representa alguma coisa para alguém, o significante representa o sujeito para outro significante. A sua essência é o traço unário – é ele que dá a distinção do estatuto significante. Para evitar confusões conceituais, é importante dizer também que a função de unidade que o significante apresenta se deve a ele ser somente diferença; no entanto, unidade e identificação são coisas bem distintas. A identificação não é simplesmente fazer um. A crença de que A é A gera confusão. Além disso, é do efeito do significante que surge o sujeito como tal – pensa-se se excluindo (Freud), sujeito é evanescente-intervalar (Lacan). Não há tautologia, mas não por conta de simplesmente o primeiro A (de A é A) e o segundo quererem dizer coisas diferentes, e sim pelo motivo do próprio estatuto, do estatuto mesmo, do A, do que está inscrito em A – é por isso que A não pode ser A. De acordo com Ivan Corrêa (2009), “a Lacan interessa a diferença pura, a diferença do idêntico, e não o um puro” (p. 154). Essa diferença pura é o traço unário, o qual fornece a essência do significante, seu estatuto. Indo além, podemos pensar que os significantes são diferentes entre si, mas, diante do real, todos têm estatuto de significante. Magno Machado Dias (1982/2010) articula algo semelhante da seguinte forma:

Em resumo: todos os significantes são iguais perante o real que eles não-inscrevem – ao mesmo tempo que são diferentes (mas não-todos) enquanto meteoros particulares,

sem metro-padrão que os universalize num sistema cabal. O que é dizer que, enquanto tal, o significante é andrógino, hermafrodita, bi-sexual como o diz Freud, anfi-sexual como eu digo, ou, melhormente, o significante é puro sexo – no que repete a Sexão que um corte real nos impõe por impossível tangência. (pp. 258-259)

Observamos a questão do diferente na lógica do significante, a qual não simplesmente atravessará o sujeito, mas, na verdade, permitirá o seu surgimento. Elaboremos com Freud: sim-cidade e denegação, dissimétricos por conta dos dois quererem dizer sim, permitem o surgimento do pensamento, das representações em jogo, sempre outros com relação à satisfação perdida de partida. Além disso, se no inconsciente há pensamento, precisamos falar de um pensamento sem qualidades – da mesma forma o sujeito para Lacan, sem substância. Há uma repetição daquilo que é aparentemente o mesmo em jogo, mas, na verdade, é dissimétrico; e nesse processo criativo, digamos, a diferença se apresenta, pois, esse dito mesmo não é o mesmo – é impossível a reinstalação da imagem-metáfora; à estatueta que já se partiu, retorno não há; não há como se recolar perfeitamente (ruína metonímica, cinética do desejo), afinal, nem sabe se de fato isso se deu, ora, como se perde aquilo que nunca se teve? Mas se repete, e, nesse caminho criativo, o que se decanta é o estilo, como bem diz Manoel de Barros (1993/2010): “Repetir repetir – até ficar diferente. / Repetir é um dom do estilo.” (p. 300).

### **3.3 A topologia, o tempo e o espaço**

Enquanto a topologia diz respeito às formações do inconsciente, a topologia freudiana, se podemos estabelecer uma através da leitura de Ivan Corrêa (2009), ela seria correlativa à atemporalidade do inconsciente. Assim como “a-lógica”, como Corrêa (2012) grafa, do inconsciente é outra; também o tempo é outro. Trata-se de outro tempo. A análise torna explícito que o sujeito embarca numa máquina do tempo e nem nota.

Bom, eu não tinha pensado em falar desse negócio de máquina do tempo e do tempo, mas isso é para dizer que a psicanálise se situa dentro dessa ficção, mas é na ficção que vai funcionar a psicanálise. Porque qual é o pressuposto da psicanálise em relação ao tempo? O pressuposto da psicanálise em relação ao tempo é que se o tempo não for reversível, se a gente não puder mexer no tempo passado, não existe psicanálise. Porque vai se falar de que na psicanálise? Freud mandava falar de que na análise? Falar do seu passado, de suas preocupações todas que lhe vêm à cabeça. E vai vir sobretudo a infância, não é? E vai haver uma reconstrução aí. Então, se através da nossa fala, através

do discurso, numa situação analítica, nós não pudermos mexer no passado, então não vai haver psicanálise, porque o pressuposto é esse. É que falando de coisas que aconteceram há dez anos, há quinze anos, vinte, trinta, quarenta anos atrás, no dia de hoje, no momento presente, na minha sessão de análise, nesse momento aí eu faço com que esse tempo passado volte ao presente, venha ao presente. E eu vou lá ao passado, vou à minha vida passada e fazendo essa mexida aí nesse tempo do passado, alguma coisa vou alterar no dia de hoje, em vista do futuro. É esse o pressuposto da psicanálise que o tempo do ponto de vista analítico, o tempo psicanalítico, é algo que entra em uma dimensão de reversibilidade. Posso ir ao passado, mexer no passado e esse passado pode ser alterado em função do presente no qual estou falando, com a perspectiva para o futuro. (Corrêa, 1997, pp. 21-22)

De partida, essa máquina do tempo está em jogo. Não que o que chamamos de tempo cronológico não esteja presente, no entanto a maneira como isso será tomado é de outra forma. É uma experiência muito comum perder a noção do tempo e do espaço em análise – ora, há uma reversibilidade em jogo. Isso nos leva a uma conclusão a qual nos tira de certos enroscos de alguns estudos psicológicos rasos, os quais apresentam uma crença, até mesmo uma convicção, no *hic et nunc* (aqui e agora).

Para Freud, o inconsciente é a-temporal. Suas manifestações, ou suas formações como se diz, são representações de “Outra Cena” – Freud diz sempre que é a outra cena, a cena primária em particular que está presente quando surge uma formação do inconsciente, que reanima modalidades já inscritas na constituição do sujeito – daquilo que houve em nossa história – numa a-temporalidade sempre presente. Quer dizer que essa a-temporalidade do inconsciente faz com que aquilo que aconteceu há dez, quinze, ou vinte anos, esteja sempre presente.

Não somos apenas o *hic et nunc* como se diz. Não somos apenas o “aqui e agora”. Somos todo o nosso passado. Não podemos negar o passado, o passado está sempre conosco. Em qualquer momento, somos “todos os acontecimentos”. Não somos seres robôs que surgem de uma hora para a outra, e dizem “eu sou só o *hic et nunc*”. E.T. (s). Vamos fazer uma terapia focal, se diz, vamos tratar só do aqui e agora, quando há todo o passado que não se pode jogar fora como uma casca, como as cobras fazem...

A nossa vida está sempre toda presente no aqui e agora, o passado está todo aí. Na análise, o tempo se contorce e revolve de outra forma a história do sujeito na a-

temporalidade do inconsciente. O que é que se vai fazer na análise, contando histórias do passado – fala-se também dos projetos para o futuro – senão fazer com que esse tempo se contorça, seja remexido, revirado? (Corrêa, 2009, pp. 133-134)

Ser todos os acontecimentos em qualquer momento é algo que surpreende. Não se está acostumado a operar por essa lógica; cai por terra qualquer terapia que se pretenda focal<sup>29</sup> (se é que algum dia isso teve algum sustento), pois essa *Gestalt*, essa forma, essa configuração, sempre escotomizada, pode ampliar a *awareness* que for, ela não se notará castrada, ela jamais notará que a topologia de que se trata é outra, porque opera imaginariamente naquilo que deveria operar simbolicamente. O fantasma desaparecer do reino não quer dizer que sua ordem ainda – mais, ainda – não ecoe: célere caminho, esse do desejo à tragédia, destino, funesto destino. De acordo com Juan-David Nasio (2011), o corpo como lugar parcial de gozo – do olhar e do tocar – é o que escapa quando se trabalha com a topologia que se refere à psicanálise, “praticar a topologia significa tratar a representação com o corpo e, assim, inscrever essa prática no conjunto de nossas produções fantasísticas” (p. 21); é no que concerne à transformação do gozo, sob a forma da fantasia, que essa topologia reificada, se podemos assim chamar, se enrosca, pois ela não nota que “não há linguagem (nem mesmo a do manejo dos seres topológicos) que não seja posta em xeque pelo gozo” (p. 22). Essa topologia não psicanalisável exige um corpo sem furo, tapado, principalmente no que diz respeito ao ouvido, para não ouvir eco de Narciso; a respeito de seu ato, numa tentativa precipitada de *ad hoc*, cai no *hic et nunc*, por não levar em conta a a-temporalidade que o inconsciente implica.

Dois exemplos dessa a-temporalidade nos casos de Freud, Ivan Corrêa (2009) apresenta, são os casos: o homem dos ratos e o pequeno Hans. *Nota bene*: esse é um ponto importantíssimo no que concerne ao sintoma e à clínica, conseqüentemente, porque essa reversibilidade temporal é uma maneira de lidar com o paradoxo que a lógica do sintoma apresenta, que a a-lógica do inconsciente apresenta. Ivan Corrêa (2009) encara a questão do tempo e aquilo que ele chama de “a-tempo psicanalítico” (p. 129) recuperando uma citação de Aristóteles de que o tempo seria o número do movimento. Platão, por sua vez, define o tempo como a passagem do anterior ao posterior. Podemos articular: sem movimento, não existiria tempo, o cronológico – ora, *Κρόνος* já teria devorado nesse caso (que questão crônica!). E como Freud apresenta essa questão do tempo? Levando em conta o sintoma (irônica e literalmente crônica!). Se “poesia é voar fora da asa” (Barros, 1993/2010, p. 302), nessa ficção,

---

<sup>29</sup> Esse tipo de lógica apresenta um impacto muito forte no que se entende por tratamento. As formações dos doutos especialistas. As especializações cheias de pó-pó-pós.

precisa-se considerar o próprio tempo como não existindo – mesmo de asas cortadas, voa; não se fala fora do sintoma, não se fala fora da metáfora; indo um pouco além, articulando sintoma e amor, isso quer dizer que não se é sujeito do amor (*Ἔρως*). Percurso com desvios, tropológico, impreciso, como apresenta Lacan (1961-1962/2012) em seu seminário sobre “A Identificação”, ao final da sessão de 21 de fevereiro de 1962: “O sujeito de que se trata, aquele que seguimos o vestígio, é o sujeito do desejo e não o sujeito do amor, pela simples razão de que não se é sujeito do amor, é-se ordinariamente, é-se normalmente sua vítima.” (p. 203)<sup>30</sup>. Começemos pelo que Ivan Corrêa (2009) fala a respeito do homem dos ratos:

Freud encara a questão do tempo em relação ao sintoma. Eu falei há pouco do “Homem dos Ratos”. O que é o tempo para ele? Se o pai morreu há nove anos, e hoje esse pai pode ser submetido ao suplício dos ratos? O que é o tempo na psicanálise? Ora, só existe psicanálise se pudermos mexer no tempo.

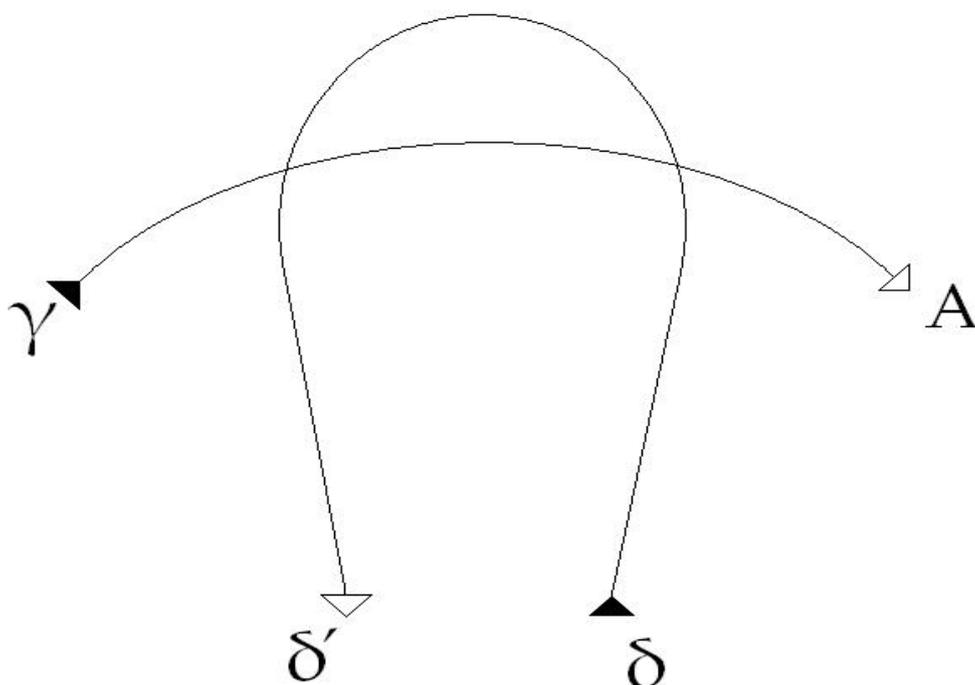
O que é que se diz do sintoma? Está ligado à quê? O sintoma está ligado a situações do passado. Todo mundo diz isso. Que há sintoma porque houve situações no passado em que as coisas não se arranjaram. E o que se tenta fazer na psicanálise, com o discurso analítico? Tenta-se falar do passado, para remexer no tempo passado, e agir agora no presente.

Quer dizer, a suposição, a grande suposição da psicanálise é esta: eu trazendo meu passado para o presente, trazendo de volta meu passado agora, e falando desse passado agora, posso modificar o meu presente e o futuro que vai vir. É essa a hipótese da psicanálise. Se eu não puder mexer no meu passado o que é que vai fazer a psicanálise? A psicanálise só será terapêutica, só será eficiente, se for possível o tempo ser reversível. (pp. 130-131)

É nisso que a psicanálise se difere do tempo não reversível dos matemáticos, dos físicos. Essa seta irreversível do tempo, ela não é operativa para o raciocínio analítico. O começo do grafo do desejo (Figura 4), que expõe a cinética de nosso psiquismo, apresenta de entrada uma leitura de ida e vinda referente ao só-depois do significante.

---

<sup>30</sup> “*Le sujet dont il s'agit, celui dont nous suivons la trace, est le sujet du désir et non pas le sujet de l'amour, pour la simple raison qu'on n'est pas sujet de l'amour, on est ordinairement, on est normalement sa victime.*” (Lacan, 1961-1962/2012, p. 203).

**Figura 4***Começo do grafo do desejo*

Fonte: Lacan, J., 1957-1958/2012, p. 5.

Do gama ao A, trata-se do percurso de significante a significante; e de delta a delta linha, observa-se o significado, pré-texto, para aquém do texto, deslizamento, a “elipse do significado” (Fages, 1975, p.73), a qual o significante irá morder, fazendo os pontos de estofa (os pontos de encontro do grafo). É notável também a sincronia e a diacronia em jogo: “a primeira sendo um corte atemporal da linguagem e a segunda (entrevista) sendo a série regrada das transformações no tempo” (Fages, 1975, p. 72). Significante e sincronia de um lado; significado e diacronia do outro. No que se refere à nossa fala, precisamos levar em conta essa ida e vinda com os pontos de encontro que operam tal qual quiasmas nessa construção. O significante já apresenta que o tempo não é apenas uma flecha de ida; também há uma sincronia-diacronia em jogo com um corte atemporal da linguagem (significante; universal; a-temporal) e transformações no tempo (o significado apresenta variações inúmeras para cada sujeito; o significado do sintoma é particular; singulares transformações no tempo). Voltemos ao particular sintoma do homem dos ratos.

Certos sintomas existem por causa de ocorrências do meu passado. Falando destes acontecimentos, posso adquirir novas significações que me liberem destes sintomas e me proporcionem uma nova visão para o futuro.

Diz então Freud que o inconsciente é a-temporal. Situa-se fora do tempo. Com seu sintoma, o “Homem dos Ratos” faz seu pai voltar a existir. Na ordem simbólica evidentemente. Mas a lógica que sustenta seu sintoma lhe traz muitas vantagens. Primeiro, se seu pai existe, ele não o matou. Depois, estando vivo (no sintoma), o pai poderá pagar pelos erros que fez, nada menos do que sendo submetido ao “suplício dos ratos”. Como seu pai prejudicou a muita gente, a duas mulheres, a seu amigo do serviço militar e a ele mesmo, merece um castigo. E não há outro melhor do que o “suplício dos ratos”. “Meu pai merece um castigo”. Era esse o seu desejo. “E o castigo que meu pai merece é o suplício dos ratos”.

Por conseguinte, no sintoma, ele “ressuscita” o pai. Traz o pai para o presente, e é como se o pai naquele dia pudesse ser supliciado e pagar o que devia. Mas ao mesmo tempo ele se redime. “Se meu pai hoje pode ser submetido ao suplício dos ratos, quer dizer que eu não o matei, meu desejo não foi assim tão poderoso que teria matado meu pai”. Porque inconscientemente ele achava que fora seu desejo de morte que matara seu pai.

Ele realizava uma série de coisas ao mesmo tempo, mexendo com o tempo, fazendo com que o tempo não tivesse passado, ou que o passado viesse ao presente. Estas questões do tempo estão presentes, portanto, na clínica psicanalítica. (Corrêa, 2009, pp. 131-132)

O passado o ultrapassa – é-se ultrapassado. Se a construção sintomática envolve essas viagens temporais, é preciso lidar da mesma forma na escuta analítica, porque o inconsciente se situa fora do tempo (cronológico). O tempo cronológico não apresenta uma medida para a regragem dele, há alguns casos que ele aparece como uma marcação, a qual o sujeito não nota, no sentido de uma repetição. Alguns exemplos clínicos interessantes, nesse sentido, vêm de neuróticos. Todo dia, numa determinada hora, uma angústia é sentida. Essa repetição da marcação temporal parece não se apresentar tão fortemente nas psicoses – não há como se prever o desencadeamento de um surto psicótico, por exemplo, ora, não se trabalha com uma bola de cristal na clínica analítica. O cronológico na neurose é um elemento apenas para o lógico, para a lógica paradoxal do sintoma (neurótico; essa articulação sintomática não está

presente diretamente nas psicoses – o tempo e o espaço nas psicoses trazem uma articulação que não é mitral<sup>31</sup>), para a a-lógica do inconsciente. O outro caso que Ivan Corrêa (2009) cita é o pequeno Hans:

Algo também interessante encontramos no caso do “Pequeno Hans”. Vocês sabem que Hans encontrou Freud uma vez. O pai o levou para falar com Freud. E quando chega lá, Freud conta uma história para ele sem pé nem cabeça. Freud diz que foi isso que fez Hans se curar da fobia. A fobia “se desenvolveu”, *abzuwickeln*. Qual foi a história que Freud contou? “Eu relembrei a Hans o grande mito da humanidade, o mito de Édipo”. E como é que Freud contou este mito? “Antes que tu nascesses, eu já sabia, e disse para o teu pai, que quando tu nascesses ias ter uma grande raiva dele, um grande ódio dele, e um grande amor por tua mãe”. Antes que tu nascesses eu já sabia.

Antes de nascer já sabia? Quando Hans sai, pergunta ao pai: “O professor fala com Deus para saber essa história de antes de eu ter nascido?” Vejam como Freud trata o tempo de uma maneira inteiramente ilógica. Revira o tempo e faz com que uma coisa futura já esteja no presente. Mas o que é que acontece? É que Hans vai utilizar essa mesma formulação de Freud. Produziu-se uma identificação a Freud. O que foi considerado um caminho para a cura.

Um dia, de fato, conversando com o pai diz: “Ah! Mas em tal época, eu brincava com a Hanna!”. Hanna, sua irmãzinha. E o pai diz: “Mas nesse tempo a Hanna nem estava ainda na caixa da cegonha!”. Quer dizer, a mãe nem sequer estava grávida ainda de Hanna. “Ah! Não, mas eu já brincava com ela no jardim, mesmo antes dela estar na caixa da cegonha”. Quer dizer, mesmo antes dela ser gerada “eu já brincava com ela aí no jardim”. Hans adota a mesma lógica em relação ao tempo. De fato, pode-se fazer com o tempo o que se quer.

Em outra ocasião, ele viu uma calcinha da mãe estendida no varal. Começou a fazer cena, a cuspir, a dizer eca, eca. O pai pergunta se ele já tinha visto sua mãe

---

<sup>31</sup> Aqui, estou me referindo à mitra, ao *cross-cap*, figura topológica, a qual ainda iremos estudar na seção. Enquanto as neuroses operam em um plano projetivo (*cross-cap* é uma arrumação desse plano; objeto *a* é tal qual vampiro, não tem reflexo), as psicoses operam em um plano hiperbólico (o objeto *a* está no bolso, como dizem; Schreber vê seus seios crescendo no espelho). Pelos religiosos meterem a cabeça na mitra, eles perdem completamente o jogo lógico de transmissão (erro dos pontífices: não perdem a cabeça) que essa figura poderia apresentar – a valva mitral (menção à coração) fica emperrada, a pulsação do inconsciente de abertura-fechamento não ocorre; portanto, não os psicóticos (esses não lidam com a lógica do sintoma, no sentido do paradoxal neurótico), mas esses extremos da religião são inanalísáveis. De outro modo, um neurótico, às vezes, perde a cabeça – aí se pode começar uma análise.

trocando de roupa ou vestindo aquela calcinha. “Não, responde ele, antes dela comprar essa calcinha, quando a calcinha estava na loja, eu já tinha visto ela com a calcinha”. Ele utiliza o mesmo tipo de argumento, a mesma forma de reviramento do tempo que Freud usou. No sintoma, o tempo toma dimensões diferentes do tempo ordinário, do tempo comum. (pp. 132-133)

Se Deus é inconsciente, certamente também o é por esse motivo temporal, ou melhor, a-temporal. Esse jogo atemporal (a topologia freudiana é a a-temporalidade do inconsciente), de forma bastante interessante, Lacan resgata-lo-á na cadeia borromeana<sup>32</sup>. Para observarmos isso, articulemos com Magno Machado Dias (1983/2009). Para apresentar o nó borromeano (nominalmente trazido dessa forma por Lacan, mesmo se tratando de um encadeamento de mais de um elemento, ou seja, não é um nó matematicamente, é uma cadeia – porém, um não deixa de ter vinculação ao outro), MD Magno fala do globo da morte.

O Globo da Morte é aquele brinquedo que tem no circo. Enorme bola de aço, e dentro dela vai-se construindo o globo da morte. (...) São três motoqueiros: primeiro entra um para mostrar como é difícil, depois entram dois para se ver que não bate. Até aí a gente não acha muita coisa. Depois, entram três e aí fica complicado. Quando as três motos começam a girar lá dentro, e tudo dá certo, ficamos suspensos à morte que está inscrita no globo... (Dias, 1983/2009, p. 104)

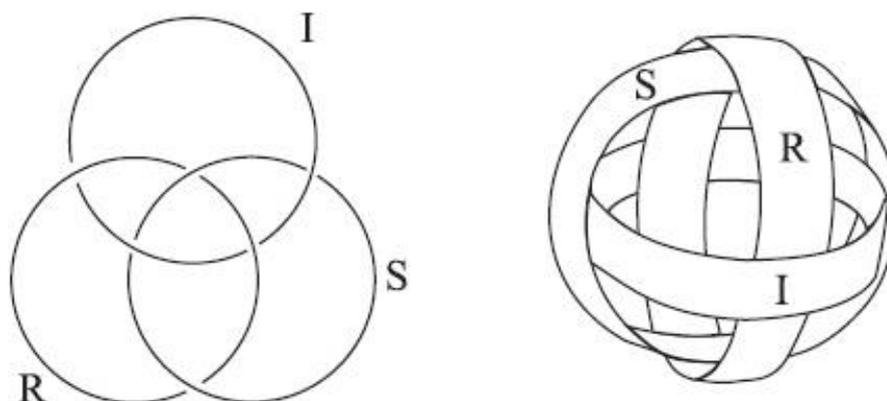
Essa associação do globo com o nó tem base na representação da cadeia borromeana de Pierre Soury (Figura 5), matemático que trabalhou com Lacan nos desenhos dos nós.

---

<sup>32</sup> Pode parecer estranho falar do nó antes mesmo de introduzir as superfícies topológicas; no entanto, notar-se-á, espero, a necessidade dessa inversão (no sentido cronológico da obra) da apresentação. Quando Lacan trabalha com os nós, ele está extremamente próximo de Freud – principalmente no que concerne à topologia freudiana: a a-temporalidade do inconsciente.

**Figura 5**

*Do lado esquerdo, representação de Lacan; e, do lado direito, de Soury*



Fonte: Dias, M. M., 1983/2009, p. 105.

Pensemos cada uma dessas motos com uma tinta de coloração diferente pintando a superfície interna do globo. Esse globo, em sua concretude, parecerá até mesmo uma esfera celeste, usada em astronomia e navegação – mas não sigamos por aí. Naquilo que ele representa o nó borromeano, ele trará uma outra consideração. Segundo Magno Machado Dias (1983/2009), se a esfera de aço que importa aos motoqueiros é a celeste, o globo da morte, o nó em si, é a “asfera sem leste” (p. 111).

(...) o que me interessa é que o globo da morte acaba sendo global, ou seja, a representação do nó borromeano. Não é um espaço de três dimensões, não está me interessando o euclidiano, mas a sua concretude, com passagens concretas por-cima e por-baixo.

Mesmo na representação careta, podemos tomar o por-cima/por-baixo, que está escrito aí como interrompido/não-interrompido, e substituir pelo binômio antes/depois. Assim: passou por baixo, passou antes; passou por cima, passou depois. É o que acontece com a tinta: se uma moto vem andando, ela molha de amarelo, a que passar depois será por cima, o amarelo fica por baixo. Então, em função mesmo do movimento, que não é constante, porque há a gravidade dentro da bola de aço, do globo da morte, posso estabelecer um regime de saídas sucessivas das motos, de maneira que cada qual passe antes de uma, e depois da outra, pelo mesmo ponto de cruzamento dos trajetos. Ela passa antes de uma em certo ponto, e depois da outra num outro ponto,

senão bate. E três motos, cada uma passando a cada ponto, antes de uma e depois da outra, são três motos desenhando em seu trajeto um nó borromeano. E o que sustenta essa pelotiquice – que é um pouco mais complicada do que ter três laranjas e mantê-las no ar – é que o movimento do primeiro sustenta o do segundo e é sustentado pelo do terceiro.

Entretanto, o movimento do primeiro não é inicial, porque é sustentado pelo movimento do último. Ele não consegue começar sozinho, porque para começar, tem que começar depois do último. Você pega a escansão de um início da brincadeira, mas, para ela começar, o primeiro teve que começar em função do último, que você não está vendo começar, mas que, para o primeiro, já terá começado, pois se ele partir do seu começo, ele se ferra, ele bate. Na construção do seu movimento, o balé que vai realizar, ele tem que dar o passo em função do último que não foi dado concretamente, mas que ele já considerou para dar o dele. Então, eles têm que ter um andamento constante, sempre em função do que partiu primeiro e do que terá partido depois. É o mesmo que dizer que não há presente, passado e futuro, a não ser dependendo da minha posição no jogo num momento dado. (Dias1983/2009, pp. 105-106)

Esse por-cima/por-baixo, por vezes, faz com que não se saiba se está dentro ou fora. A situação é oscilante. Como sujeito, situa-se, de fato, na fronteira, do dentro e do fora. Por isso ele chama de asfera<sup>33</sup> sem leste. Outro ponto importante dessa citação acima é a questão de não haver presente, passado e futuro, a não ser com relação à posição (recalque em jogo). Nesse ponto, está o vínculo com a articulação freudiana da a-temporalidade do inconsciente. Virtualmente, o último precisa ser tomado pelo primeiro. Segundo Dias (1983/2009), nesse globo, enquanto o analista brande a morte, o analisante é redivivo (morre e volta) – para passar a fingir que deseja coisa alguma, precisa analisar o desejo de várias algumas coisas. De demandar a respeito de sempre faltar alguma coisa, a desejar coisa-alguma, qualquer coisa serve (*ad hoc*). Falta o desobjeto que é como o objeto *a* funciona.

Lacan aponta, n'A Ética da Psicanálise, que o fundamento da psicanálise é ético e não ôntico, ou ontológico. Mas como ele postula, necessariamente, como Freud, uma falha ôntica no falante – ele confessa, num Seminário mais recente, que talvez não deixe de haver uma ontologia lacaniana –, podemos pensar que se o fundamento da psicanálise

---

<sup>33</sup> Diferentemente de uma esfera euclidiana, Lacan falou de asfera para trazer considerações a respeito do *cross-cap*.

é ético, por outro lado, o fundamento dessa ética é ôntico – o ôntico dessa falha reconhecida pela psicanálise como algo que não falta jamais. Para a psicanálise, a falta é justamente o que nunca falta. É a falha ôntica como impossível de se escrever, o que é um verdadeiro axioma lacaniano. Daí que o objeto *a*, como desobjeto, como fundamentalmente perdido, nunca tido, jamais havido, é real. Seu lugar é o espelho, na medida em que Lacan aponta esse objeto não havido como não especularizável, nem imagem especular. Até segunda ordem, diante do espelho, só o próprio não tem imagem especular: ponto cego, o espelho que tudo vê. (Dias, 1983/2009, p. 247)

Um outro desenvolvimento feito por Lacan, como consequência da a-temporalidade do inconsciente, foi a noção de tempo lógico.

Fundamentalmente, o paradoxo do tempo lógico não é de ter sessão curta ou sessão longa. Trata-se do tempo de uma identificação coletiva, e da questão do singular dentro do coletivo, e da identificação que se faz. E, particularmente, a da introdução da questão da pressa na lógica como um elemento de raciocínio. (Corrêa, 2009, p.145)

Para formalizar esta questão, Lacan conta uma história em forma de charada: o diretor de um presídio convoca três prisioneiros e diz o seguinte: “Vou colocar uma adivinhação. Aquele que acertar primeiro terá a liberdade”. Há duas cartelas pretas e três brancas. O diretor vai colocar uma destas cinco cartelas nas costas de cada um. O primeiro que adivinhar qual é a cor da cartela que tem nas costas será libertado. Cada prisioneiro poderá ver a cartela nas costas de seus companheiros, mas não a sua. (Corrêa, 2009, p. 141)

Trata-se de uma questão lógica e não da própria realidade ou de aplicar isso à realidade. O que está em jogo é a solução de um paradoxo. Vamos ao exercício mental que ele implica toda vez que se apresenta: solucionar uma vez não quer dizer solucionar para sempre – volta o paradoxo, precisa ser refeito o exercício mental. Se há duas pretas e uma branca, o que estiver com a branca concluirá imediatamente que é branca a cartela dele. Mas essa configuração privilegiaria um dos presos, vamos pensar em condições idênticas para todos.

Neste paradoxo se institui um sujeito coletivo. Chamando de A, de B e de C estes prisioneiros, e as condições sendo idênticas para todos, eles são três sujeitos, mas são um só. Logo  $A = B = C$ . Com este paradoxo, cria-se o que se poderia chamar um sujeito coletivo. O paradoxo está nisso: nesse sujeito coletivo, cada um é diferente. O A, o B e o C são três prisioneiros, mas do ponto de vista da charada são idênticos. Não deve

haver nenhuma diferença de um para o outro. O que se diz do sujeito A, diz-se do sujeito B, e do sujeito C. Pensem na Santíssima Trindade!<sup>34</sup> (Corrêa, 2009, p. 142)

Essa identificação no sujeito coletivo, onde cada um tem sua liberdade particular está na base das associações psicanalíticas. Há uma identificação numa associação, num grupo, e há uma singular. Quando se colocam duas cartelas brancas e uma preta também não se favorece igualmente a todos. Cada um dos brancos vê uma preta e uma branca nos outros – nenhum dos dois avança para dizer sua cor.

A solução do paradoxo vai ser a seguinte: cada um com uma cartela branca. Aí surge a questão do tempo lógico. Cada um, de fato, vai ver que os dois outros têm cartela branca. Mas acontece que ele também tem a cartela branca. Todos estão apressados para ser o primeiro a dizer qual é a cor de sua cartela. Mas como os dois que têm a cartela branca – nenhum sabe que tem também a cartela branca – hesitam, cada um conclui, ao mesmo tempo, que tem também a cartela branca. Todos simultaneamente dão um passo em frente. Há identificação a um sujeito coletivo. Eles funcionam como sendo um só. A identificação, a identidade é total. Só que eles dão um passo e de repente, surge uma dúvida.

Aí vem a questão que Lacan coloca da dúvida e da asserção de certeza no tempo lógico. Vem a dúvida: “Será que eu tenho mesmo a cartela branca?” Mas também os três são assolados ao mesmo tempo pela mesma dúvida. Aí param. E refazem de novo todo o raciocínio. Refazem o raciocínio e vão chegar no mesmo tempo também a dizer: eu tenho a cartela branca e vão em frente. É a questão da pressa que entra no raciocínio como um elemento novo na lógica, que é o que Lacan articula em relação ao tempo lógico. (Corrêa, 2009, pp. 143-144)

O fato do tempo da sessão ser curto ou longo é indiferente. O importante é o momento do seu fim ser cronologicamente marcado. Abre-se, então, para a possibilidade de um imprevisto, para uma surpresa. A prisão de que se trata, ora, é a linguagem, a cadeia significante. A hesitação que ocorre é importante, pois não se chega prematuramente ao momento de concluir, há antes o instante de ver e o tempo para compreender.

Após esse estudo sobre o tempo, traremos a questão espacial. Quando Lacan (1974-1975/2014) fala, no seminário 22, R.S.I., que o ser quem fala [*l'être qui parle*] está mal situado

---

<sup>34</sup> Ora, na santíssima trindade não há menção alguma à mulher.

entre duas e três dimensões, e que no dizer [*dire*], não se sabe bem se temos mesmo três dimensões, parecemos não fazer algo que tenha relação ao dito espaço que se concebe como tendo três dimensões. No que diz respeito ao corpo, não há dúvida dessas três dimensões. No entanto, e ele cita os matemáticos: “há até mesmo matemáticos que escreveram com todas as letras: todo espaço é plano”<sup>35</sup> (Lacan, 1974-1975/2014, p. 50). É essa citação que Jeanne-Granon Lafont (1990) aprofundará:

O espaço em si mesmo não encerra a dimensão da profundidade, a famosa terceira dimensão. É somente para aquilo que se encontra mergulhado no próprio espaço que, segundo seus movimentos que se desenrolam no tempo, vai existir um antes e um depois e, por extensão, um na frente e um atrás. (p. 13)

De entrada, precisamos trazer a diferença entre mergulho e imersão, a qual será decisiva para lidarmos com as figuras topológicas que apresentam uma autointerseção, que em nosso espaço euclidiano, que chamamos de três dimensões, não são passíveis de apresentação total. Os dois são transformações de um objeto inicial em um final quando se o introduz num meio. No mergulho, o inicial e o final são equivalentes; na imersão não, “não há bijeção entre o objeto inicial e o objeto final” (Nasio, 2011, p. 27). Bijeção diz respeito ao fato de cada ponto de um corresponder a apenas um ponto do outro objeto. Se, além disso, a vizinhança desses pontos for mantida (a bicontinuidade), há, então, um homeomorfismo, isto é, trata-se do mesmo objeto. Quando trabalhamos com o plano projetivo, se houver um mergulho de um objeto com uma autointerseção nesse plano, o objeto final será igual ao inicial; se houvesse imersão, não seria igual, isto é, algumas propriedades perder-se-iam.

É o movimento daquilo mergulhado no espaço que trará um antes e um depois, uma frente e um verso. Podemos pensar: não é o tempo que mede a coisa, é a coisa que mede o tempo; não é o espaço que delimita a coisa, é a coisa que trará uma configuração ao espaço. Isso faz lembrar aqueles exemplos esquisitos de livros de ciências para crianças que falam do tempo de vida de uma pessoa viajando no espaço. Dependendo do outro planeta que a pessoa viveu parte de sua vida, esses livros trazem, ela voltaria mais nova ou mais velha do que quem ficou no planeta. Isso precisa trabalhar muito para ser no mínimo uma estupidez; ora, o que se esquece nesses exemplos mirabolantes é o corpo. O corpo perece, e isso é um fato. É a coisa que calculará o tempo-espaço.

---

<sup>35</sup> “Il y a même des mathématiciens pour l'avoir écrit en toutes lettres : tout espace est plat.” (Lacan, 1974-1975/2014, p. 50)

Quando estudamos a topologia geral, segundo Granon-Lafont (1990, p. 12), precisamos considerar que ela é “o estudo, a ciência dos espaços e de suas propriedades”. Não é como na geometria euclidiana, com a regragem dura da metria. É a descrição tendo em conta o invariante, a “doutinvariãça”<sup>36</sup> do objeto, o espaço. O próprio espaço está em jogo. Além disso, “o tempo, do ponto de vista topológico, é a dimensão do espaço considerado enquanto plano, enquanto superfície” (Granon-Lafont, 1990, p. 14). O objeto dos topólogos é a noção de espaço e suas relações, as quais darão estrutura a ele. Nisso, a topologia se aproxima da psicanálise, naquilo que a primeira estuda a estrutura desembaraçada de um objeto substantivado, e a última também estuda a estrutura desembaraçada de um objeto psíquico único substantivado (sujeito sem qualidades, pensamento sem qualidades). Granon-Lafont (1990, p. 18) chega a escrever que os topólogos fixaram uma noção de espaço idêntica à de estrutura utilizada pelas ciências humanas.

Apesar da grande contribuição de Jeanne Granon-Lafont (1990), Nasio (2011) apresenta algo mais elaborado no que concerne à distinção da topologia da psicanálise para com as das matemáticas. Ora, não é somente a matemática que estuda o espaço, o plano, a lógica dos lugares (a *topos*-logia).

(...) a topologia com que os psicanalistas pensam e trabalham não é nem a topologia geral nem a algébrica. Embora se aproxime da topologia combinatória, ela é, em última instância, uma topologia muito particular que eu caracterizaria como mostrativa e fantasística. Nós trabalhamos não com equações, números e letras, mas com tesoura, giz e elástico. (Nasio, 2011, p. 20)

Essa topologia mostrativa e fantasística, ele também a chama de “topologeria” (Nasio, 2011, p. 10), fazendo alusão ao termo “linguisteria” de Lacan, e dizendo que o mesmo foi importante para se desfazer mal-entendidos. Sobre esse sufixo “-eria”, trata-se dos artesanatos desprezados, a “besteira-artifício” clínica – lá onde se diz “é bobagem”, é para lá que vamos; lá onde diz “deixa isso pra lá”, esse lá é de nosso diapasão.

O espaço da psicanálise também é plano, trata-se de saber de que plano se trata. Antes de retrocedermos às questões espaciais em Freud no nosso aparelho psíquico, como passamos de lá para Lacan através do nó, voltaremos para lá também através do mesmo.

---

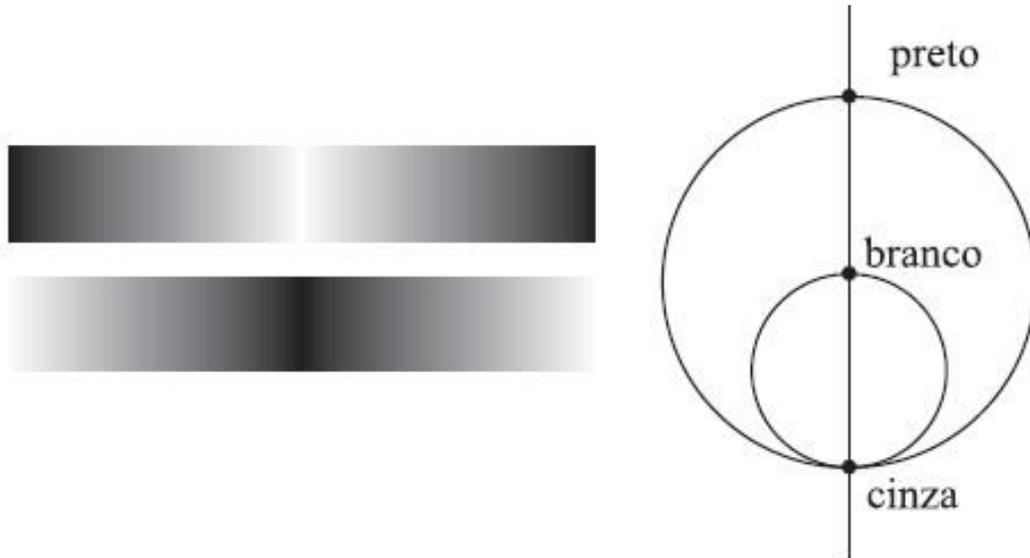
<sup>36</sup> Por lapso, escrevi inicialmente “invariança”, ao invés de “invariância”. Aproveitei esse lapso fazendo uma articulação entre o significante “ignorãça” de Barros e “a douta ignorância” de Cusa.

Se há *RSI*canálise, o espaço é unilátero. O espaço da psicanálise é sempre unilátero. Tudo é uma questão de pontuação, para eu me situar: em que sexo estou, e não de que sexo sou. No momento em que me situo, logo vou fazer o objeto ser imaginário para mim, ter aparência. Aparência não quer dizer só imaginário e, sim, imaginário, real e simbólico: é o semblante. Acontece que o objeto *a*, enquanto tal, não tem imagem: ele é cinza, é neutro, não tem confronto possível. Ele é espelho. E o espelho é cinza. Não é branco, nem preto. (Dias, 1983/2009, p. 115)

Essa questão do plano unilátero – unilátera também é a banda de Moebius (figura 1) – permanecerá até a noção do R.S.I., onde se imagina três, por conta desses três registros borromeamente enlaçados. Se a topologia é a estrutura, a questão estrutural, logo, não sumiu nisso que chamam de “o último Lacan”<sup>37</sup>. O recalque é o que opera como uma pontuação, porque só seguir pelo unilátero seria loucura. O plano dá um limite por contornos, e o espaço pela profundidade – o tempo para alcançar, topologicamente, o horizonte, o qual não é limite. Como pontua Jeanne Granon-Lafont (1990), “cl clinicamente, esta realidade de nosso espaço é essencial para uma aproximação ao estado do mundo do psicótico, o qual diz-se ser sem limites, ou seja, sem dimensão temporal” (p. 14). Se o inconsciente é atemporal e essa é sua topologia, escutar psicótico na clínica é uma aula. Sobre o objeto *a* no nó, uma pontuação: diz-se muito que ele está ali no “centro” do nó (Figura 5), mas isso é errado, pois a coisa nem centro tem, ali o que temos é um desenho, uma planificação da cadeia; ela, de fato, é descentrada, essa coisa “ex-tranhamente familiar”; o objeto *a* está ali virtualmente, pois o nó não é diagrama de Venn-Euler. O objeto *a* está lá assim como também está virtualmente em outras figuras topológicas, por exemplo: de forma menos mencionada, na banda de Moebius. De acordo com Magno Machado Dias (1983/2009), se pintarmos um lado de uma folha de papel em *degradé* de preto para branco para preto, e do outro lado fizermos o contrário – de branco para preto para branco; e se depois unirmos os lados com uma semitorção que a banda de Moebius, minimamente, exige; onde estiver o mesmo cinza dos “dois lados” (a banda é unilátera) é o objeto *a* (Figura 6).

---

<sup>37</sup> O que fazem com o que chamam de o último Lacan lembra alguns espiritualistas que falam sempre de uma dimensão superior: quatro dimensões, cinco dimensões, seis, e por aí vão infinitamente. É sempre um nó, ou melhor, uma cadeia, com mais e mais elementos. O nó de 3, três dimensões; o nó de 4, quatro dimensões. É uma graça. O espaço que a psicanálise trabalha é unilátero, e a dimensão é a *dit-mansion* – isso nos distancia bastante, inclusive, dos animais.

**Figura 6***Objeto a na banda de Moebius*

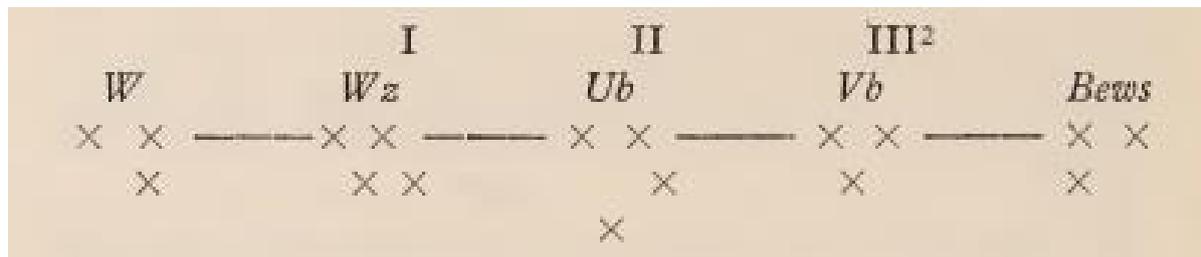
Fonte: Dias, M. M., 1983/2009, p. 113.

Para trazermos essa questão da estrutura em Freud, da espacialidade, a entrada é através de um importante fruto metapsicológico: o aparelho psíquico. Já estudamos que o fora é constituído por projeção, por uma expulsão de fato. No início, fora e dentro não se distinguem, assim como objetivo e subjetivo são a mesma coisa. Para com a tópica desse aparelho, tomaremos como base de nosso estudo a carta 52 de Freud (1896/1950) endereçada a Fliess, de 6 de dezembro de 1896.

Nesse texto de Freud (1896/1950), temos 5 elementos em jogo: Percepções [*Wahrnehmungen*]; Signos da percepção [*Wahrnehmungszeichen*]; Inconsciência [*Unbewußtsein*]; Pré-consciência [*Vorbewußtsein*]; Consciência [*Bewußtsein*]. Ele ainda não traz como ulteriormente, na “interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/1942): Inconsciente [*Unbewußte*] e Pré-consciente [*Vorbewußte*]. (Figuras 7 e 8).

Figura 7

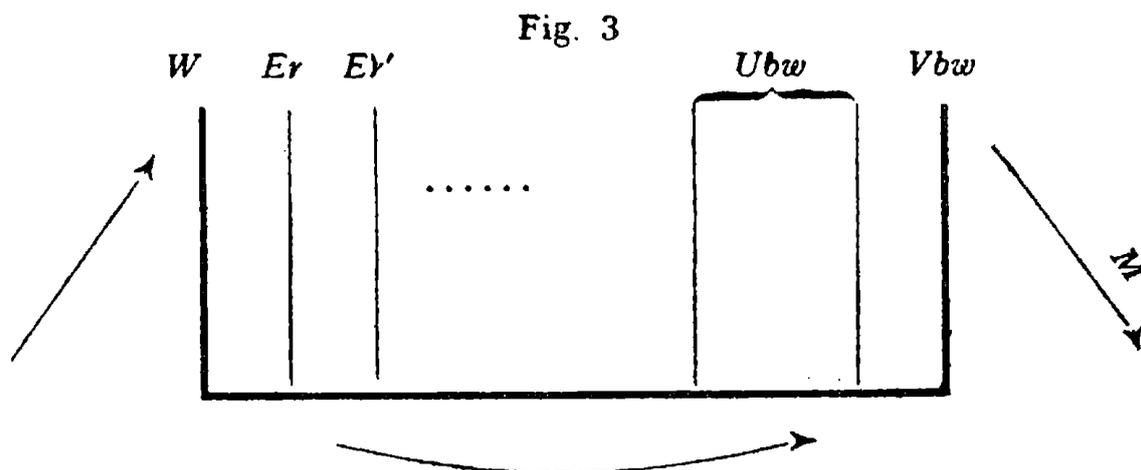
Esquema da carta 52



Fonte: Freud, S., 1896/1950, p. 186.

Figura 8

Esquema tópico da Traumdeutung, interpretação dos sonhos



Fonte: Freud, S., 1900/1942, p.546.

As transcrições [*Niederschriften*] apresentam um papel fundamental na tópica do aparelho psíquico. Este esquema apresenta sistemas diferentes para inscrição e para transcrição. As percepções (W) apontam para a exclusão mútua existente entre memória e consciência. Esta última estabelece um ponto de conexão com as percepções, isto é, esse esquema apresenta uma configuração em cadeia. Algo não mencionado ainda: Freud (1896/1950) escreve sobre neurônios, mas não devemos pegar essa ideia de neurônio de lá tal qual a ideia a qual fazemos hoje desse mesmo termo, o que ele estava buscando com essa apresentação era “descrever uma nova psicologia” [*eine neue Psychologie beschrieben*] (p. 187). Há uma psicopatologia em jogo, a psicose, na qual a tradução do material psíquico entre as fronteiras não se fez em

uma determinada parte do material. Cada transcrição posterior inibe a anterior lhe retirando o processo de excitação (aspecto quantitativo no desenho da tópica). O recalque [*Verdrängung*] é lido como uma recusa na tradução [*die Versagung der Übersetzung*], e o motivo dessa recusa é a produção de desprazer, a qual seria gerada por tal tradução. Ele também distingue uma defesa normal de uma patológica: a primeira ocorre dentro de uma mesma fase psíquica (Freud fala de fases nessa carta), entre os registros de mesma espécie e se deve à produção de desprazer; a segunda ocorre contra um traço de memória de uma fase anterior ainda não traduzido. A defesa patológica (recalque em jogo) é determinada pela natureza sexual do evento e pelo seu acontecimento numa fase anterior, mas voltando como atual. Aqui é importante notar o desenvolvimento sexual sendo elaborado por Freud. Anterior, mas atual – vínculo interessante entre o sexo e o tempo na consideração topológica posterior. Diferentemente de uma compulsão [*Zwang*] – na qual o prazer não é passível de inibição sexual e a experiência sexual é recordada com liberação de prazer –, no recalque o que ocorre é liberação de desprazer<sup>38</sup>.

Segundo Marta Gerez-Ambertín (2020), no Projeto, um ano antes da carta, há diferentes aparelhos que respondem a um duplo requisito: (1) apagar uma marca de estímulo para que uma superfície seja receptiva; e (2) conservar aquilo que foi apagado. Na carta, nas inscrições e transcrições nos sistemas, há passagens ou estancamentos. A própria memória não se faz de uma só vez, ela se desdobra em tempos diversos. A memória, assim como no esquema da interpretação dos sonhos, *Traumdeutung* (aqueles “Er’s” são da *Erinnerungsspur*, traço mnêmico), não ocorre de uma só vez. Da *Traumdeutung*, Gerez-Ambertín (2020) destaca: os modelos escriturais sustentam a cena do sonho, o aparelho psíquico precisa dar conta da cena, e essa cena outra é constituída por traços mnêmicos, marcas escriturais que podem ou não aparecer dependendo dos trilhamentos, *Bahnungen*. A autora segue mencionando um texto que já traz a configuração da segunda tópica (isso, eu, supereu), trata-se do bloco mágico, esse artifício permite um exemplo ao duplo requisito da memória: apagar e conservar. Ela articula a semelhança disso ao que vimos com a inscrição-transcrição da carta 52. Voltemos aos elementos da articulação dela.

As Percepções (W) supõem o registro direto da experiência, ou seja, recebe, mas não conserva (é desmemoriado, esse registro). Já os Signos da percepção (Wz, ou sistema I) apresentam o primeiro registro, a primeira transcrição de impressões. Esses signos se dispõem

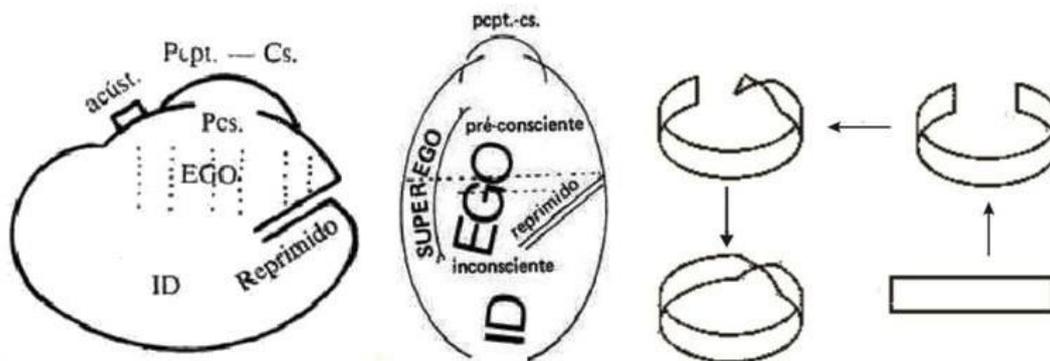
---

<sup>38</sup> Ele segue com o desenvolvimento das psiconeuroses as quais não estudaremos no presente texto por conta do recorte do tema.

conforme as associações por simultaneidade, o que lembra bastante o “Er, Er’...” do esquema da *Traumdeutung*, numa diferença não muito mencionada: é necessário supor que a primeira camada do sistema mnêmico tenha funcionado por simultaneidade, o estímulo no mesmo tempo-espaço que o traço mnêmico; e, nas subsequentes, associações por similaridade. De acordo com Marta Gerez-Ambertín (2020), há nesse sistema I uma escritura “puro signo” (p. 19), carente de ordenação no tempo. Nele não há diacronia. Os Wz são signos, não são significantes, eles são marcas anteriores à palavra – “não há ordem, sentido, nem tempo” (p. 19). Aqui encontramos então um vínculo importante dessa autora com a articulação de Ivan Corrêa (2009), naquilo que ele chama de a-temporalidade do inconsciente, a topologia freudiana. Esses Wz são a antecipação do Isso, segundo Marta Gerez-Ambertín (2020). As características do sistema I são diversas do sistema II, esse último já é uma tradução transformada em escritura daquela marca primária (sede das pulsões). Então, nesse sistema II, já temos a cadeia significante, articulando com Lacan. Para além do cardinal, o ordinal (a série) se estabelece. Esse sistema II, Ub na carta, Ubw na *Traumdeutung*, é como uma segunda transcrição, na qual “não primam as associações por simultaneidade e sim outros nexos, talvez causais” (Gerez-Ambertín, 2020, p. 20). Ora, causa-efeito, então temos sucessão no tempo, diacronia. O sistema III, Vb na carta, ou Vbw na *Traumdeutung*, é ligado a representações-palavras, corresponde ao Eu. Aqui ocorre encadeamento significante. O sentido é trazido, só-depois na ordem do tempo. É nesse ponto que Gerez-Ambertín (2020) escreve sobre o aparato da carta 52 ser como um retângulo, no qual “o ordenamento sucessivo implica a anulação do tempo nos dois extremos” (p.20), ou seja: W e Bews. É interessante notar que, assim como W é desmemoriado, consciência e memória são mutuamente exclusivas. Com esse retângulo, como ela chama o esquema da carta 52, a autora opera uma semi-torção e associa o resultado à segunda tópica de Freud (Figura 9):

Figura 9

Articulação topológica apresentada por Marta Gerez-Ambertín



Fonte: Gerez-Ambertín, M., 2020, p.20.

Percepção e consciência ficam na parte superior; signos perceptivos, à esquerda (calota auditiva: *Horkappe*); pré-consciente na parte superior; inconsciente para baixo, confundido com o isso e o supereu. Ao que se acrescentam o eu acima e o recalcado. E o eu nada entre as bolinhas ordenadas em diacronia. Nem sempre o eu é um bom nadador, às vezes naufraga entre o isso e o supereu. A clínica dá testemunho desse naufrágio. (Gerez-Ambertín, 2020, pp. 21-22)

Pcpt. e Cs. estão unidos no desenho que Freud apresenta. É nessa ligação que a autora estabelece a associação com a banda de Moebius. Se a segunda tópica tenta trazer um desenho do aparelho psíquico, ela precisa levar em conta a continuidade do dentro e do fora – estamos, logo, diante da lógica da banda de Moebius. Isso quer dizer que a tópica freudiana não é um saco, não é esférica. Além disso, não tem um desenho completamente cerrado.

Passaremos agora aos objetos topológicos de Lacan de uma forma mais aprofundada possibilitada pelo que já elencamos ao longo da seção. Ter o cuidado de apresentar o caminho até os desenhos é de extrema importância. Lacan (1978-1979/2014), na sessão de 19 de dezembro de 1978, diz que a topologia é imaginária e que ela não se desenvolve a não ser com a imaginação. Logo após, ele fala que isso é diferente do simbólico, da *parole*. Não por acaso, houve cautela ao apresentar esse tema primeiro pelo domínio da palavra, da fala, dos invariantes que observamos através dos desvios topológicos, e de como esses desvios evocam

o processo primário do psiquismo – *plexus* e *nexus* em jogo. É importante analisar a topologia lacaniana quando ela trava nesses domínios do desenho; semelhante enrosco ocorre com a metapsicologia freudiana vinculada ao extremo com a epistemologia. No começo desse seminário há uma chave importante a respeito do tempo, na sessão de 21 de novembro de 1978, a qual diz respeito à correspondência entre topologia e prática, por ambas evocarem o tempo. A topologia resiste. Porém, suposição minha, essa resistência parece não ser apenas em relação ao tempo, mas também à prática. Na sessão de 20 de fevereiro de 1979, há uma frase que indica esse enrosco: “O que me incomoda no nó borromeano é uma questão matemática, e é matematicamente que penso em tratá-la.”<sup>39</sup> (Lacan, 1978-1979/2014, p. 20). Não estamos fazendo matemática!

Com essa ressalva, partamos aos desenhos. Nossa base será a apresentação de Juan-David Nasio (2011) a respeito dos pares paradoxais, trazidos da clínica, que são articulados para transmissão através desses desenhos. Esse é o ponto importante. Da clínica para a teorização através da topologia. Os pares paradoxais de Nasio (2011, p. 12) são: (1) Demanda e desejo através do toro; (2) sujeito dividido e o dizer articulados com a banda de Moebius; (3) um significante e os demais significantes, diferentes entre si, figurados pela garrafa de Klein; (4) o sujeito e o objeto, fantasia em jogo, tema muito caro aos escritos de Nasio, com a articulação do *cross-cap*. Lembremos do que foi dito a respeito do mergulho e da imersão. Operamos nas duas últimas figuras levando em conta que elas apresentam algo distinto das duas outras. Rigorosamente, elas são imaginadas através de mergulho por conta da autointerseção; mas para apresentar tridimensionalmente, opera-se por imersão (perde-se propriedade na representação espacial da coisa). Ora, mas perda sempre haverá nessas representações. Aqui, por exemplo, no texto, representamos em duas dimensões apenas, através do desenho. Talvez, por isso, Pierre Soury, um matemático que trabalhava com Lacan em seus últimos seminários, muito frisou a importância da matemática (domínio de estudo dele) não apresentar somente algebricamente, mas também através do desenho – e nisso haveria um ganho. Logo, estamos lidando aqui com desenhos.

Através do par 1 – demanda e desejo – há uma articulação da repetição das voltas da demanda. Quando essas, no mínimo, duas voltas se fecham, há o desejo. “O toro nos permite

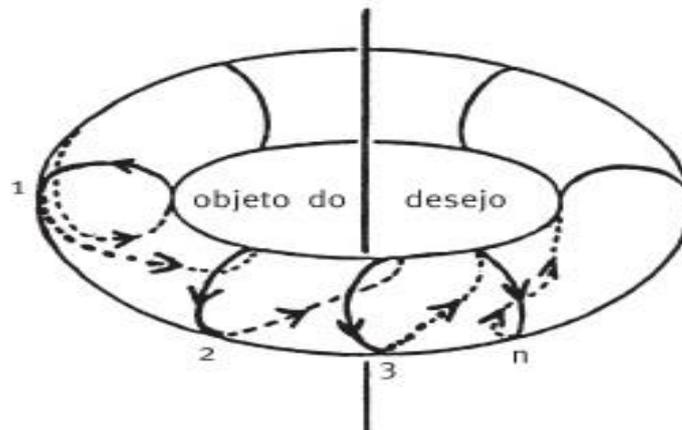
---

<sup>39</sup> “*Ce qui me tracasse dans le noeud borroméen, c'est une question mathématique, et c'est mathématiquement que j'entends la traiter.*” (Lacan 1978-1979/2014, p. 20).

pensar o traçado de duas voltas contínuas ('o oito interior') e o furo central que daí resulta, o lugar do objeto faltante do desejo” (Nasio, 2011, p. 13) (Figuras 10 e 11).

**Figura 10**

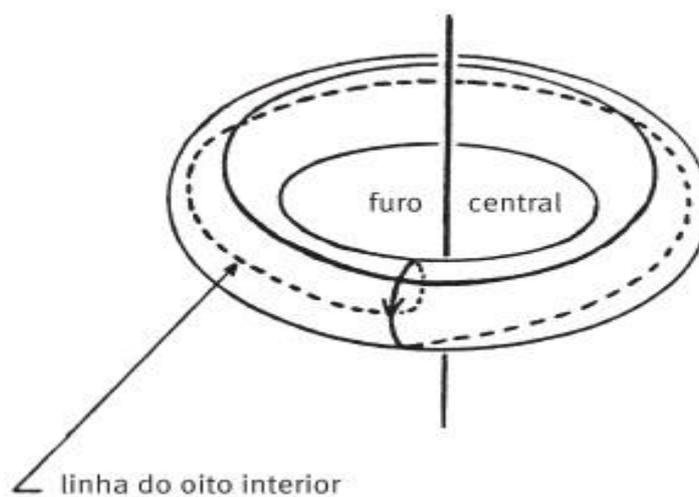
*Toro e voltas da demanda em torno do objeto a*



Fonte: Nasio, J.-D., 2011, p. 14.

**Figura 11**

*Toro e oito interior*



Fonte: Nasio, J.-D., 2011, p. 14.

Para pensarmos nesse oito interior, podemos ir através da banda de Moebius (Figuras 2 e 3). O percurso do corte através do qual ela perderá sua unilateralidade é o oito interior. Esse corte específico apresenta o sujeito, em gerúndio: ele vai apresentando e, nesse mesmo movimento, o fazendo sumir. Ele só é em participio no sentido de que já se partiu. Com isso pensamos o segundo par de Nasio (2011). O dizer opera esse movimento de corte na estrutura da banda. Esse corte não separa a banda, como um corte longitudinal numa banda simples com duas faces operaria, mas ele faz com que ela perca sua propriedade unilátera. Ela se torna bilátera. Depois do dizer, o sujeito escolhe um lado – recalque em jogo.

Para pensarmos essa diferença, podemos articular com MD Magno, em uma conferência registrada em vídeo de 1999. Podemos apresentar uma articulação de uma banda simples com um cilindro: através de dois cortes em torno do lado de um cilindro, podemos destacar uma banda bilátera. De qual estrutura e de que corte, contudo, viria a banda de Moebius? Bem, de um plano projetivo, ou melhor, de um *cross-cap* (Psicanálise Novamente, 1999/2020).

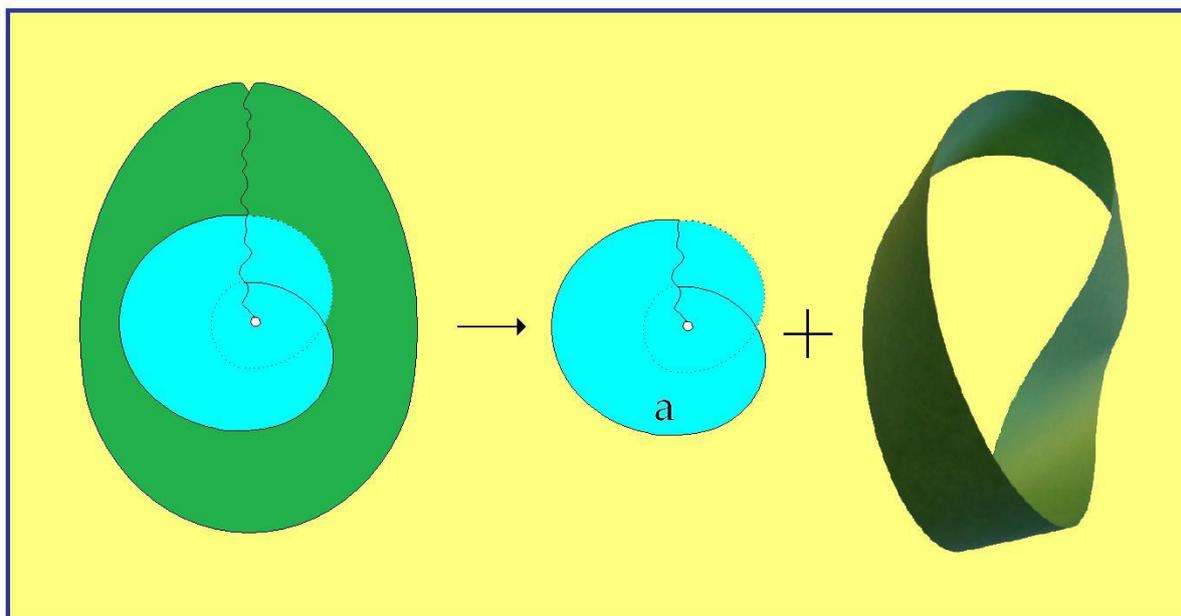
Do quarto par paradoxal, depois elucidaremos o terceiro, que Nasio (2011) apresenta da articulação do sujeito com a fantasia, a figura, após o corte do oito interior, revela que nela estavam dois elementos com propriedades distintas: um disco simples e uma banda de Moebius. Esse disco simples, bilátero, traz a questão da perda da propriedade do *cross-cap*: seu ponto de autointerseção, mergulho<sup>40</sup>. Esse corte interessa-nos bastante pelo fato de que, no que ele ocorre, alguma propriedade é perdida. Já no caso de quando ele é operado na banda de Moebius, a unilateralidade é perdida. Temos aí, nessa figura (Figura 12), os três elementos da fantasia: sujeito, objeto *a* e corte. O corte do oito interior é de extrema importância, não por acaso é ele – e não a banda de Moebius – que MD Magno passará a chamar de Revirão.

---

<sup>40</sup> No que se refere ao mergulho, Lacan (1972/2003) chama o *cross-cap* de asfera (plano projetivo, abstrato); já, na imersão, inflada (concreto, com perda para a mostração). Qual dos dois o psicanalista considerará? Os dois.

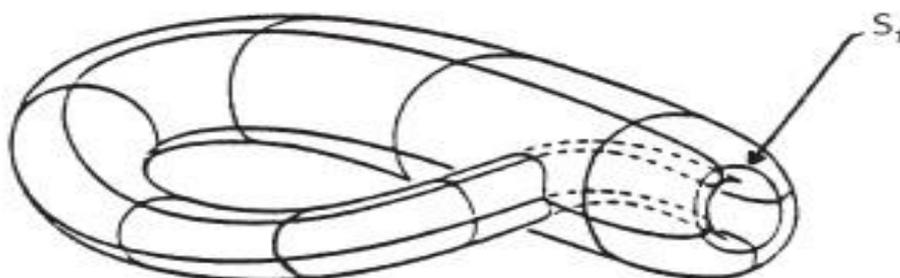
Figura 12

*Corte no Cross-cap resultando num disco e na banda de Moebius*



Fonte: Lacan, J. 1965-1966/2012, p. 92.

O par que falta mencionar é apresentado com a garrafa de Klein (Figura 13). Mais um mergulho necessário, para articulá-la matematicamente, e não uma imersão. Trata-se da relação de um significante com os demais da cadeia, a qual só consiste se um lhe ex-sistir como borda. O círculo de reviramento da garrafa é o gargalo, contorno de um furo. “Com efeito, topologicamente falando, esse círculo pode ser reconhecido ao longo de toda a superfície, como se o gargalo fosse reconhecível tanto na base, no colo, quanto em qualquer ponto do corpo da garrafa” (Nasio, 2011, p. 17). O  $S^1$ , logo, pode estar em qualquer lugar da superfície da garrafa. Quem sabe, na verdade, onde está o ponto de autointerseção? Além disso, há a propriedade de ser sempre um enxame, *essaim*. O que está na base disso são o um e os uns, muito “zum-zum-zum”, como se diz.

**Figura 13***Garrafa de Klein e o  $S_1$* 

Fonte: Nasio, J.-D., 2011, p. 18.

Segundo Marta Gerez-Ambertín (2020), “a garrafa de Klein é outro objeto que, assim como a banda de Moebius, constitui um espaço unilaterial, não orientável, no qual se encontram em continuidade o dentro e o fora” (p. 21). Assim como o *cross-cap*, a continuidade do dentro e do fora é apresentada através da possibilidade de autointerseção, diferentemente da banda que põe em continuidade dentro e fora pelo seu movimento de semi-torção sem cortar o espaço em dois lados. O que essas figuras têm em comum é a consideração desse espaço unilátero, naquilo que operam a continuidade dentro-fora. A autora apresenta uma aproximação entre a extimidade nessa garrafa com os mandatos do supereu e com a compulsão do isso da segunda tópica freudiana. O Isso inconsciente (Wz no esquema da carta 52) é contraposto ao inconsciente no viés do recalçado (Ub na carta). Nessa contraposição, Gerez Ambertín (2020) articula: há então um “inconsciente genuíno” (p. 22) e um “recalçado inconsciente” (p. 22), o primeiro diz respeito ao núcleo do isso, às pulsões, ao supereu inconsciente, ao núcleo inconsciente do ser e às resistências do eu e do supereu; e o segundo às modificações dos conteúdos com uma legalidade que se ancora no Édipo e às resistências do recalque e da transferência (Gerez-Ambertín, 2020). Papel importante tem a voz como objeto *a* nessa figura, representado por dois buracos (fundo e gargalo da garrafa, boca e ouvido do corpo), os quais, de forma interessante, Freud não deixa de considerar nos signos perceptivos através do boné acústico de sua segunda tópica para pensarmos o funcionamento do aparelho psíquico. Esses dois inconscientes em Freud, que na verdade são um só em articulação, Ub e Wz na carta, aproximam-se dos dois de Lacan: *l’inconscient* e *l’Une-bévue*.

Outros desenvolvimentos, ao longo da obra de Lacan, são feitos através dessas figuras, mas foi salutar pontuar o seu retorno a Freud através delas. Contudo, limitar-nos-emos a esses desenvolvimentos de desenho para nosso estudo desses objetos específicos. Para concluir este subtópico com uma questão de entrada para o próximo, retornemos à diferença que a psicanálise traz em relação à matemática. Papel importante nessa diferença é o sexo, o qual não pode ser esquecido por quem trabalha com psicanálise. Aqui, Magno Machado Dias (1982/2010) traz uma consideração original que será de grande auxílio para qualquer um que adentre as veredas topológicas da psicanálise. Começemos pela articulação do ponto orientado.

(...) se na superfície bilátera, euclidiana, os pontos se orientam a cada face, a topologia considera, e demonstra, que, sobre a contrabanda, qualquer ponto é não-orientável. Isto significa que se orientarmos um ponto com rotação, destrógira ou levógira, ele se deslocará por sobre toda a única face da superfície, retornando ao ponto de partida com a mesma rotação; entretanto, se anotarmos esse ponto de partida, veremos que, depois de percorrer metade de toda a face, o ponto encontrará o avesso da primeira posição, e com rotação justamente inversa à da sua orientação original. E assim, o matemático não podendo aceitar que um mesmo ponto possa estar girando, ao mesmo tempo, para um lado e para o oposto, o que o deixaria paralisado como um obsessivo em sua concomitante oposição a si mesmo, então ele o considera – e assim o define – como um ponto não-orientável. Onde ficou estabelecido que um ponto sobre uma superfície unilátera, no caso a banda de Moebius, é não-orientável. (Dias, 1982/2010, pp. 260-261)

Magno Machado Dias (1982/2010) se pergunta, sobre o encontro da primeira localização com a segunda, no avesso do ponto de partida, como isso define mesmo um único ponto? Apenas pela transparência da faixa, o matemático demonstra isso como sendo não-orientável, e por conta da coincidência dos dois pontos numa mesma face (ela não é bilátera), fica-se paralisado. Mesmo que a banda, ou contrabanda, como Magno a chama, tenha lá seu quê de orientação, ela é dita não-orientável pelos matemáticos. MD Magno então traz uma contribuição original:

Minha proposta é muito outra. Digo minha porque, até agora, desconheço semelhante.

Contrariando a definição topológica desse ponto-não-orientável, venho requerer outra tomada – na consideração do mesmo movimento de um ponto, em seu percurso, desde o local da partida até o seu encontro com o avesso dessa partida anotada.

Minha hipótese é a de que a banda de Moebius é, sim, superfície unilátera, de única face, de única margem, de única borda – mas que, no que ela é a topologia do corte real, os pontos que a tocam não são não-orientáveis, mas, sim, bi-orientados, não que eles tenham dupla orientação simultânea, o que parece impensável, mas que eles se podem – e assim o fazem – orientar, alternadamente, com rotações opostas, sendo que, tomada uma das orientações, a outra responde à primeira, como fundo, ou como eco, ou horizonte de sua revirada. O que é dizer que, na verdade, os pontos de uma contrabanda não são precisamente bi-orientados, mas anfi-orientados, isto é, podendo passar, como de fato passam, de um para outro lado (não lados da uniface pois que ela é a mesma, mas) dos dois cortados, ali oposta ou pelo menos diferentemente orientados quando age a sexão que sexiona, que fende o ponto único originário, o qual, agora, se torna dois, secados ou sexuados. (Dias, 1982/2010, pp. 261-262)

Esse ponto, logo, não sendo único, por conta do corte da sexão, é aquilo que MD Magno articulará com o termo ponto-bífido. Essa consideração da anfi-orientação é de extrema relevância, naquilo que a mesma evoca do ponto único originário, o qual é sexuado. Permitam-me uma brincadeira: no que concerne ao dizer, o que há é diz-orientação sexual.

É o que quero aqui e agora batizar com o nome de Ponto-Bífido, o ponto anfi-sexuado. Pois se a contrabanda tem uma só face, uma só margem, uma só borda, os pontos que a tocam, que aproximam o real do seu corte, eles provam que a contrabanda tem dois sexos: nome que aliás proponho para a instância dupla deste ponto-bífido que introduzo agora. Se a matemática pensou, da superfície, a face, a margem e a borda, não pensou no seu sexo – que agora trago, como categoria nova, para a topologia. Uma superfície bi-látera, além de ser bi-facial, bi-marginada e bi-bordada, ainda é bi-sexuada. Assim como uma superfície unilátera, além de ser uni-facial, uni-marginada e unibordada, é também anfi-sexuada.

São esses dois sexos, do ponto-bífido, da contrabanda, que, definidamente, se separam, quer dizer, perdem sua equivocidade, sua transiência, seu trânsito, sua anfibologia, quando a superfície unilátera, re-operada pelo corte, se transforma em bilátera. Daí esse aparecimento, no campo do vivo como na geometria euclidiana, isto é, no regime do imaginário, dos sexos opostos, definitivamente separados, se não enclausurados. (Dias, 1982/2010, p. 262)

Ora, a matemática não pensou seu sexo porque isso não será questão dela, é questão analítica. Esse é o diferencial de nossa área de estudo – sustentemos. A sexuação do falante não é euclidiana, é, na verdade, a do ponto anfi-sexuado, fendido, sem concomitância, não havendo proporção sexual; relação sexual inexistente.

Mas a sexuação, para o falante, o falesser com sua fenda, não é a dos pontos euclidianos, mas a do ponto-bífido que, por ser fendido e jamais poder aspirar por qualquer concomitância, é muito mais de revelar o real que vai no impossível da relação sexual, isto é, relação entre os dois sexos do mesmo ponto; entretanto, por meio de um lapso, facilmente mantendo entre eles um percurso transitável. O eco sincrônico da sexuação não é simultaneidade. Quando se está num sexo atual, se tem como “ressoador” o outro-sexo como potencial – mas o deslizamento deste para aquele, e vice-versa, comuta os lugares de ato e de potência, talmente como acontece com a suposta polissemia, da linguística, quando, por exemplo, a palavra “manga” atualiza ou potencializa, volta sobre volta, suas possíveis e cambiáveis significações. É o alelismo do sexo – e não, paralelismo – como é alelo o significante. E donde a existência de Tirésias (seja na fala ou na cama). É afinal, aquilo que Freud pôde encontrar no duplo sentido – se não mesmo oposto – das palavras primitivas: a demonstrar a estrutura do inconsciente que, sob a mestria de Freud, foi Lacan quem nos trouxe.

O termo bífido vem do latim *bifidu*, adjetivo mais usado na linguagem dita poética, significando bifendido, bipartido, como língua de cobra, como pata de caprino e de outros bichos, como o pé-fendido do diabo, como a fenda insuturável desse diabólico que aqui já coloquei, da vez antiga, como essência do Simbólico.

Lacan afirma, insistentemente, que Há Um, o que também repito. Mas esse um é fendido, bi-fendido, é ponto-bífido: Umbivisto. Somos todos fendidos – e é por isso que supomos, na derrelição em que vivemos lá no fundo, quase sempre estar fodidos.

A ideia de um-íntegro não é mais do que exorcismo. Exorcizar o bífido é tentativa de abolir a inapagável fenda – com o que se produzem os engodos da certeza, da opressão, da tirania, o amor do patrão e a moral do marido. (Dias, 1982/2010, p. 263)

O próprio significante traz para consideração essa lógica alélica. Do grego, *ἄλλος*, outro – é sempre outro, não há paralelo, mas por alelo. Sobre o diabólico, também é articulação advinda não do latim *diabolus*, mas do grego, “através do lance” (Dias, 1982/2010, p. 44). Nesse diabólico, há o hiperbólico – lance excessivo, hiper-lance, puramente funcionamento do

processo primário –, e o simbólico, lance que joga junto, junto do que está lá. Apesar de Magno fazer essa distinção, ele apresenta que tudo isso é, na verdade, o simbólico; trata-se apenas de dois momentos do mesmo simbólico. É importante, essa consideração, porque aqui Magno recupera o processo primário de Freud nessas articulações de Lacan sobre o simbólico. Sobre o pensamento de Freud, Magno Machado Dias (1982/2010) explicita:

É simplesmente que, no primeiro período, ele está mostrando a maquininha: condensação/deslocamento. No segundo, há o ancoramento dessa maquininha sobre alguma coisa que são vivências de satisfação constitutivas do desejo. Quer dizer, a coisa, digamos está conteudizada, está localizada pelo menos. Como se ao definir o que é o processo primário ele mostrasse: é uma maquininha feita de nexos e plexos que, no que localiza, no que é ocupada por determinados elementos em certa formação, indica esses pontos distintivos de cada sujeito na sua história, em torno da vivência de satisfação. (p. 44)

Essas vivências de satisfação recuperam a questão da alucinação primitiva e o seu ancoramento nas ocupações, *Besetzungen* – também traduzido como investimentos –, e nos trilhamentos, *Bahnungen*, que se fixarão nessa maquininha. Nesse ponto, podemos claramente observar o papel da economia no desenvolvimento do desenho da tópica do aparelho psíquico. Hiperbólico é em gerúndio, o simbólico seria já localizado e os dois juntos é o diabólico – a essência do simbólico. Com isso, saímos da dimensão puramente imaginária dos desenhos e estamos diante desse pé-fendido do diabo.

### 3.4 A topologia e o sexo

Não há topologia na psicanálise sem seu referimento ao sexo. Esse quarto ponto em torno do qual o pensamento topológico na psicanálise orbita não pode ser esquecido. Começamos por quem recuperou essa dimensão esquecida no desenho através da articulação do ponto-bífido.

Vocês sabem que *sexus* é o interesse fundamental da psicanálise. A palavra está dizendo: sexo, *sexus*, em latim, significa partição, pura e simplesmente. O que Freud vai descobrir é que se trata de articular o que é partido. É uma vasta fragmentação e sexo não quer dizer outra coisa senão essa fragmentação que nos apresenta a diferença a cada momento. Isto diferente daquilo, a cada instante, e no regime do inconsciente,

no regime da ordem significativa, não se tem senão secção, seccionamento, pura sexão. (Dias, 1982/2010, pp. 33-34)

Fragmentação e diferença em jogo. O sexo é a barra, entre significativo e significado. Já pensamos a contrabanda com seu ponto-bífido, anfi-sexual, o qual expõe a bi-orientação da banda. O que esse corte faz com a contrabanda: re-memora e co-memora o obsessivo um em repetição que há nessas estruturas topológicas. Ora, a banda de Moebius é “uma superfície de uma face, com uma margem e uma só borda. É uma repetição obsessiva do número um.” (Dias, 1979/2009, p. 58). Enquanto a banda simples é bilátera, tem duas margens, duas bordas em cada margem e é orientável; a de Moebius é unilátera, com uma margem, uma borda nessa margem única e é anfi-orientada. Há apenas uma sexão, e são dois sexos dos falantes, os quais não conhecemos como são.

O discurso se vira para suturar. E uma das formas de ele suturar a diferença, o corte, não é nem dizer que existe o andrógino, nem dizer que não existe outro sexo. É dizer que conhece como são os sexos – é a pior sutura que existe. É o que está na psicologia e fisiologia norte-americanas, por exemplo.

Quando digo que na sexão temos, de um lado, um sexo e, do outro, o Outro, sexo, não estou dizendo com isto que conheço como são os sexos. Quero dizer apenas que há diferença. (Dias, 1979/2009, p. 64)

A diferença, ela há. O significativo, no que ele é sempre-outro, expõe essa lógica do alelo; e o analista seria o alelonauta.

Daí que o psicanalista, melhor chamando, é O Alelonauta – que usa o machado bigúmeo de Xangô (o deus do Trovão) para escandir, nesse estrondoso silêncio, toda tentativa de “feliz” copulação.

O ato do analista, o golpe de machado simbólico do azougue (tão eficaz quanto o machado real do açougue), não corta a nossa carne real, mas repete para nós o real da nossa carne, por esse recorte simbólico que nos relembra nosso ser de quiasma, aonde mora o real. E esse machado tem dois gumes porque, ao brandi-lo, o corte se efetiva sobre a miragem do analisando, porém, ao mesmo tempo, sobre a do analista também. Encontro, portanto, e co-memoração.

O analista é, assim, um excelente babaca – se tomarmos este termo na acepção que tinha na língua de origem, no tupi aonde ele conota o que se vira para um lado e

para o outro. Tal qual o significante – que Lacan disse, na língua dele, ser *bête*, pois que, enquanto tal, é sem sentido e sem significação. Então, o analista, por ser babaca e por ser pato (*dupe*) do real, é aquele melhor indicado para atestar tanto da hiperbabaquice do analisando (ao não querer sarta do seu sentido), quanto de sua eventual e aspirada sacação. (Dias, 1982/2010, pp. 276-277)

A feliz copulação da proporção sexual não há. A própria lógica significante traz essa impossibilidade de existência, por ele ser diferente dele mesmo. Se com a topologia se localiza para estudo, assim como se faz com a letra, é preciso lembrar que na nossa espécie desnaturada, louca, a localização se dá através do recalque – é ele que barra para não pirar, para não piorar.

Aprofundemos com Freud no que concerne a essa diferença entre os sexos naquilo que ele traz a respeito do falo e das negações. Posteriormente traremos as consequências dessa articulação em Lacan.

Já vimos a dissimetria na lógica: sim-cidade e denegação – as duas são, de fato, afirmações, na gênese do pensamento. Agora apresentemos mais uma dissimetria para a articulação do pensamento topológico na psicanálise: um só símbolo para dois sexos. Qual o símbolo único para essas duas partições? O falo.

O símbolo fálico é o único símbolo para toda a sexualidade humana, para homens e mulheres. (...) O que faz remeter toda a questão da sexualidade humana, não aos problemas de anatomia, mas a uma questão de cabeça, de lógica. (...) Quando se trata da sexualidade humana, quando se fala sobre a sexualidade humana em psicanálise, o masculino e o feminino são diferentes de coisas relacionadas com órgãos anatômicos. (Corrêa, 2009, p. 49)

Logo, a sexualidade humana não é puramente questão anatômica. Se fosse somente algo anatômico, não teria motivo algum para a sexualidade ser tão importante para a psicanálise. A sexualidade humana apresentará desvios – a topologia está em cena. Um outro elemento importante para o pensamento topológico na obra freudiana é a castração.

A grande descoberta de Freud foi introduzir um tipo de negação na lógica, que é a chamada negação de castração, isto é, que é uma negação de algo que não falta, mas que é uma falta no ser, no desejo. Porque o homem tem o seu corpo integral, seus órgãos integrais e a mulher também, como órgãos de homem, órgãos de mulher. Então não é

uma falta no real do corpo, não é uma falta anatômica, mas é uma falta no próprio ser. É por aí que Freud trouxe a questão da castração, e que introduziu esse único símbolo da sexualidade humana para os dois sexos. Por conseguinte esses dois subconjuntos que a gente faz de homens e mulheres são dois subconjuntos dissimétricos. (Corrêa, 2009, pp. 49-50)

Assim como o aparelho psíquico não diz respeito à anatomia, nem há localização em partes do corpo dos elementos da tópica freudiana, a castração também não ocorre dessa forma. A castração não é uma falta anatômica, ela é uma falta no ser. Ressalva: não é que a anatomia não tenha consequências para o psiquismo, mas, no começo, tudo tem falo (na espécie, tudo é menino), mais ainda, há suposição de falo até em objeto inanimado. Notemos bem que a castração se articula à negação. Ora, é a negação que marcará a diferença sexual. O que introduzirá essa negação e essa diferença? A linguagem. Através da retórica, há afirmação primordial e denegação. O ser humano é um ser des-naturado por ser atravessado pela linguagem. Nesse ponto, há uma distinção interessante de Magno Machado Dias (1979/2009) entre o animal e o falante: o primeiro tem cio, o segundo é cio, isto é, não tem hora – é o tempo todo. Pulsão força constante.

Ivan Corrêa (2009) elucida muito bem a questão do falo na psicanálise. Ele diz que o mesmo, na realidade, é um nada, é uma ausência. O ponto de autointerseção do *cross-cap*, figura que vimos no subtópico anterior (Figura 12), aquele ponto representa o falo, o qual é uma não-existência e organiza a ordem simbólica. Como mera ausência, equivale ao recalque primordial, que é um postulado para desenvolvimento metapsicológico. Se há recalque, podemos supor um primeiro, e esse primeiro recalcou o nada, o falo. Daí as coisas podem começar. Esse vazio fará funcionar a ordem simbólica, na qual há uma impossibilidade de dois fazerem um, há uma alteridade irreduzível, por conta desse buraco, desse vazio, entre o eu e o outro – sem se esquecer de que o eu pode ser outro. Segundo Ivan Corrêa (2009), “para Lacan, o falo é o significante que não tem significado” (p. 64). Como não há proporção sexual, o falo aparece aí como suplência – cada lado se refere de modo diverso a ele, ele é corte que faz segmentos de reta (um lado fechado, e outro aberto). Podemos também pensar que a lógica que o falo implica apresenta a problemática do zero – considera-se ou não o zero na série? O problema é que começamos a contar a partir do um. O zero vem só-depois. Nisso podemos concluir que não há apenas um zero, há dois: o zero nada e o zero inscrito. “Não é nada não”, um analisante pode dizer, esse nada é de extrema importância. No que diz respeito ao falo, ele foi contado, ele está na cadeia, trata-se do zero recalçado, articulação do recalque primordial,

a *Urverdrängung*. Da mesma forma que o um também pode ser contado, isto é, não há apenas o um indivisível, o um total – disso podemos concluir: o um não é apenas um, há, na verdade, dois. Essa questão não é primordial por acaso; é porque, para se entrar na ordem da linguagem, essa difícil operação está na base. É importante não se esquecer de que o falo comparece no corpo.

O Falo é um órgão simbólico, é um significante, é portanto do campo do Simbólico, mas comparece como um órgão do simbólico no próprio corpo, e Lacan diz de algum modo que o Falo não é o pênis, que o Falo é o osso do pênis.

Vejam bem, pênis não tem osso sempre... É interessante que a gente o chame de membro, que é uma coisa que tem que ser articulada, portanto tem que ter ossatura, quer dizer, o pênis só é mesmo um membro quando é fálico, ele só pode se articular se tiver estrutura óssea. E que estrutura óssea é essa? Qual é o osso do pênis, que Lacan chama de Falo? É exatamente o significante que vem dar esqueleto, ou seja, vem dar postura, em função do desejo, e sobre marcas significantes, ao funcionamento de um órgão de que ele é parasita, em última instância, ou que o parasita. Enquanto órgão simbólico, o Falo é esse esqueleto que comparece no pênis.

Aliás, é uma coisa que está bem dita no mito bíblico. Todo mundo sabe que Eva foi produzida a partir da retirada de um osso de Adão. Lá, dizem que é a costela. Não tinham inventado, talvez, o Falo, no mundo judaico, na tradição judaica; quer dizer, Eva foi feita a partir de um osso de Adão, ou seja, a costela de Adão é certamente esse Falo. Se fosse costela, esses chamados homens deviam ter uma costela a menos que as mulheres. Ora, a costela de Adão, quando se retira, propõe Eva como objeto *a* certamente, quer dizer, é objeto *a* tudo aquilo que faz comparecer a costela de Adão, ou seja, o osso do pênis. (Dias, 1980/2008, p. 151)

No que concerne à diferença sexual, em sua nova conferência introdutória sobre a feminilidade, Freud (1933/1940a) diz que a diferença em dois sexos é o que distingue a vida orgânica da inanimada. No entanto, a psicanálise não está em posição de descrever o que é a mulher, mas sim de investigar como ela se torna, a partir da criança inatamente bissexual, mulher. Há duas tarefas na sexualidade feminina que não encontram contrapartida no menino: a troca de zona erógena e a troca de objeto. A troca diz respeito à descoberta da vagina posterior à fase fálica (onde era tudo igual); e o pai se torna objeto amoroso para a menina. De invariantes nos dois sexos: no período fálico, ocorre o desejo de dar um filho para a mãe, de fazer um filho

na mãe; na fantasia pré-edípica, a sedutora invariavelmente é a mãe; há a operação lógica do complexo de Édipo e do complexo de castração para os dois, no entanto, no que diz respeito à temporalidade lógica desses elementos, a sequência é, bem dizer, uma o contrário da outra. No menino, o complexo de Édipo se desenvolve partindo da fase fálica, a ameaça de castração o obriga a deixar essa atitude, e um severo supereu pode ser pensado como herdeiro da destruição do complexo de Édipo. Na menina, o complexo de castração prepara o complexo de Édipo em vez de destruí-lo, há uma ausência da angústia de castração, logo, falta o motivo que impeliu o menino a superar o complexo de Édipo, e o supereu se apresenta de forma distinta. Um invariante interessante no complexo de castração é a visão do outro genital. Em outros termos, esses complexos em suas temporalidades lógicas trocadas, evidenciam um problema de grande importância: a dificuldade do psiquismo em lidar com a diferença.

No começo, tudo é um só sexo. O que irá introduzir a diferença é a negação. Lacan sustentar os termos homem e mulher para as fórmulas quânticas da sexuação é interessante por lembrar essa questão da implicação no psiquismo de como a anatomia é falada – tudo é menino inicialmente. O sexo é trazido pela fala. Nessa partição (sexual) não há razão.

Devo observar que neste contexto, sexo é aquilo a que não temos acesso, que está além do nosso corpo, um sexo não sabido, não conhecido, inapreensível, que não somos capazes de conhecer, porque falamos. O sexo, como inatingível, é idêntico ao gozo. Portanto, o sexo é diferente de genital, de pré-genital, de pulsional.

Primeiro se encontra uma dificuldade na questão da tradução. A gente encontra uma dificuldade nessa questão da relação. Porque, de fato, Lacan não disse “*il n'y a pas de relation sexuelle*” ele disse “*il n'y a pas de rapport sexuel*”. (Corrêa, 1997, p. 73)

É a nível significante que Lacan traz essa falta de proporção entre os sexos. A questão é relativizada no que diz respeito ao corporal – da mesma forma como se diz em linguagem popular: “não é pai quem é o progenitor mas sim quem cria”, isto é, quem exerce a função, e a mesma coisa no que diz respeito à mãe, um progenitor que reclama da criação de outra pessoa de seu filho, “o culpado por esse menino estar assim é de fulano (quem cuida, de fato, do menino)” – se “o culpado é sempre o pai”, como dizem, já sabemos quem está, de fato, ocupando a função. Relativizando o anatômico, pode-se privilegiar a ordem da linguagem, que é a que importa para nosso trabalho. Daí podemos partir ao desenvolvimento de Lacan, de suas fórmulas quânticas da sexuação.

Ao escrever as fórmulas da sexuação, mostra logicamente que se o falo é a medida comum a todos os falantes, homens e mulheres estão, irremediavelmente, fazendo com que a relação sexual não possa se escrever.

Esta lógica, que é a que se deduz do inconsciente, torna sem efeito o sonho de complementariedade entre os sexos. (Corrêa, 1997, p. 75)

Ivan Corrêa (1997) começa apresentando as fórmulas sem a introdução da diferença (Figura 14), apresentando a diferença só depois (Figura 15). Permitam-me a brincadeira: as fórmulas quânticas sem sexuação.

**Figura 14**

*As fórmulas quânticas sem sexuação*

$$\begin{array}{ll} \exists x \varphi x & \exists x \varphi x \\ \forall x \varphi x & \forall x \varphi x \end{array}$$

Fonte: Corrêa, I. 1997, p. 75.

Ele diz: aqui é o lado supostamente homem, esse aqui é o lado supostamente mulher, o feminino. Vocês estão vendo alguma diferença de um lado para o outro? Há ou não alguma diferença entre homem e mulher? Nenhuma, não é? Por quê? Porque o que faz diferença é a negação. Eu não coloquei as negações aí. As fórmulas verdadeiras são as seguintes: (Corrêa, 1997, p. 75)

**Figura 15**

*As fórmulas quânticas com sexuação*

$$\begin{array}{ll} \exists x \overline{\varphi x} & \overline{\exists x \varphi x} \\ \forall x \varphi x & \overline{\forall x \varphi x} \end{array}$$

Fonte: Corrêa, I. 1997, p. 75.

A criança parmenidiana, plotiniana, só concebe o um da universalidade fálica. Depois ela se torna mais platônica, isto é, contra o um total de Parmênides, de Plotino – aí há a possibilidade de nomeação, por não haver só o um. É nesse ponto que há a alteridade, a qual é introduzida através da negação (esses traços em cima de alguns quantificadores). Logo, essa questão da diferença é lógica.

O biológico vai ser, como eu dizia antes, relativizado. Tem importância? Claro que tem. É uma realidade, mas, em termos de linguagem, isso aí vai ser relativizado. Ficou claro isso aí? Lacan tenta colocar em termos de símbolos essa realidade. Quer dizer, a sexualidade humana é determinada mais pela linguagem, pelo pensamento, como dizia o pequeno Hans, do que pelas fatalidades biológicas. Fatalidades biológicas porque há muitos<sup>41</sup> que não se conformam com essa fatalidade biológica. (Corrêa, 1997, p. 77)

Através de alguns elementos da álgebra quântica de David Hilbert<sup>42</sup> (1862-1943), segundo Ivan Corrêa (1997), Lacan opera. Podemos ler aquelas fórmulas da seguinte forma, de cima para baixo, da esquerda (posição discursiva homem) para a direita (posição discursiva mulher): existe pelo menos um que não seja castrado, que escape à lei fálica; todos são castrados; não há um que escape à ordem fálica, isto é, todos são castrados; não todo é castrado. Aqui percebemos uma dissimetria.

A gente diz na nossa linguagem comum que a exceção confirma a regra, não é? Mas, em lógica, a exceção aqui da universal é ela que faz a universal consistir, é, pelo fato de haver exceção, que a universal consiste. Essa exceção aqui é que vem fazer com que haja possibilidade de afirmar a universal; e isso já estava em Aristóteles. Aristóteles usava a expressão dizendo que todo homem é ignorante menos um – que é Sócrates. Quer dizer, essa universal de Aristóteles “todo homem é ignorante” era confirmada pela exceção que era Sócrates. Todo homem é ignorante, menos um – existe Sócrates. É isso que Lacan tenta colocar. Todo ser humano está sujeito à ordem fálica, mas há na cabeça das pessoas – é nesses termos aí que a gente pode ver – há, na cabeça das pessoas, essa ideia de que poderiam escapar da castração, quer dizer, podiam escapar da ordem fálica, podiam não ser castrados. Que é o impossível, é uma impossibilidade, porque a

---

<sup>41</sup> Não seriam todos na verdade? Se não há proporção, conformidade é o que não há.

<sup>42</sup> Na sua lápide: „*Wir müssen wissen. Wir werden wissen.*“. Em tradução: “Temos que saber. Nós saberemos.”. Maravilhoso exemplo do desejo de saber na pesquisa.

castração é uma falta no ser, não é no corpo. Todo mundo vai se sentir diminuído, vai sentir que está faltando alguma coisa. É nesse sentido que a gente começa a ver isso que Lacan disse que não há “*rapport*” sexual, não há proporção, não há razão. Essa proporção entre homem e mulher, essas categorias que nós colocamos na cabeça de que somos dois conjuntos complementares, homens de um lado, mulheres do outro e que isso aí formaria o grande conjunto da humanidade, essa proporção não existe. Não são os dois conjuntos inteiramente conexos o que faria com que houvesse uma totalidade. São dois conjuntos inteiramente desconexos que fazem com que exista uma dissimetria. Se vocês quiserem, pode-se fazer uma representação gráfica disso que é a seguinte: você imagina que tem aqui um conjunto... Essa letra  $\varphi$  é uma letra grega que Lacan utiliza para simbolizar o falo. Todo  $x$  é  $\varphi$  de  $x$ . Isso aqui é o quantificador universal. Quer dizer que todo ser humano está sujeito à castração, está dentro da ordem fálica. Essa proposição aqui significa a castração. E aqui, então, colocando esse traço aqui em cima, eu nego a proposição. (Corrêa, 1977, pp. 79-80)

Não há metade da laranja<sup>43</sup>. Não há uma totalidade. Não existir um que não seja “ $\varphi$ ”, como se diz em linguagem popular, de  $x$ , também implica que os outros gozos em suas suposições precisam, para pintarem no curso do discurso, comparecer na ordem fálica.

Essa questão da sexualidade entrará em consideração na própria teorização psicanalítica. Há uma verdadeira privação da teoria, uma verdade que leva em conta a castração, para além das frustrações singulares dos pesquisadores. Lacan (1962-1963/2014, p. 211), na sessão de 30 de janeiro de 1963, do seminário “A Angústia”, fala de ponto falta-de-significante, “*manque de signifiant*”, e de privação da teoria e da clínica. As duas são não-todas. Falando dessa privação, Lacan está preparando o terreno para, a partir do objeto pequeno  $a$ , tecer suas considerações a respeito do delírio epistemológico: o recorte de objeto que exigem da psicanálise, mas que a própria demandante epistemologia não conseguiu. Percebe-se que essa coisa tende a virar dogma. Não é um caminho ortodoxo, o da psicanálise. Aproximando-se de seu fundamento científico, nota-se um caminho de paradoxo. Isso é o oposto de afastar-se das ciências. Diferente da estrutura do conhecimento que Lacan chamou de paranoico (a estrutura do eu também é paranoica), as ciências (lembrando que A Ciência não existe) exibem, em um sempre-devir, uma estrutura diferente. Sem mencionar a deturpação atual através do

---

<sup>43</sup> Lembro de uma figuração de toro neurótico, um no furo do outro, que fazem em imagens de anel de casamento (onde representam um intricado no outro). Precisar-se-ia de muito anel para dar conta do vazio: “anel-rótico” e companhia; um cantor mesmo cheio de metades de laranja jamais conseguirá construir uma inteira.

discurso do capitalista com seu acesso indiscriminado à posição da verdade, o discurso científico, muito próximo da histeria, não cansa de exhibir uma falta também irreduzível. O difícil da psicanálise para com as demais ciências é a mesma levar radicalmente em conta a alteridade, uma saída da posição do pesquisador-colonizador. Ora, se ele coloniza, ele não tem mais nem *Wissentrieb*, tesão de saber, para jogo – apenas narcisismo. Mais além da postergação, da protelação, obsessiva dos exemplos feito coisa, a última palavra da teoria não será mesmo colocada, nem por neurose (infinito do plano projetivo), nem por psicose (em seu infinito assintótico). Quando se acha que a colocou (por perversão), a coisa mostra “aoutra” face (histericamente<sup>44</sup>, ela dá uma rasteira).

A privação, furo real, está tanto na teorização quanto na clínica, a qual exhibe uma soberania claudicante: *work in progress, mutatis mutandis, ad hoc*. Aberta à claudicação singular de cada um. O *truc*, a transa, ela analítica não é matemática, nem musical, ela precisa ser analítica mesmo, sem proporção, e por isso mesmo se transa. Nesse ponto, *riverrun*, retornamos ao início da seção: a topologia não é uma mundividência.

---

<sup>44</sup> O querer do pesquisador precisa considerar a dimensão tropológica naquilo que é como “comer Caetano”, que Calcanhotto canta e celebra, na heterofágica “velô” de seu “o”, singular, “quereres”, plural – nisso que a coisa vai mostrando “aoutramesma” face, revirante. Quem minimamente caminhou com Adolfo Caminha (1867 – 1897), padeiro que alimenta, nota: é bom e mau e, *encore*, “crioutro” – brincando com o nome do livro, *crie* outro, grita “outro”, quero indicar aqui o terceiro não mais excluído, naquilo que operar pela lógica do terceiro excluído indica mesmo uma destruição da ordem significante.

#### 4. O SABER DO CLÍNICO NA TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE

A presente seção é consequência direta das posteriores<sup>45</sup>. Muitas discussões, logo, que aqui aparecerão, têm sua base teórica nas precedentes. A discussão crucial, neste momento, é a transmissão do saber do clínico através da metapsicologia e da topologia. Notar-se-á que tanto Freud como Lacan operam numa racionalidade que indica o diferencial do referencial analítico. Não passaremos detalhadamente por cada desenvolvimento de Freud e de Lacan – tal tarefa seria extenuante para o prazo da dissertação, e, além disso, correríamos o risco de perder o foco da presente pesquisa. Passaremos pelos pontos que indicam uma orientação singular cada vez mais afastada do solo de partida dos dois, o que indica uma pontuação importante: se o universitário entendesse que Freud se prende a uma posição epistemológica conservadora, precisaria também defender que Lacan se fixa a um ideal de ensino e de transmissão levando em conta a matemática bourbakista de sua época. O clínico logo percebe o furo dessa ideia, no que seu exercício não permite uma fixação (escrita com “x” mesmo) sem reflexão – no relato do relato (o primeiro se refere à pós-escritura, e o segundo, que ocorreu anteriormente, concerne à fala do analisante), na pontuação desse saber para transmissão, há perdas. Talvez o leitor pergunte: de onde viria o saber do clínico? Respondamos de antemão: o saber do clínico advém do sintoma.

Retornemos a uma consideração do subtópico 3.1: o erro preciso. Através da leitura de Ivan Corrêa (2001), de que o homem é um ser des-naturado porque fala, é importante trazer à tona seu referencial, que fornece a base a esse erro preciso, isso que lemos como homem. Trata-se da sexualidade, a qual é atravessada pela fala. Precisamos, inicialmente, notar que esse tema é mediado pelo *tropos*. Tal desvio tropológico é sexual – estamos preocupados no não esquecimento da sexualidade no sintoma. Essa talvez seja a diferença crucial na estruturação do *logos*, através do sintoma – e o que será defendido na presente seção é esse caminho da psicanálise do *pathos* ao *logos* –, que a psicanálise lidará mediante auxílio do artifício metapsicológico e da topologia, a qual não é desmemoriada dos feitiços dessa feiticeira, na arte de esboço em *Nachträglichkeit*, em *après-coup*, no só-depois. Se a topologia traz à tona uma teorização, é necessário defender que, assim como a metapsicologia, ela é não-toda, em outros termos, ela não é mundividente. Se há um esquecimento da feiticeira, logo veremos pessoas

---

<sup>45</sup> Lapso. Era para ter sido escrito: anteriores. Deixei o registro porque há indicação de fracasso do pesquisador com relação ao que se poderia ainda articular com maiores detalhes sobre o tema.

presas aos desenhos sem possibilidade de desenhar com sua própria grafia – indicação de estilo. A relação do analista à teoria não é superegóica. Aqui nos reaproximamos daquilo que Didier-Weill (2006) apontou como transferência com o impossível, e de uma transferência topológica atravessada por um infinito não-saber. Naquilo que o real só reaparece no discurso da análise, se articularmos com o aturdido de Lacan (1972/2003, p. 479), a necessidade da topologia e da metapsicologia – ele não menciona esta última, mas podemos pensar através dela também – é, logo, apresentada. A esse sem sentido que escapa, Freud não tapou os ouvidos – não seria mesmo aquilo que Freud articulou como além do princípio de prazer? Essa virada teórica de limite clínico tem seus impactos no limite teórico. Se o analista tomar estritamente a via do supereu ao estudo da teoria, ele perceberá tais limites? Qual uso ele fará da psicanálise? O que ele colocará de si nessa investigação?

Sobre o supereu, precisamos também mencionar a posição da psicanálise diante das demais ciências, quando a tomamos por esse prisma científico que nela há. A satisfação do desejo de completar o quadro mutável, da arte metapsicológica, é frustrada. Há uma privação teórica em jogo. Nisso, o metapsicólogo, chamemos pelo nome o artífice que articula essa teorização na psicanálise, precisa lembrar a um tipo de cientista – chamado assim, mas não necessariamente um exímio articulador do *logos* científico – que desconsidera o inconsciente, precisa advertir que as teorizações apresentam uma característica *mutatis mutandis*, uma racionalidade *ad hoc*, construída para dar conta do conteúdo escutado na clínica. Esse é um ponto da construção que indica sua preciosidade em relação às demais teorizações. Se levamos em conta a sexualidade da realidade psíquica, e não há outra realidade, tal construção não terá jamais competência para ser mundividente. Estamos diante do exercício racional, o qual evidencia – significante muito comum no contexto tido como científico contemporâneo – que pensar não é exercício apenas consciente. Caso continuemos apenas na trilha da consciência, no máximo conseguiremos uma teoria da sexualidade, e não seus ensaios, isto é, obteremos a coisa já formalizada e não uma competência para operar na coisa em formação permanente. O leitor talvez pergunte: por que frisar esse aspecto? Uma defesa: esse aspecto é mencionado porque a linguagem atravessa tanto a sexualidade quanto o sintoma, que não deixa de ter uma realidade sexual. O paradoxo – para a consciência – do objeto sintoma, marcado com uma contravontade, é sexual, e será esse objeto que porá o metapsicólogo em curso. Esse percurso jamais poderá ser a nível de *gradus*, pois claudicação há. Trata-se de um percurso que não admite a criação de um curso (fixo) em psicanálise. Quanto mais se tenta, por exemplo, tornar o neurótico em objeto de estudo, mais ele exporá o pesquisador à sua própria pesquisa, em

outras palavras, mais ele explicitará ao sujeito sua sexualidade. Segundo Paul-Laurent Assoun (1996), é o próprio objeto que determina o trajeto; por isso, há necessidade de uma racionalidade *ad hoc* no quadro mutável da feiticeira. Logo, não se trata simplesmente de sustentar o fazer clínico (tal sustentar da ordem do supereu), mas sim de assumi-lo, de admiti-lo; há uma ética em jogo: exigência de verdade e não puramente dizer o vantajoso da mundividência (alguns exemplos hipnóticos: “todos devem se tratar para viver melhor”; “se você continuar na análise, seu relacionamento vai melhorar”; “ninguém precisa sofrer tanto”). Com esse objeto, o qual é um verdadeiro empecilho de construção mundividente, no meio do caminho, o clínico precisa lembrar que só há caminho por haver pedra. Se o quadro se fixasse, com a verdade toda dita, o paranoico conhecimento certamente teria um novo surto por não considerar o adiamento necessário a qualquer construção delirante, o infinito hiperbólico de seu plano estaria acabado, sem mais empuxo<sup>46</sup> por já estar agora lá, a mulher, e não qualquer uma (artigo indefinido). O que evita esse “surto teórico” é a clínica, ponto de basta ao fantasiar do metapsicólogo. Aqui também precisamos mencionar a transferência de trabalho em jogo por parte dos analistas. Se há uma pulsão epistemofílica, logo, não se pode deixar de salientar a base sexual que está para todos os pesquisadores, cada um com sua singularidade, mas em um coletivo possível por intermédio de invariantes. Se não houvesse invariantes, como haveria uma comunicação entre os pares tão ímpares?

No que diz respeito ao ofício, através de uma transferência ao inconsciente, e por admiti-lo, a sexão será acentuada tanto para o clínico quanto para o dito doente<sup>47</sup>. Há uma anormalidade em jogo que não está apenas para um dos dois (longe de se tratar de dois na clínica – enrosco da noção de intersubjetividade). Nesse momento, lembramos a aproximação operada por Freud e por Lacan entre o normal e o patológico. O sujeito é a-normal, como expõe Magno Machado Dias (1979/2009); de modo mais detalhado: “Não seria falante se não fosse a-normal sexualmente. A sexualidade do falante é a-normal. Rigorosamente, o objeto sexual do falante é o objeto *a*.” (p. 142). Trata-se do objeto hiante lacaniano articulado através do

---

<sup>46</sup> Essa noção de empuxo é bastante interessante quando pensamos no naufrágio, o *Untergang*, neurótico do complexo de Édipo. Enquanto no plano projetivo das neuroses, articulado ao *cross-cap*, o complexo afunda; no das psicoses, hiperbólico, não ocorre isso, é assintótico, não cai. No entanto, os dois planos são não-euclidianos e os dois trazem uma consideração, cada um a seu modo, a respeito do infinito. No plano projetivo, há a possibilidade de pontuar retas paralelas que se encontram no infinito, e, no hiperbólico, há uma consideração desse infinito através das assíntotas em relação às curvas que não as tocam. Saindo do âmbito matemático, caso tocassem, seria isso o surto? Não seria o surto uma desconsideração do infinito nas psicoses?

<sup>47</sup> Por isso, diferentemente da psicologia, na psicanálise não há possibilidade do clínico ocupar a posição de analista caso não tenha passado previamente por uma análise. O curso de psicologia, ao oferecer, através da via do conhecimento, uma possibilidade de trabalho ao clínico, não se interessa, no entanto, por sua formação para além da teórica e da aplicada nos estágios, isto é, não trata como formação o processo de terapia – significante usado por essa outra área – pessoal.

*Grundbegriff*, conceito fundamental, freudiano de pulsão. O alvo, de um tiro ao alvo, é retirado do sujeito barrado, o qual não sabe o que deseja apesar de, às vezes, pagar caro, fingindo um animalesco querer, dizendo que sabe exatamente, tintim por tintim, aquilo que deseja. “Re-*a-tira*” ao alvo numa repetição que alguns clínicos e cientistas acabam investigando por intermédio de uma lente moralizante (tentam uma construção de estilo de vida; interpretam a saúde tão demasiadamente ansiada num quadro fixo, não mais mutável) – ora, a pulsão de morte, chamemos pelo nome, é uma questão e tanto ainda hoje, talvez “mais, ainda”. Saindo dos domínios do *Instinkt*, sem precisar teorizar sobre isso que é de outra parte científica (e à cada *Stück*, parte, sua *Verständnis*, compreensão, e essa, de mundo – ideia contraposta à *Weltanschauung*, lembrando que as ciências apresentam essa característica de parcialidade), a teorização psicanalítica adentra seu domínio particular, sua *Einseitigkeit*, unilateralidade, científica, da pulsão, *Trieb*. Nessa característica unilateral, precisamos vislumbrar uma certa humildade, pois as ciências jamais darão conta do Todo – esse, inclusive, anacrônico para com o nascimento da ciência moderna, ele é mesmo característico do mundo antigo. Do universo de que se trata, levando em conta a ciência, não há nada fora. Não se lida em psicanálise com figuras que extrapolam tal universo formando um Todo para além dele. Mesmo que não se faça mais tanta ciência levando em conta os avanços de Galileu Galilei como antes, o cientista contemporâneo precisa notar a *Einseitigkeit* de suas construções, quaisquer que elas sejam, pois, quando não considerada, ela poderá resultar numa verdade totalizante, ou, dependendo da quantidade de poder obtido através das transferências em jogo, totalitária. Nesse caso, o amor à verdade cede espaço a uma colonização através da verdade, toda, tintim por tintim, com um preço bem alto, com uma posição muito semelhante a do sistema de ilusões ao qual a ciência se contrapôs inicialmente. Na satisfação de desejo tão longamente ansiada de completar o quadro, o que parece ocorrer é uma erótica semelhante entre o dito cientista contemporâneo e o religioso – uma erótica mundividente. Embora pareça inusitada, essa articulação inicial é necessária para repisarmos no solo científico que fornece um ponto de partida para a metapsicologia mesmo que alguns digam que Freud esteve enclausurado em epistemologias conservadoras. Esse solo, na verdade, barroco levou Freud não a um cientificismo, mas sim a uma racionalidade científica. Tal *logos* é fruto do exercício clínico freudiano, e é nesse ponto que podemos dizer que ele foi do *pathos* ao *logos*, como explicita Assoun (1996). Do paradoxo sintomático à científica paradoxalidade instauradora, esse termo último é de Joël Dor (1993), o qual fala, bem dizer, do nascimento de uma *scienza nuova*, que se apresenta paradoxal aos antigos paradigmas.

Do sintoma, o erro preciso concerne à sexualidade do falante naquilo que ela tem de aberrante, de objeto gritante, de anormal – remetendo à *Konstante Kraft*, à força constante sem alvo, à pulsão. No que tange a uma escrita do sintoma – e cada um o grafa a seu estilo –, os invariantes tropológicos que se destacam como metáfora e metonímia, através da leitura que Lacan faz de Jakobson, trazem algumas das “*Ver-*” de Freud à articulação: condensação, *Verdichtung*, e deslocamento, *Verschiebung*. O sujeito cai como um patinho singularmente, mas há um ponto comum de anormalidade para todos: essas “*Ver-*” nas patacoadas dos falantes. Se, como chama Magno Machado Dias (1979/2009), o filho da pata é um patinho feio, porque o mesmo é de uma “espécie errada” (p. 139), ele paga o pato sem entender patavinas, um patético pato lógico. Naquilo que o sintoma repete, repete-se uma falta real (que não cessa de não se escrever) que traz calafrios às moralizações psicológicas, do bem, dos bens, de querer o bem do “*pas-ciente*” (articulação minha brincando com a palavra), embarcando em uma tarefa impossível: tornar-se plenamente consciente. Sem consideração sobre a falta, o prestador de serviço de atendimento vende seus diagnósticos aos clientes, aos usuários. Através de sua leitura de Freud, MD Magno menciona essa lógica da falta trazendo a expressão “*Ver-gonhas*” (Dias, 1979/2009, p. 140). O prefixo “*Ver-*” no alemão, indica desvio ou erro naquilo que está em causa. Há lapsos em jogo na escrita do sintoma. É notável esse prefixo também no que Lacan apresentará como negações específicas para as estruturas – *Verdrängung* (recalque), *Verwerfung* (foraclusão), *Verleugnung* (desmentido ou renegação); e, além disso, posteriormente com a própria noção de lapso, nominalmente, do nó. Esse “êxito do discurso” (Corrêa, 2009, p. 23), isto é, o lapso, faz urdir a rede de significantes. A dança<sup>48</sup> da tecitura ou tessitura (musical) dessa rede de representantes de ideias, *Vorstellungsrepräsentanzen*, é necessária para que exista a psicanálise. O homem é um ser de desejo, ele é de e da linguagem, afastado da natureza, o que indica que na nossa clínica não opera no domínio da realidade, a não ser que a consideremos da forma que ela é, isto é, psíquica. Com Ivan Corrêa (1997, p. 41), podemos vislumbrar essa discussão através de uma diferença que ele apresenta entre o nível do pensamento e o nível da realidade. Não há apenas uma verdade objetiva que coincide o pensamento com as leis da natureza (nível da realidade), *adaequatio intellectus ad rem*, adequando pensamento à coisa. Há uma outra verdade em jogo tida como subjetiva (a nível do pensamento), a qual nos permite, inclusive, estudar sobre as leis do inconsciente. Para Freud inventar a psicanálise, foi necessário que ele se colocasse numa posição bastante específica em

---

<sup>48</sup> Tentando evocar o *Tanzen*, o dançar, dentro das „*Vorstellungsrepräsentanzen*“.

relação à escuta. Essa posição tal remete à imersão<sup>49</sup> topológica – passando de uma dimensão para outra. Tomemos o caso paradigmático do homem dos ratos para explicitar tal passagem.

(...) Freud fez, como a gente chama em topologia, uma imersão. Ele pegou o discurso desse rapaz, com essa coisa aparentemente banal, “se eu não pagar a dívida”, mas que para ele era importante, pois estava sem poder fazer outra coisa, senão pensar nisso, e mergulhou esse discurso num espaço e numa dimensão maior, a saber, no espaço do significante, ao nível do significante e ouviu que, nesse rato que ele trazia, não era simplesmente esse animal nojento que se temia que entrasse no ânus do prisioneiro, que ele temia que entrasse no ânus do pai, mas que era algo que tinha a ver com a homofonia de *Ratte*, com a herança, com o rateio, ou a parte alíquota da herança da mãe e que foi por causa disso que o pai casou e não por amor. (...) Então, com essa fala, você ouvindo o discurso desse rapaz, simplesmente nessa forma linear como ele traz, é uma coisa. Você ouvindo isso, a nível do significante, vê que o rato é outra coisa que não esse suplício para o pai (...). (Corrêa, 1997, pp. 44-45)

Trata-se de outra coisa. É no nível dos representantes das ideias que isso será tomado. Essa verdade trazida no discurso do sintoma, com a consideração da *via regia* ao inconsciente, traz à tona duas leis, como articula Ivan Corrêa (1997, p. 46), do inconsciente: metáfora e metonímia.

Temos, então, essas leis do inconsciente e quando Freud pega o sintoma vai mostrar que o sintoma também se organiza através dessas mesmas leis. Que Freud ainda diz na interpretação dos sonhos que são as leis da linguagem, pois a linguagem, nossa retórica, se organiza a partir de figuras desse tipo. Metáfora, metonímia, sinédoque etc. O sintoma também vai obedecer a essas mesmas leis. Vai se organizar através de metáforas, metonímias, condensações e deslocamentos. Os sintomas e qualquer ato falho. Na psicopatologia da vida cotidiana, todo ato falho, todo acidente, vai ter essas mesmas leis e se organizam através de metáforas e metonímias. Isto é, através das leis da linguagem. Os chistes, as piadas também. É metáfora e metonímia, condensação e deslocamento, é isso que produz o chiste, que produz a piada. E assim por diante, quer dizer, Freud vai dizer de todas essas figuras que existem leis bem determinadas, bem precisas, que são as leis do inconsciente mesmo que o inconsciente diretamente não possa ser atingido, analisado e examinado, mas tem essas famosas formações do

---

<sup>49</sup> No que não é mergulho, é interessante notar que, na imersão, há perdas. Não há escuta sem perdas.

inconsciente, que nos denunciam que nos apresentam como são as leis que o constituem. (Corrêa, 1997, p. 46)

Observamos, logo, a metodologia topológica em jogo. Estamos diante das vergonhas da verdade. O sintoma não é uma mentira ao não trazer adequação entre o intelecto e a natureza, ao trazer uma verdade subjetivada. Tal é o caminho que Freud apresenta: do *pathos* ao *logos*. Na bruxa metapsicológica, não há universal trazido dos exemplos que não seja reflexivo. O clínico desconfia de um entendimento determinante. Nesse ponto, notamos a coragem de Freud ao trazer, além de uma *Darstellung*, uma *Selbstdarstellung*, isto é, além de uma apresentação da objetividade do inconsciente, a sua reflexão pessoal (tornando-se interessante para si – não seria esse um dos ganhos para cada um que envereda numa análise?). Será que atualmente ainda há essa abertura e essa coragem para a pesquisa?

Com essas considerações, notamos que o saber do clínico não está preso apenas no analisante esperando ser decifrado. O sujeito demanda um atestado do sintoma. Mascarado pela generalidade, dos universais que parecem determinantes, o sujeito (pressuposto desse objeto sintoma) é quem autentifica esse saber, interessado, emergente. Sobre a emergência desse saber inconsciente, segundo Assoun (1996, p. 23), a mesma é o evento freudiano. No que diz respeito ao momento da teorização, da escrita do relato, estamos diante da transformação do objeto vazio da *Sehnsucht*, da vontade, de completar o quadro, em *sapere aude*, em ousar saber. Na construção desse *logos*, pontuemos, logo, o *pathos*:

Freud só faz ampliar a psicopatologia, integrando-lhe os processos inconscientes: ele constrói um *logos* a partir de um *pathos* do sujeito. É assim que se deve entender esta declaração: “Todas as impulsões vêm de impressões que recebo no comércio com meus doentes.” O entendimento, nesse sentido, é posto em movimento pela clínica. Como contrapartida, constitui-se a *referência à neurose*. Freud impõe uma translação espantosa à própria noção de “doença”. O neurótico, muito mais que objeto de estudo, é portador de uma exigência simbólica estruturante do próprio saber clínico. Esta se vê expressa, com frequência, da maneira mais sugestiva, como uma *situação* portadora de imposições próprias: “Temos a obrigação de nos servir da moeda que, no país que estamos explorando, é a moeda dominante, em nosso caso, a moeda neurótica” (*neurotische Währung*). (Assoun, 1996, p. 35)

É nessa depuração de invariantes que se dará a construção da pós-escritura metapsicológica. Tal receberá imposições de reconhecimento desse “objeto de pesquisa” (seria

melhor denominar, talvez, como um “objeto à pesquisa”, tendo em vista que ele impulsiona o pesquisador ao seu trabalho), tratando-se de uma verdadeira forma de existência atrelada ao modo de realidade psíquica de cada um. Em conflito com o sujeito, que necessita de uma lógica clivada em decorrência da representação da castração, o sintoma nasce de algo demasiadamente bem entendido. O sujeito do sintoma é originário justamente da hiância entre saber e verdade. Essa última, subjetivada, torna-se causa do sintoma. Voltemos à translação que Freud opera do que seria doença.

O que vem primeiro, pois, não é alguma pressuposição psico-patológica, e sim a exploração (*Forschung*) de um domínio, o dos processos inconscientes: ora, aí é preciso servir-se da moeda em curso, aí está um pressuposto simbólico, relativo à *troca*, algo como um *a priori* inscrito no próprio real. Não há metalinguagem – não existe valor-significado absoluto por trás da “moeda”, esta engendra o valor *por* circular. Logo, deve-se pensar a neurose como língua e código próprios. A psicanálise, portanto, não se aplica somente à neurose, mas deriva dela – a prova é o nascimento da psicanálise junto com o saber da histeria: não, decididamente, “a neurose não diz nada de tolo”. (Assoun, 1996, p. 35)

Creio que seja interessante colocar uma questão: será que alguns exercícios ditos clínicos atuais que se prendem a um tratamento específico de um transtorno também específico conseguirão construir um *logos* a partir dos fenômenos? Aqui temos um sério problema. Um exemplo *en passant*: se Lacan não fosse psicanalista, teria ele conseguido escutar psicóticos? Mais ainda: se Freud não tivesse estruturado seu método no aprofundamento dos conceitos da psicopatologia de base, como ele teria escutado os casos que não são de neurose? Será que os clínicos especialistas atuais conseguirão dar um salto para poder operar uma escuta de outras conjunturas particulares também? Na clínica das evidências fenomênicas, quais são os seus universais? Eles são reflexivos? Se “a metapsicologia é o dispositivo inédito fabricado por Freud para dar forma de racionalidade *ad hoc* a esse imperativo de *não esquecer* o inconsciente” (Assoun, 1996, p. 30), é muito espantoso que se chame de ciência o que não tem nem um artifício basal delimitado e constantemente questionado para a descrição e investigação dos fenômenos clínicos. Onde pinta o inconsciente, obliteram-no e levam-no diretamente à irracionalidade, tratando-o como mera ficção. Considerando que o saber clínico do sintoma caminhará em direção ao saber do metapsicólogo, através de sua pós-escritura, do relato ao relato (inicialmente pelo analisante, posteriormente pelo analista), é importante salientar que o próprio sujeito do sintoma é estruturado como um “como se”, como algo

ficcional, que nada mais é que sua realidade psíquica; no entanto, tal construção não é mera ficção por ter o fundamento na clínica. O metapsicólogo, por ser barrado pelo material clínico, observa que esse “como se” não é um mero ficcionalismo, e sua postura diante do objeto do saber é uma espécie de pragmática com origem na convicção de uma trans-objetividade (metapsicológica) a ser revelada.

Para o estudo do *pathos*, notamos que estamos em terreno complicado por se tratar de várias influências epistemológicas distintas. Tal complicação não deve, no entanto, esconder sua riqueza. Precisamos, tendo em vista essa variedade, pontuar, logo, a posição da psicanálise diante de tais influências que, por vezes, são antagônicas. Para tanto, partiremos, no entanto, apenas de um desses pares antagônicos, tendo como limite o objetivo da presente seção – do *pathos* ao *logos* –, por meio de um antigo conhecido dos estudos de psicopatologia dos cursos de psicologia, Paulo Dalgalarro (2008).

Na visão operacional-pragmática, as definições básicas de transtornos mentais e sintomas são formuladas e tomadas de modo arbitrário, em função de sua utilidade pragmática, clínica ou orientada à pesquisa. Não são questionados a natureza da doença ou do sintoma e tampouco os fundamentos filosóficos ou antropológicos de determinada definição. Trata-se do modelo adotado pelas modernas classificações de transtornos mentais; o DSM-IV, norte-americano, e a CID-10, da OMS. Por sua vez, o projeto de psicopatologia fundamental, proposto pelo psicanalista francês Pierre Fédida, visa centrar a atenção da pesquisa psicopatológica sobre os fundamentos de cada conceito psicopatológico. (p. 38)

A diferenciação entre psicopatologia fundamental e operacional-pragmática é crucial para notarmos o específico de nosso campo de pesquisa, e, talvez percebamos, arrisco dizer, o motivo de sua não aceitação por outros tipos de pesquisa. A psicanálise se aproxima dessa perspectiva da psicopatologia fundamental. O autor citado por Dalgalarro (2008) é Pierre Fédida, o qual estuda, com Patrick Lacoste, uma aproximação entre o terreno da psicopatologia e o da metapsicologia. Segundo Pierre Fédida e Patrick Lacoste (1998), o prefixo “meta” talvez venha substituir o “psico” de “psicopatologia” infletindo em espelho a relação entre “psico” e “patologia”. Além disso, esses autores salientam: a etiologia sexual, diferente de uma hereditariedade, das neuroses proposta por Freud; a necessidade de se considerar a metapsicologia na “psicopatologia freudiana”, como eles chamam essa psicopatologia; e a função dos pontos de vista na metapsicologia através de um sujeito que observa um objeto em

definição. Os desenvolvimentos propostos por Freud não estão simplesmente em outras ciências; não aparecerá, por exemplo, simplesmente uma explicação biológica para determinado evento do sonho, ou de algum sintoma na histeria – os discernimentos principais serão metapsicológicos. Assim, a psicanálise se distanciou da nosologia e da nosografia da época, isto é, do estudo e da descrição das doenças. Porém, indo além do que Fédida e Lacoste (1998) sugerem a respeito de sustentar uma função dos pontos de vista por intermédio de um sujeito que observa o objeto para o definir, sustentemos, com Assoun (1996), a racionalidade *ad hoc* que a metapsicologia propõe, pois essa definição do objeto é aberta no quadro mutável. Para tal exercício de racionalidade, Freud precisou partir de algumas bases. Sobre o referencial teórico, do qual ele se afastou, destaquemos, com Márcio Peter de Souza Leite (2001), algumas colocações.

Então, qual seria o referencial que a psicanálise usa na elaboração de seus diagnósticos? Freud usou como referencial a nosografia da psiquiatria clássica, tomando dela suas categorias diagnósticas.

Por exemplo, Freud – contemporâneo de Krafft-Ebing – tomou deste autor o termo *Perversão*, assim como utilizou, segundo Kraepelin, o diagnóstico de *Paranóia*. Por outro lado, não aceitou a inovação feita por Bleuler em relação à *Esquizofrenia* e retirou a noção de *Neurose* de Charcot.

Mas, mesmo referindo-se sistematicamente às categorias psicopatológicas da psiquiatria da época, Freud produziu uma nomenclatura própria da psicanálise, com isso, fazendo uma ruptura com a nomenclatura psiquiátrica. Ou seja, ao mesmo tempo, Freud conseguiu manter e subverter a nomenclatura dada. Exemplo disto foi a invenção de categorias diagnósticas inexistentes na clínica psiquiátrica de seu tempo, tal como a introdução dos termos *neurose de angústia* e *neurose atual*. Também foi subversiva a proposta de ordenar entre si os quadros clínicos das neuroses com o conceito de *psiconeurose*. Ainda se poderia apontar a *neurose de transferência* e a *neurose narcísica* como sendo inovações introduzidas por Freud. (Leite, 2001, p. 33)

São essas inovações e esses afastamentos que impedem de dizer que Freud tem um conservadorismo epistemológico, aceitando tal qual o cientificismo de sua época, alegação que Assoun (1983) traz sobre a epistemologia freudiana. Ora, só se parte por ter de onde partir, senão seria siderado. Não se deve confundir, no entanto, os andaimes para a teorização com o edifício. Esse inovador e conflitivo edifício teórico precisa seguir rigorosamente a arte do

esboço – é ela que permitirá a transmissão da psicanálise. Continuemos com os detalhes que essa outra apreciação do sintoma trará.

O analisante, quando vem para uma sessão de análise, vai usar o quê? Vai usar andaimes, artefatos, que são a sua fala, a sua linguagem. E nessa linguagem, nessa sua fala, Freud já chamava à atenção disso, ele deve dizer o que lhe vem à cabeça. Sem se perguntar se isso é fantasia, se é mentira, se é um sonho, se isso é seja o que for. Então, essa fala do analisante, em processo de análise, constitui também andaimes, artefatos. Ele só pode construir o edifício que quer construir e encontrar significação para seus conflitos, para seus sintomas, através desses andaimes que são a sua fala. É o único instrumento, é o único meio que ele tem para fazer esse trabalho que pretende. Cabe então ao analista, não confundir esses artefatos ou esses andaimes com o próprio edifício que está se construindo. É aí que se centra toda a questão da escuta na psicanálise, que faz com que a psicanálise seja de fato algo de muito singular em relação aos outros tipos de abordagem. É que, o que interessa para a psicanálise é exatamente esses andaimes da linguagem, mesmo que sejam consideradas coisas sem importância, sem significação, banais, às vezes até ridículas. Mas tudo isso aí não é outra coisa senão esses andaimes que são trazidos, que são necessários, imprescindíveis, para que se possa escutar o significante que determina a história daquele sujeito e permitir que essa pessoa possa fazer, através disso, as reformulações, os encaminhamentos que pretende em sua vida. (Corrêa, 1997, p. 18)

Com esse trecho, é preciso lembrar a diferença entre o nível da realidade e o nível do pensamento, o qual importa à escuta. Longe de uma detalhada descrição de fenômenos, a psicanálise implicará em esboços, em ensaios, explicativos – não esquecendo que esse é o motivo de falarmos em uma psicologia das profundezas. Essa nova significação não é da ordem da palavra vazia, e só é possível por conta da reversibilidade temporal, a qual permite encaminhamentos para a vida do analisante. Como conceberíamos a reversibilidade no tratamento se não considerássemos a a-temporalidade do inconsciente, isto é, a topologia?

No que diz respeito ao analista, em sua função, ele combaterá as resistências. *N.B.:* combaterá as resistências e não as defesas. Segundo Joselene Monteiro Silva e Laéria Fontenele (2013), as defesas sempre foram entendidas como inerentes ao funcionamento do psiquismo, mesmo diante da ausência de manifestações de patologias. As autoras fazem um exame minucioso do importante conceito de defesa em Freud. Nesse aspecto, evidenciam o

deslocamento como um caráter patológico na defesa, ou seja, uma lei da metodologia topológica que trouxemos na presente dissertação. Na *Traumdeutung*, a sacação do sonho, através da primeira tópica, elas salientam a censura na origem do recalque; tal censura mantém a integridade do eu – observamos assim uma aproximação que Freud opera entre a noção de censura e a de defesa. Já na segunda tópica, a censura é englobada ao campo mais amplo da defesa e assemelhada às funções do eu e do supereu. Uma das articulações das autoras aponta para a diferença entre a psicanálise e os métodos anteriores a ela: a ênfase do método não recai sobre o saber em si (interessante indicação de que não é porque o fundamento explicativo é buscado que a ênfase cairá sobre o saber em si, o que realmente o sujeito quis dizer, qual o desejo de fato); o que é questionado são as resistências que ocasionaram e sustentaram o estado de desconhecimento de conteúdos – o objetivo do trabalho analítico, então, é exposto: um rastreamento da libido, dos investimentos, considerando o aspecto quantitativo da economia psíquica, que entrou em curso regressivo no aparelho e reinvestiu em fixações infantis. Duas fontes da resistência são a regressão dessa libido e a atração inconsciente decorrente do recalque. Na primeira tópica, podemos ler a resistência como uma consequência da defesa. No entanto, a primeira tópica traz uma questão: há eventos psíquicos que não estão submetidos ao processo primário e, entretanto, são inconscientes. Na primeira tópica, Monteiro Silva e Fontenele (2013) pontuam: a defesa é localizada no ponto limite entre inconsciente e consciente, associada de certo modo à censura, e a defesa é empreendida pelo eu sem localização tópica ainda; já na segunda, o eu é uma instância encarregada pela defesa e não é de todo consciente. Nesse momento de teorização freudiana, logo, as resistências não surgem apenas dos mecanismos de defesa, mas também de outras instâncias do psiquismo. Há um aspecto clínico crucial que levou Freud a esse desenvolvimento teórico: a compulsão à repetição, a qual ultrapassa o princípio do prazer, ela evoca um “mais, ainda”. Trata-se de uma tendência do psiquismo anterior à defesa. O sujeito se defende do desprazer, mas há algo anterior ao princípio de prazer e que se sobrepõe a ele. Clinicamente, o foco no primeiro momento era uma decifração e interpretação do evento psíquico; posteriormente, o foco é nas resistências do paciente. Leva-se em conta também certas limitações do método analítico: resistência da pulsão de morte e do rochedo da castração. Na segunda tópica, há um foco principal na grande parte inconsciente (esse termo agora adjetivado) do eu, e nele estaria a sede das resistências. Além disso, o eu, frente à angústia, forma justamente sintomas. Há cisão e alteração nessa instância em consequência da defesa. O trabalho da análise, nessa perspectiva, é garantir melhores condições psicológicas para as funções do eu com um domínio sobre regiões perdidas nele. As autoras também apontam para o fato de Freud, ao querer explicar a

defesa, ter precisado elaborar uma psicologia. Notamos assim a construção do *logos* que Lacan continua ao apontar o engano dos pós-freudianos entre resistência e defesa, e, além disso, situando o desejo como uma defesa.

A partir dessa noção de defesa, Lacan avançará com a noção de estrutura. Essa, de acordo com Márcio Peter de Souza Leite (2001), é evidenciada por meio da defesa que o sujeito apresenta diante da angústia e da ideia de disposição de Freud. Aqui temos um diferencial importante da psicanálise: a hipótese diagnóstica não é separada da localização subjetiva. Investiga-se qual a posição subjetiva frente ao sintoma e não o fenomênico no sintoma. O momento das entrevistas preliminares é de suma importância para tal construção de hipótese preliminar. O diagnóstico não é situado no sintoma, mas sim onde, nesse sintoma, implica-se uma fantasia. Essa determina o sintoma. Em contraposição a uma clínica centrada unicamente nas formas do sintoma, a orientação analítica privilegia as modalidades das posições do sujeito na fantasia. Tendo em vista nossos estudos na presente dissertação de que a superfície topológica tanto para a angústia quanto para a fantasia não é outra que o *cross-cap*, há uma implicação do sujeito em jogo, com a sua emergência (angústia), e com sua relação ao objeto (fantasia). O *cross-cap* indica a heterogeneidade no momento do corte do oito interior nele ocorrido: uma banda simples (com o objeto a) e uma de Moebius estavam lá no mesmo ser topológico. Márcio Peter de Souza Leite (2001) também dá destaque à noção de envoltório formal do sintoma como fundamental na clínica que poderíamos chamar de estrutural em Lacan. Esse envoltório concerne a uma ligação entre o universal dos tipos diversos de sintomas e a singularidade de cada um. Um pouco diferente de Freud, Lacan inicialmente não muda as categorias descritivas da psiquiatria clássica, mas constrói as estruturas que condicionariam os sintomas diversos. Ao mencionar Clérambault (1872 – 1934), Leite (2001) também salienta a proximidade entre o automatismo mental com uma ideologia mecanicista em jogo e a análise estrutural de Lacan. A evidência clínica é verificada no fenômeno, mas há um salto no que diz respeito a tentar compreender o sintoma – contraposição lacaniana à compreensão de Jaspers (1883 – 1969); tratando-se de escutar, nota-se que a compreensão exhibe um limite principalmente na clínica com psicóticos. No que Lacan situa a pertinência do fenômeno no sujeito – conceito importante de seu primeiro classicismo e não puramente desaparecido no segundo, nem no movimento de desconstrução –, ele tenta demonstrar a relação do fenômeno com a determinação causal. Esse movimento de Lacan parece muito próximo ao que Freud apresentou com o estudo dos fenômenos inconscientes através de suas formações, o que o fez

nomear a psicanálise como uma ciência da natureza, pois ela pretende ir à causa: dos conteúdos manifestos aos latentes.

Apesar dessa clínica de Lacan ser chamada de estrutural, notemos, de acordo com Leite (2001), que a mesma não esquece de salientar dois detalhes importantes: dentro de um critério estruturalista, todas as classificações são apenas semblantes; e, além disso, nessa tentativa de classificação, há o conjunto dos inclassificáveis. Segundo Leite (2001), há, porém, um outro modelo posterior de clínica em Lacan. Enquanto a estrutural foca no envoltório formal do sintoma trazendo uma referência às categorias da psicopatologia psiquiátrica e privilegia o eixo psicose-neurose; a dita outra clínica, chamada de borromeana, não faz referência às categorias nosológicas da psicopatologia psiquiátrica, o ser falante é lido como consequência da relação entre os registros – Real, Simbólico e Imaginário – e a propriedade borromeana da amarração deles. Notamos que progressivamente Lacan se afastou da psiquiatria. Tal movimento lembra o de Freud, que também foi se distanciando, inclusive da neurologia, para trazer o que era específico da clínica psicanalítica, e também para levar o inconsciente ao reconhecimento científico.

Ainda sobre o movimento das duas clínicas<sup>50</sup> de Lacan, de acordo com Leite (2001), a clínica estrutural traz à tona as ideias de distinção, oposição e diferença; ela é fundada sob a modalidade de uma oposição tripartida: neurose, perversão e psicose. As duas primeiras ficam do mesmo lado diante da função paterna, enquanto a outra fica do outro. Essa existência ou não da função paterna trará a distinção entre neurose-perversão e psicose. Essa clínica é estudada como descontínuista e categorial. Os processos de negação específicos são: recalque para a neurose; recalque e renegação (ou desmentido) para a perversão; e foraclusão para a psicose. Essa foraclusão é de um significante específico, o Nome-do-Pai, ou o Não-do-Pai. Já a clínica borromeana é observada como continuísta; ela exhibe o esforço de Lacan para pensar a estrutura, o simbólico, fora de uma referência ao Outro. Podendo não haver uma amarração adequada entre os registros, ocorre assim um lapso do nó, ou seja, não é toda cadeia que sustenta a propriedade borromeana. Aqui há uma tentativa de superação da formalização do complexo de Édipo – mas é importante frisar para alguns pós-lacanianos que eles não se esqueçam da sexualidade no sintoma, principalmente quando se utilizam da topologia, pois o que parece haver é um aprofundamento de estudo das particularidades da função paterna. Um quarto elemento é trazido por Lacan para diferenciar os três registros. Ele é chamado, segundo

---

<sup>50</sup> Seriam duas clínicas mesmo? Chamemos dessa forma por agora. Posteriormente, apresentaremos uma melhor consideração.

Leite (2001), na sequência dos seminários de Lacan, de realidade psíquica, complexo de Édipo, função paterna e *sinthoma*. Nessa clínica, há diferenciações, mas não há oposição de um sim ou não para a função paterna como ocorre na estruturalista. Ela faz equivaler o *sinthoma* ao Nome-do-Pai. Aqui, as apresentações de caso são formuladas em relação à cadeia borromeana, não mais se referindo à relação do sujeito com o Outro. O crucial, nas duas, parece ser notar como a hipótese diagnóstica é produto de uma combinatória de signos, e isso está na evolução do ensino de Lacan; além disso, essa combinatória é efeito do referencial teórico em uso (Leite, 2001). Aqui voltamos à aproximação entre a psicopatologia fundamental e a psicanálise – é importante salientar esse eixo.

Não há, no entanto, uma ruptura radical entre uma clínica e outra. O que há é um avanço da clínica analítica, e um distanciamento cada vez maior das categorias nosológicas da psiquiatria. Pode-se notar a noção de estrutura atrelada ao registro Simbólico da clínica continuísta, assim como os classicismos lacanianos, e até mesmo seu movimento de desconstrução, não são desarticulados, isto é, não dá para estudar apenas um momento de Lacan, não dá para privilegiar um em detrimento dos outros; não há um Lacan que anula os outros.

Retornemos à característica crucial do estudo do sintoma que diz respeito à psicanálise: sua realidade sexual. Tal tema é articulado à castração: a dificuldade de se lidar com a alteridade e com a falta a ser – não a nível de realidade.

(..) a castração é algo (...) da ordem do imaginário. Quer dizer, eu me imagino castrado, seja homem ou seja mulher, porque a castração, do ponto de vista psicanalítico, não tem nada a ver com o corpo, com as diferenças sexuais anatômicas. A castração é uma falta no ser; mas uma falta imaginária. Então, não admitindo que haja um Outro castrado, que haja falta no Outro, a castração não vai poder se operar dentro de um registro simbólico. Então, o que é que vai acontecer? Eu vou esperar que a castração aconteça no real do corpo. Que seja o corpo que seja diminuído que tenha uma falta. Isso é registrado por Freud no caso clínico que ele atendeu e intitulou “O homem dos lobos”, que não teve condições de simbolizar a castração. Freud usa um termo dizendo que ele foracluiu a castração. A castração ficou fora do circuito simbólico. (...) Ele alucina o dedinho cortado. (...) Ou então, vem para as sessões de análise com Freud e diz que foi espremer um cravo no nariz e que está agora com um buraco imenso no rosto. Freud olha para o rosto dele, está do mesmo jeito, com o nariz no lugar. Quer

dizer, ele alucina a castração sempre em cima do corpo. É sempre um pedaço do corpo que vai ser tirado, que vai ser arrancado, mesmo que isso seja alucinatoriamente. Isso aí é concretamente o que se poderia dizer, em relação a esse fato, de não ter sido possível para essa pessoa admitir a falta no Outro, que o Outro poderia ser castrado. Então, fica impossível que ele simbolize essa falta nele mesmo, a castração. Enquanto que, no neurótico, o que é que aconteceria? É que ele, admitindo a falta no Outro, a castração para ele não é em cima do corpo, vai ser na linguagem. A saber, ele vai trazer para o social, para a sua linguagem cotidiana, as castrações simbolizadas ou metaforizadas. Ele vai dizer que não tem bastante inteligência, que não tem bastante poder, que não tem bastante amizades, bastante isso, bastante aquilo, todas as queixas que todo mundo faz todo dia. Essas queixas todas são indicações de que a gente está falando da castração. Nossa e das outras pessoas também, que não ajudam, o pai que não ajuda, a mãe que não faz isso, o amigo que não fez isso, quer dizer, a gente está trazendo para a linguagem, dizendo de uma maneira metafórica, que a castração é de todo mundo que todo mundo é castrado e nós também. Isso é o que seria de uma maneira bastante rudimentar o que se poderia dizer em relação a essa questão da falta no Outro ou da não falta no Outro em relação a castração. (Corrêa, 1997, pp. 95-96)

Essa falta ou a ausência dela no Outro será o essencial na clínica estrutural. Ela indicará o percurso teórico de Lacan a respeito do campo do Outro. De forma bastante interessante para pontuar a continuidade das clínicas lacanianas, a questão da castração no corpo ou na linguagem retornará nos nós de uma forma sofisticada. Segundo Leite (2001),

Lacan (1976), a partir do exame da obra de Joyce, afirmou que tal escritor seria um caso de psicose não desencadeada. Com este exemplo, Lacan mostrou a possibilidade de haver uma suplência da função paterna que teria falhado no caso de Joyce. Falha que teria impedido o correto enlaçamento do registro do I com o registro do S, com a conseqüente produção de um lapso do nó que, segundo Lacan, justificaria entender-se a obra de Joyce como seu sintoma.

Nesta outra maneira de pensar a clínica existem diferenciações, mas não existe uma oposição de um sim ou de um não para a função paterna, o que ocorre na clínica estruturalista.

Então, se a primeira clínica de Lacan foi chamada de estruturalista, descontinuísta e categorial, em contrapartida, esta outra seria elástica, gradual e não-classificatória.

Esta segunda clínica é uma forma de fazer equivaler o *Sinthome* ao Nome-do-pai. (p. 37)

A escrita de Joyce permitiu a amarração do imaginário, seu corpo que caiu como uma casca, aos demais registros de maneira quase borromeana. Por que não borromeana? Aqui há um detalhe não tão mencionado: anteriormente, estavam já amarrados os registros S e R. Poderíamos pensar as epifanias joyceanas através desse encadeamento prévio? Sem necessidade prévia do quarto elemento, do sinthoma, S e R já se encontravam amarrados. Essa citação direta acima também evidencia duas outras coisas: (1) não se trata de duas clínicas diferentes, mas sim de duas formas de pensar a clínica; (2) a função paterna está em foco nas duas. O passo de Lacan é pluralizador: Nomes-do-Pai, ou Nãos-do-Pai, afinal, há várias formas de negação.

O Nome do Pai é alguma coisa que Lacan construiu teoricamente como prévia, anterior – no sentido estrutural, e não no temporal – a todas as formações dentro do campo do Outro. Sejam renegações, recalques, foraclusões, etc., é preciso ter como prévio esse Nome do Pai. (...) Um pai real (P) estaria (...) do lado de fora, não entra no campo do Outro. Mas, nem por isso, seu significante – quer dizer, no nome que dou a esse pai real, para supô-lo – deixa de estar no campo do Outro. Isto é que Lacan chama Nome do Pai. O Pai não entra no campo do Outro como real, ele entra como simbólico, quer dizer, dou um significante para marcar a suposição dessa coisa que está fora. Então, a função paterna na linguagem é supor um significante que nomeie a função de Lei no campo do Outro. O Outro é o lugar da Lei. Todas as produções significantes estão no campo do Outro. O Outro, enquanto lugar da Lei, chama-se Nome do Pai. (Dias, 1979/2009, pp. 144-145)

Tal lei é o desejo. Ele é contingente, é o faz-de-conta que será reificado nas psicoses. Para o falante, a escritura do desejo só funciona por ser desejo do Outro, o qual não é a lei, mas o lugar dela.

Freud vem, então, mostrar que a Lei é desejo, ou seja: tenho um vasto campo significante e dentro dele isolo determinado dito (...), produzo uma lei – Moisés desce da montanha com as tábuas da lei, isto é, com a escritura do seu desejo, que só funciona

porque é desejo do Outro. Toda legiferação é arbitrária, todo legislador é impostor, necessariamente.

Isto é que é ser pato. É preciso cair como patinho, é necessário. Como o sujeito entraria na possibilidade de se posturar como sujeito se ele não caísse como um patinho, se ele não supusesse como lei o desejo do Outro, se ele não tivesse uma herança simbólica, isto é, um sintoma? Por isso Lacan chama de metáfora paterna e diz que a metáfora é sintoma, ou seja: o sintoma tem a estrutura da metáfora. Quando aprendo uma língua, a língua materna, como se diz – não é qualquer língua, porque as outras são de parentesco mais adiante, mas a chamada língua materna é o sintoma que vige na lei do pai pela fala da mãe (...), estou herdando (...) um sintoma que se chama alíngua, que Lacan escreve numa palavra só, a minha alíngua. Existem alínguas. A minha alíngua é essa, o meu sintoma linguajeiro (para não chamar de linguístico). Então, é preciso que eu seja pato da língua do pai, pato da alíngua do Outro. Eu herdo a lei de começar a fazer sentido porque herdo o sintoma que é a alíngua, e o resto da vida não vou falar de outra coisa senão da alíngua.

Isso é que é o Édipo. Papai-e-mamãe é cena, porque o que está sendo jogado é alíngua, o sujeito deita no divã para falar da alíngua, da sua alíngua. (...) para cada sujeito há uma alíngua (...). A alteridade vige no estranhar o estrangeiro e tentar traduzir. (Dias, 1979/2009, pp. 145-146)

Necessário é cair como patinho, e contingente é a forma da queda. Quando Lacan aprofunda o estudo específico das quedas com os desenhos específicos dos nós de Soury, o que está na base desse desenvolvimento, para usarmos o termo freudiano referente ao complexo de Édipo, são os *Untergänge*, os naufrágios específicos. Uma posição específica será necessária para ouvir a respeito da queda do sujeito.

Qual é a posição do analista diante da alíngua do sujeito que se põe como analisando? É exatamente a posição contrária à da psicologia, por exemplo, que sabe a língua e vai ensinar o sujeito a falar certo. O analista não entende nada do que o sujeito fala, ele não sabe a alíngua do sujeito. Na verdade, o analista devia se comportar como essa criança que está herdando o sintoma, e que a gente fica: “Papai... Mamãe”, e o desgraçado não aprende, ou custa muito a aprender. O analista também não aprende a alíngua do sujeito, ou demora muito. Ele tem que saber, ou supor saber, que não sabe alíngua que o sujeito fala e ver se, com o tempo, aprende. De tanto se esforçar para ensinar alíngua dele ao

analista, que é a criança, o sujeito acaba entendendo sua própria alíngua porque, afinal de contas, só entende uma alíngua quem sabe ensiná-la. (Dias, 1979/2009, p. 146)

Retornamos à questão dos desvios tropológicos. Essa fala certa da psicologia a respeito do sintoma acaba por tirar o foco da arte do bem dizer. Também não se trata de trazer um bem ao sujeito em sofrimento (nesse aspecto, a psicologia tende a ser moralista diante do gozo). Então, de que bem fala o analista?

O bem que visa o psicanalista para o seu analisante é o bem da verdade de seu desejo que lhe dá o saber viver sua castração simbólica como um dom. Este dom que o confronta com o bem da escassez e não da locupletação é que libera o sujeito dos quadros do pensar convencional, abrindo caminho para a invenção de *sinthomens*, libertando-o de seus grilhões e grafando uma nova escrita do sintoma. (Corrêa, 1997, p.13)

Essa invenção de *sinthomens*, no plural, está atrelada à preocupação de Lacan com os “diagnósticos lacanianos”, expressão que Marcio Peter de Souza Leite (2001) evidencia. A referência é o nó borromeano e não mais somente a relação do sujeito com o Outro. No entanto, diante da exposição da presente seção, espera-se que tenha ficado claro que não há um corte abrupto entre as duas formas de pensar a clínica. Não há mesmo duas clínicas lacanianas, o que há são duas formas de pensar a clínica, e uma não anula a outra! A pluralização dos Nomes-do-Pai irá inclusive permitir um maior aprofundamento do estudo das neuroses e das psicoses, assim como Freud se referiu à metapsicologia, às instâncias da segunda tópica, para falar das neuroses e das psicoses. Não que essas últimas façam sintomas de fato, como os objetos paradoxais das neuroses; no entanto, sem a passagem de Freud à construção de um *logos*, por intermédio da metapsicologia, Lacan, inclusive, não teria conseguido avançar no estudo dessa outra estrutura. É preciso resgatar a bruxa da fogueira científica.

A metapsicologia seria, pois, a repetição, sob o modo da “ciência”, do relato do sintoma. E mais: ela conserva, por seu estilo “genético”, os traços dessa historicidade que ela reflete. Daí a impressão que Freud, no coração de sua Metapsicologia, continua a contar.

Aqui, trata-se apenas dos “roteiros”, cujas “unidades” são os “lugares” – em seus “deslocamentos” –, as quantidades – em seus “investimentos” –, e as “forças” – em seus enfrentamentos. Freud metapsicólogo tornou-se mestre na arte desse relato. O *Phantasieren* encontra aqui sua função de releitura das histórias. Não há enunciado

metapsicológico que não tenha sua fonte num evento, fragmento de uma história. A *Erlebnis*, perdendo sua singularidade, continua entretanto a animar a narração metapsicológica. É nisso que a *Dichtung* neurótica fornece sua substância à exigência da *Wahrheit* metapsicológica. (Assoun, 1996, p. 252)

A vivência singular anima a narração através da poesia neurótica que fornece substrato à verdade da metapsicologia. Esse fantasiar abre espaço para uma transmissão que não é apenas rigor, mas também criação. Um narrador está a serviço do objeto que reconstrói.

Para o fundador da psicanálise, o imperativo da “verdade” é, de fato, radical, ele é auto-evidente e faz calar qualquer outra consideração. Apenas, ele passa por esse logro do sintoma, que exige que sua “poesia” seja reconhecida. Se o metapsicólogo procura explicar o processo, o clínico deve relatá-lo. (Assoun, 1996, p. 226)

Com relação ao clínico, uma particularidade precisa ser indicada: a elucidação de sua natureza e seu método de sua pesquisa são inseparáveis. Há um gênero próprio em jogo que explicita que a lei da pesquisa clínica advém apenas de seu objeto.

O “clínico”, com efeito, é que está ali, perceptível de algum modo *de visu* “no leito do doente”, como assinala a etimologia. Isso é o que o saber encontra, e o que o precede. Como se dá, então, que esse real tão maciço, até mesmo esmagador, seja gerador de um “saber” que não pode, de saída, dar conta de sua identidade própria? De fato, a virtude da pesquisa clínica é o sentido do problemático – o que não se reduz a alguma vaga hesitação. Este tem por móbil não reduzir esse real que se impõe ao próprio saber. O contraste, pois, talvez proceda realmente desse encontro frontal e incontornável do sintoma – pelo que entendemos, para além da acepção estritamente “patologista” e médica, aquilo que designa um distúrbio do real, algo que acontece e, ao sobrevir, “cai mal”. Ora, o sintoma é nesse sentido algo inteiramente diverso de uma “mentira” ou uma disfunção: é um certo aspecto do real, e precisamente aquele que se deve elaborar pelo “saber clínico”. É só-depois, passado o tempo de se recuperar de certa maneira desse encontro com o sintoma, que se pode e deve expor a questão: que gênero de saber é esse, de que se tratava e de que deve agora tratar-se, a se entender no sentido de: do que ali estava naquele instante, que posso saber? (Assoun, 1996, pp. 42-43)

“O que posso saber?” – O pesquisador se pergunta. Tal investigação o coloca em movimento, ou melhor, re-coloca-o em movimento, pois já se partiu. Trata-se de reconhecimento. Naquilo que o objeto falta, o sujeito (isso que o conhecimento científico não

quer reconhecer) relata visando a uma transmissão. Nessa tarefa, ele precisa pedir auxílios à topologia e à metapsicologia. Mas como se trata de demanda, ele precisará se deparar inevitavelmente com o seu desejo.

## 5. CONCLUSÃO

O percurso é em abertura. Espera-se, de antemão, que tenha ficado claro o posicionamento da metapsicologia e da topologia no exercício de passagem dos depurados da clínica para a teorização. As duas operam pela lógica do não-todo. O rigor que elas possuem não é esquecido da inovação. Tal movimentação torna explícito o desejo do pesquisador – não há mesmo investigação sem investimento<sup>51</sup>.

Com a finalidade de notar, de modo mais sistemático e preciso, o que foi depurado na presente pesquisa e de perceber os avanços que a mesma proporcionou, retornemos às colocações do projeto de base para a escrita da dissertação. Tendo em vista a pergunta de partida citada na seção introdutória (como a metapsicologia freudiana e a topologia lacaniana vinculadas podem contribuir para o tema da transmissão da psicanálise?), nota-se que o trabalho foi em direção a uma explicitação do vínculo entre metapsicologia e topologia. Do começo ao final da dissertação, foi exposta essa ligação. Esses artifícios para a teorização são permeáveis à singularidade da transmissão de cada um.

Os objetivos específicos foram contemplados. Eles eram: retornar à metapsicologia freudiana; esmiuçar como a metapsicologia contribuiu para sustentar o diferencial da psicanálise em seu surgimento no terreno científico; estudar a incursão de Lacan no terreno da topologia e como ela se apresentava já em Freud; averiguar o efeito que a aproximação entre a metapsicologia e a topologia oferece à transmissão do saber clínico psicanalítico. O tema do saber clínico apresentou algo inesperado para o pesquisador: o *pathos* na construção do *logos*. Porém, Paul-Laurent Assoun (1996) já indicava o papel do sintoma na metapsicologia. Essa outra consideração desse objeto à pesquisa, e não simplesmente objeto de pesquisa, do clínico, está atrelada à reescrita indefinida da coisa clínica, no relato do relato – quadro topologicamente mutável em jogo.

No projeto à pesquisa, o problema apresentado foi: o esquecimento da feiticeira, a metapsicologia, no devir da psicanálise talvez seja o que permaneça oculto na consideração da topologia lacaniana minorando a transmissão do saber clínico. Com o problema em mente, uma

---

<sup>51</sup> Se o trabalho de graduação (não mencionado durante o presente texto), de conclusão de curso (após uma pesquisa realizada de 2014 até 2017), foi a respeito das questões matemáticas de Lacan, e culminou no questionamento de como isso estava em Freud, jamais iria imaginar que conseguiria elencar o que trouxe para a presente pesquisa de dissertação, que ocorreu de 2021 até 2023. As inquietações permaneceram e se aprofundaram.

contribuição crucial da presente pesquisa foi operar na via de um estudo, vinculado à metapsicologia, da topologia, a qual é tomada como artifício obscuro na obra lacaniana. O devir em insistência de Lacan o levou ao uso do recurso topológico; no entanto, as coordenadas estão no exercício freudiano da metodologia topológica, a qual está na base da metapsicologia – solo que expõe a incapacidade da psicanálise fornecer uma mundividência, e, mais ainda, exhibe essa mesma incapacidade constitucional nas ciências, as quais podem se descaracterizar caso cedam às tentativas de explicações mundividentes.

Sobre as seções, a dissertação começa com a apresentação da epistemologia freudiana, através de Assoun (1983), com os fundamentos monista, fisicalista e agnosticista em jogo. Nota-se que à metapsicologia cabe o papel de levar o inconsciente ao reconhecimento científico. Também foi apresentado o doutrinal de ciência lacaniano através da leitura de Milner (1996), e a diferença entre mundo antigo e ciência moderna. Foram notados, no mínimo, três movimentos matemáticos em Lacan – com base em Galileu, Bourbaki e Soury. No entanto, há sempre um diferencial com relação a esses autores: galileísmo ampliado, hiperbourbakismo e uma outra consideração dos nós em relação à letra que não a de Soury (a antinomia do nó, no que tange à letra, foi levada ao extremo com Lacan). Nesta seção, apresentou-se a afirmação de Freud de que a psicanálise não é uma mundividência, e tal colocação foi salientada nas demais. Não seria tal assertiva o ponto principal de contribuição da presente pesquisa às ciências? Dos classicismos e do movimento de desconstrução de Lacan, foram pontuados, no mínimo, três elementos: significante, letra e nó. Esses momentos da obra, porém, não estão desenlaçados. E a seção termina com a leitura de que a psicanálise é “a arte de fazer nem-nem”, como afirma MD Magno (Dias, 1979/2009). Ela se aproxima da ciência por um lado (das formações do inconsciente), e se distancia por outro (do sujeito) – articulação de Pommier (1992) também elaborada, porém, com outros termos, por Mannoni (1992) e por Dor (1993). Além disso, essa parte da dissertação trouxe questionamentos que talvez não tenham sido tão agradáveis a alguns leitores, pois, ao invés de se contrapor às assertivas freudianas de onde a psicanálise se insere no quadro mutável das ciências, coloquei as bases para tais afirmações, e procurei fazer o mesmo diante da obra lacaniana, sustentando suas questões.

O passo posterior procurou frisar em Freud e em Lacan os desenvolvimentos topológicos não desvinculados da metapsicologia. Foram quatro pontos partindo da premissa de que a topologia não é uma mundividência (tentando ir de encontro a um imaginário rígido). Os quatro pontos dessa apresentação nova da topologia foram: linguagem, lógica, tempo-espaco e sexo. Os desenvolvimentos cruciais foram em torno dos tropos (os desvios), da

denegação, da a-temporalidade do inconsciente (a topologia freudiana) e do falo como símbolo único da sexualidade humana, recuperando, assim, a sexualidade na topologia psicanalítica. Com essa seção, espera-se que tenha ficado explícito que há pensamento topológico em Freud; que a topologia da psicanálise apresenta outros invariantes para estudo – condensação e deslocamento; e que, através dos quatro pontos elencados, existe possibilidade de aprofundamento em tal investigação da topologia na psicanálise. Não se tratando de uma topologia matemática, a questão central que ficou ressoando ao final da seção foi: qual o diferencial da psicanálise?

Tendo esse questionamento em mente, a quarta seção expôs, além da origem do *logos* analítico, como o *pathos* é considerado pela psicanálise. Com sua a-normalidade sexual, o ser desnaturado porque fala apresentou-se através da consideração do sintoma, a resultante do cálculo do inconsciente – o ponto explicitamente clínico do presente trabalho, não que os outros não já o fossem. Esse movimento da pesquisa tinha em vista: explicitar o *logos* analítico através da metapsicologia e da topologia; partir para o *pathos* com os distanciamentos de Freud e de Lacan em relação à nosologia e à nosografia de cada época, implicados na novidade analítica, indo em direção a uma psicopatologia fundamental (em contraposição à leitura operacional-pragmática); pontuar os modos de Lacan de pensar a clínica – estrutural e borromeamente (do dito “o último Lacan”); e, através do questionamento sobre a existência de um modo apenas freudiano de clinicar, introduzir a questão do estilo, da singularidade de cada analista, considerando uma leitura não superegóica das obras freudianas e lacanianas, e não tomando como modelos os dois analistas; pois, ao desenhar, não importa qual figura, cada um mostrará o traço de seu estilo.

De cada seção, procurei: (1) sustentar os posicionamentos de Freud e de Lacan diante da ciência; (2) apresentar a topologia através de noções analíticas; (3) e pontuar de onde veio o saber da psicanálise formalizado pela metapsicologia e pela topologia: esse saber vem da clínica, através de uma consideração outra do sintoma. Sobre os avanços principais que a pesquisa apresentou: (1) uma saída para o enrosco de que a psicanálise simplesmente não seria ciência, ela tem, de fato, uma base científica – dizer que ela é, bem dizer, não-toda ciência não quer dizer que ela não seja também, de certa forma, ciência; (2) a importância do uso da metapsicologia e da topologia na transmissão do saber clínico através dos invariantes e da nova proposta de estudo da topologia na psicanálise com os quatro pontos fundamentais – linguagem, lógica, tempo-espaço e sexo; (3) a leitura do sintoma como objeto à pesquisa – isto é, sua importância na construção do *logos* expondo o sujeito que pesquisa e seu desejo. Não

seria essa uma das consequências da aproximação freudiana entre o normal e o patológico? O sintoma não é desvinculado da sexualidade humana, essa singularidade estilística anormal e desnaturada remetida à dissimetria. Esse último ponto evidencia aquilo que se decanta na análise de cada um. Pensando em futuras pesquisas, possíveis desdobramentos da dissertação serão: (1) averiguar de modo mais aprofundado o sintoma e a sexualidade a ele atrelada; (2) estudar a topologia, com maiores detalhes, na segunda tópica freudiana – tendo em vista que o foco principal da presente pesquisa foi na primeira; (3) investigar a aproximação entre sintoma, estilo e transmissão.

Retornando ao final do presente trabalho: a realidade sexual do sintoma se tornou explícita e também uma série de enroscos se desfizeram com relação à clínica lacaniana. Não há, de fato, duas clínicas; o que há são maneiras de se pensar a clínica. Enrosco parecido com o que se afirma, por vezes, sobre procurar um analista apenas freudiano, isto é, que não tenha Lacan em jogo. Impossível! Afinal, cada analista apresenta seu estilo. Não há mesmo um modelo freudiano a ser seguido. Cada um que lide com seu sintoma. De forma interessante, vem à mente uma assertiva de Magno Machado Dias (2019/2021):

O sintoma da pessoa é grosseiro, fala besteira, mas se ela entender como é poderá fazer algo bonito com a mesma música. Alguém falava outro dia aqui sobre Lacan se referir à transmissão de um estilo, que seria a transmissão do estilo de Lacan. Mas esta é a suposição do psicólogo. Ao contrário, o que se transmite em psicanálise é: estilo. Tenha estilo! Fale com as suas formações, e não com as dos outros. Isto porque não há outra coisa a fazer. O sintoma não vai embora, mas passa a ser, como dizia Lacan, bem dito. Trata-se de dizê-lo bem. É o que diz o artista. O ruim da formação religiosa – por exemplo, a freudiana, a lacaniana – é o pessoal permanecer repetindo sintoma do papa de sua igreja. Ou seja, não há transmissão alguma aí. (p. 52)

Certamente, MD Magno também está ciente quanto ao que pode se tornar sua formação: uma Nova-Igreja. Se a psicanálise coloca um supereu para as ciências, como vimos com Assoun (1996), ela, por sua base, não está fora dos efeitos dessa colocação. Tenha estilo! Essa é a tônica. Só então pintará o artífice, o qual nota a hiância, o estrabismo (o quiasma) nas mundividências, e a impossível antropovidência buscada pelas psicologias.

## Referências

- Alberti, S., & Elia, L. (2008). Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 8(3), 779-802. Recuperado em 17 de março de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482008000300010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000300010&lng=pt&tlng=pt).
- Assoun, P. L.. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. (H. Japiassu, trad.), Rio de Janeiro: Imago.
- Assoun, P. L.. (1996). *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. (D. D. Estrada, trad., M. Comaru, rev.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Assoun, P. L. (1991). *O freudismo*. (V. Ribeiro, trad.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Barros, M. de (2010). *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.
- Barros, M. de (2010). O livro das ignoranças. In M. de Barros, *Poesia completa*. São Paulo: Leya. (Livro originalmente escrito em 1993).
- Beividas, W. (2001). *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência e estrutura*. (2a ed.). São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP.
- Cancina, P. H. (2008). *La investigación em psicoanálisis*. Rosario: Homo Sapiens Ediciones.
- Corrêa, I. (1997). *A escrita do sintoma*. Recife: CEF.
- Corrêa, I. (2001). *A psicanálise e seus paradoxos; seminários clínicos*. Salvador: Ágalma; Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Corrêa, I. (2009). *Da tropologia à topologia*. (2a ed.). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

- Corrêa, I. (2007). Estrutura do eu e instituição psicanalítica. In I. Corrêa, *Nós do inconsciente*. (2a ed.). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Seminário originalmente realizado em 1991)
- Corrêa, I. (2012). *Nós do inconsciente*. (3a ed.). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais* [recurso eletrônico]. 2a. ed.. Porto Alegre: Artmed.
- Dias, M. M. (2008). *Acesso à lida de Fi-menina: seminário 1980*. Rio de Janeiro: NovaMente.
- Dias, M. M. (2010). *A música: seminário 1982*. (3a ed.). Rio de Janeiro: Novamente.
- Dias, M. M. (2009). *O pato lógico: falatório (1979)*. (3a ed.). Rio de Janeiro: Novamente.
- Dias, M. M. (2009). *Ordem e progresso por dom e regresso: seminário 1983*. (3a ed.). Rio de Janeiro: Novamente.
- Dias, M. M. (2010). *Pedagogia freudiana: seminário 1992*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Novamente.
- Dias, M. M. (2021). *SóPapos 2014* [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Novamente Editora. (Seminário originalmente realizado em 2014)
- Dias, M. M. (2021). *SóPapos 2019* [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Novamente Editora. (Seminário originalmente realizado em 2019)
- Didier-Weill, A. (1988). *Inconsciente freudiano e a transmissão da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Didier-Weill, A. (2006). Por um lugar de insistência In M. A. C. Jorge (Org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Dor, J. (1993). *A-cientificidade da psicanálise*. (P. C. Ramos, trad.), Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fages, J. B. (1975). *Para compreender Lacan*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Ed. Rio.

- Fédida, P., & Lacoste, P.. (1998). Psicopatologia/Metapsicologia. A função dos pontos de vista\*. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 1(2), 23–58.  
<https://doi.org/10.1590/1415-47141998002003>
- Feitosa, L. W. B., & Fontenele, L. (2023). A metodologia topológica freudiana: elementos introdutórios. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 18(35), 05-24.  
Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2023v18n35p05-24
- Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. (S. T. Muchail, trad.), São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1966)
- Freud, S. (1941). Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben. In S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, siebenter Band: Werke aus den Jahren 1906-1909*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1909)
- Freud, S. (1950). Brief 52. In S. Freud, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Documento originalmente escrito em 1896)
- Freud, S. (1950). Brief 84. In S. Freud, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente escrito em 1898)
- Freud, S. (1950). Die endliche und die unendliche Analyse. In S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, sechzehnter Band: Werke aus den Jahren 1932-1939*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1937)

- Freud, S. (1948). Die Frage der Laienanalyse. In S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931*. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1926)
- Freud, S. (1942). Die Traumdeutung. In S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, zweiter und dritter Band: Die Traumdeutung, Über den Traum..* Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (1948). Die Verneinung. In S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1925).
- Freud, S. (1940a). Die Weiblichkeit. In S. Freud, *Gesammelte Werke, cronologisch geordnet, fünfzehnter Band: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1933)
- Freud, S. (1950). Entwurf einer Psychologie. In S. Freud, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente escrito em 1895)
- Freud, S. (1948). Nachwort zur „Frage der Laienanalyse“. In S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, vierzehnter Band: Werke aus den Jahren 1925-1931*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1927)
- Freud, S. (1940). „Psychoanalyse“ und „Libidotheorie“. In S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, dreizehnter Band: Jenseits des Lustprinzips, Massenpsychologie und Ich-Analyse, das Ich und das Es*. Frankfurt am Main: S. Fischer

- Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1923)
- Freud, S. (1948). „Selbstdarstellung“. In S. Freud, *Gesammelte Werke, chronologisch geordnet, vierzehnter Band*: Werke aus den Jahren 1925-1931. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1925)
- Freud, S. (1946). Triebe und Tribschicksale. In S. Freud, *Gesammelte Werke, cronologisch geordnet, zehnter Band*: Werke aus den Jahren 1913-1917. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1940b). Über eine Weltanschauung. In S. Freud, *Gesammelte Werke, cronologisch geordnet, fünfzehnter Band*: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1933)
- Freud, S. (1946). Zur Einführung des Narzißmus. In S. Freud, *Gesammelte Werke, cronologisch geordnet, zehnter Band*: Werke aus den Jahren 1913-1917. London: Imago Publishing Co., Ltd.. (Trabalho originalmente publicado em 1914)
- Garcia-Roza, L. A. (2001). *Palavra e verdade: na filosofia antiga e na psicanálise*. (4a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Gerez-Ambertín, M. (2020). Topologia do aparato psíquico freudiano e do inconsciente: (da Carta 52 ao isso-inconsciente e da bolsa freudiana à garrafa de Klein em Lacan). *Estudos de Psicanálise*, (54), 17-23. Recuperado em 22 de junho de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372020000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372020000200002&lng=pt&tlng=pt).
- Granon-Lafont, J. (1990). *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Japiassu, H. (1998). *Psicanálise: ciência ou contraciência?* (2a ed.). Rio de Janeiro: Imago Ed..

- Jorge, M. A. C. (2017) *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 3: a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, trad., pp. 869-892), Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente escrito em 1965 e publicado em 1966)
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan, *Outros escritos*. (V. Ribeiro, trad.), Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente escrito em 1972)
- Lacan, J. (2003). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: Resumo do seminário de 1964. In J. Lacan, *Outros escritos*. (V. Ribeiro., trad.), Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente escrito em 1965)
- Lacan, J. (2012). *Séminaire 5: Les formations de l'inconscient*. Recuperado de [http://www.valas.fr/IMG/pdf/S5\\_FORMATIONS\\_.pdf](http://www.valas.fr/IMG/pdf/S5_FORMATIONS_.pdf) (Seminário originalmente realizado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2012). *Séminaire 9: L'identification*. Recuperado de [https://www.valas.fr/IMG/pdf/S9\\_identification.pdf](https://www.valas.fr/IMG/pdf/S9_identification.pdf) (Seminário originalmente realizado em 1961-1962).
- Lacan, J. (2014). *Séminaire 10: L'angoisse*. Recuperado de <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-L-angoisse-X-1962-1963,324?lang=fr> (Seminário originalmente realizado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2012) *Séminaire 11: Les fondements de la psychanalyse*. Recuperado de <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-Les-fondements-de-la-psychanalyse-1964-XI,278?lang=fr> (Seminário originalmente realizado em 1964).
- Lacan, J. (2012). *Séminaire 13: L'objet de la psychanalyse*. Recuperado de <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-l-objet-de-la-psychanalyse,258?lang=fr> (Seminário originalmente realizado em 1965-1966).

- Lacan, J. (2012). *Séminaire 20: Encore*. Recuperado de <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-Encore-1972-1973,286?lang=fr> (Seminário originalmente realizado em 1972-1973).
- Lacan, J. (2012). *Séminaire 21: Les non-dupes errent*. Recuperado de [http://www.valas.fr/IMG/pdf/S21\\_NON-DUPES---.pdf](http://www.valas.fr/IMG/pdf/S21_NON-DUPES---.pdf) (Seminário originalmente realizado em 1973-1974).
- Lacan, J. (2014). *Séminaire 22: R.S.I.* Recuperado de <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-RSI-1974-1975,288?lang=fr> (Seminário originalmente realizado em 1974-1975).
- Lacan, J. (2014). *Séminaire 26: La topologie et le temps*. Recuperado de <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-La-topologie-et-le-temps-1978-1979-en-francais-et-en-espagnol,203?lang=fr> (Seminário originalmente realizado em 1978-1979).
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1991). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Leite, M. P. de S.. (2001). Diagnóstico, psicopatologia e psicanálise de orientação lacaniana. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 4(2), 29–40. <https://doi.org/10.1590/1415-47142001002004>
- Lispector, C. (2019). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco. (Livro originalmente publicado em 1973).
- Mannoni, O. (1992). *Um espanto tão intenso: A vergonha, o riso, a morte*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Milner, J. C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. (P. Abreu, trad.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Monteiro Silva, J., & Fontenele, L. (2013). Considerações sobre a trajetória do conceito de defesa em Freud e sua retomada por Lacan. *Revista aSEPHallus, Rio de Janeiro, vol. VIII, n. 15, Nov./2012 a out./2013, p. 13-34.* [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_15/artigo\\_01.html](http://www.isepol.com/asephallus/numero_15/artigo_01.html)
- Nasio, J. D. (2011). *Introdução à topologia de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Penna, A. G. (2000). *Introdução à epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago Ed..
- Pommier, G. (1992). *A Neurose infantil da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Psicanálise Novamente. (2020, julho 14). *MD Magno – Topologia da Banda de Moebius* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=zRvU2QI67xY> (Conferência original de 1999).
- Rosa J. G. (2016). A terceira margem do rio. In J. G. Rosa, *Primeiras histórias* (16a ed., pp. 67-72). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Livro original publicado em 1962).
- Stewart, I. (2014). *Em busca do infinito: uma história da matemática dos primeiros números à teoria do caos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Veloso, C. (1977). Gente. In C. Veloso, *Bicho*. Polygram, Philips.